

Marivane Chiesa
Organizadora



Bienvenu Shelter

20 anos de acolhida, cuidado e empoderamento



BIENVENU SHELTER

**20 ANOS DE ACOLHIDA,
CUIDADO E EMPODERAMENTO**

SÉRIE MEMÓRIAS

6. Laura Bondi. **Madre Assunta Marchetti uma vida missionária**

5. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1971-2001**

4. Província Maria, mãe dos migrantes – Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas (Org.). **Profecia Itinerância Caminho. 15 anos de Serviço aos Migrantes**

2. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1934-1971**

1. Lice Maria Signor. **Irmãs Missionárias de São Carlos, scalabrinianas – 1895-1934**

Esta obra foi publicada em dois volumes contemporaneamente, em português e em inglês, ambos impressos e em E-book.

MARIVANE CHIESA
Organizadora

BIENVENU SHELTER

20 ANOS DE ACOLHIDA,
CUIDADO E EMPODERAMENTO



Brasília
2021



Bienvenu Shelter
For Refugee Women and their Children

Joanesburgo
2021

Organizadora: Marivane Chiesa
Revisão e tradução: Brenda Ribeiro
Capa: Dirce Perini – **Fotos contracapa:** Arquivos do Bienvenu Shelter
Diagramação: Traço Diferencial
Coordenação de produção editorial: Carmem Lussi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bienvenu Shelter : 20 anos de acolhida, cuidado e empoderamento / organização Marivane Chiesa. -- Brasília, DF : CSEM, 2021. -- (Série memórias ; 7).
160 p.; il.; 22 cm.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89199-09-0

1. Abrigos – Aspectos sociais. 2. Acolhimento. 3. Crianças e adolescentes – Cuidados institucionais. 4. Depoimentos – Coletâneas. 5. Entrevistas. 6. Migrantes – Aspectos sociais. 7. Refugiados – Cooperação internacional. I. Chiesa, Marivane. II. Série.

21-95866

CDD – 362.732

Índices para catálogo sistemático:

1. Abrigos : Comunidades de acolhida e socioeducação : Crianças e adolescentes : Bem-estar social
362.732

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB 1/3129



SRTVN 702 – Conj. P – Ed. Brasília Rádio
Center – Sobrelojas 01/02
70719-900 – Brasília/DF – Brasil
Tel. +55 61 3327 0669
E-mail: csem@csem.org.br
www.csem.org.br



36, Terrace Road
Bertrams, 2094 Johannesburg
República da África do Sul
Tel: 0027 11 624 2915
E-mail: info@bienvenushelter.org
www.bienvenushelter.org/

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

*Às mulheres migrantes e refugiadas
que passaram pelo Centro de Acolhida Bienvenu
ao longo desses 20 anos de caminhada.
Vocês deixaram suas marcas de fé e esperança.
E à Ir. Melanie Hester (in memorian),
primeira Irmã Missionária Scalabriniana que,
com coragem e determinação, deu início a esta missão.*

A Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo, Scalabrinianas (MSCS), fundada na Itália em 1895, tem como propósito específico o serviço evangélico e missionário aos migrantes e refugiados, especialmente aos mais pobres em situações de maior vulnerabilidade. Em 2021 realiza sua missão atuando em 27 países do mundo.

As Irmãs MSCS contemplam a mobilidade humana desde a perspectiva da fé e veem nos migrantes/refugiados a imagem do Cristo peregrino: “Fui estrangeiro e você me acolheu”; vivem a acolhida e a solidariedade, assumem a itinerância apostólica e testemunham a comunhão na diversidade.

Com sua força feminina e sinal de esperança no mundo, comprometem-se com o anúncio do Evangelho, o testemunho de vida, a inculturação do Carisma Scalabriniano em diferentes contextos e a acolhida capaz de reforçar as pessoas em situação de mobilidade como protagonistas da comunhão entre os povos.

As Irmãs MSCS estão presentes na África do Sul desde 1992.



www.scalabriniane.org

Participaram dessa publicação:

Lisa de Sousa – Coordenadora Operacional

Adilia de Sousa – Coordenadora de Projeto

Suzan Kelly – Contadora

Cheryl Palframan – Secretária

Mulheres refugiadas assistidas, que aparecem no livro com pseudônimos Colaboradores e colaboradoras entrevistados/as durante a pesquisa para coleta de dados

Também colaboraram:

Carmem Lussi

Igor B. Cunha

Maria do Carmo dos Santos Gonçalves

Marizete Garbin

Marlene Elisabete Wildner

Roberto Marinucci

Tuila Botega

Vitor C. Camargo de Melo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO / 9

INTRODUÇÃO / 11

Capítulo 1 / 18

1 Realidades que impulsionaram o projeto / 19

1.1 Breve contextualização sobre a mobilidade humana / 20

1.2 Um começo marcado pela cooperação e solidariedade / 25

Capítulo 2 / 34

2 O Centro de Acolhida Bienvenu / 35

2.1 Centro Bienvenu: acolher, cuidar e promover / 36

2.2 Atendimento integral / 40

2.3 Há 20 anos ajudando a reconstruir vidas / 45

Capítulo 3 / 54

3 Centro Bienvenu – 20 anos de acolhida / 55

3.1 Maternal Madre Assunta / 60

3.2 Creche *Lovely Bears* / 61

3.3 Reforço escolar / 63

3.4 Cursos de formação profissional / 66

3.5 Curso de idioma / 68

3.6 Programa de apoio comunitário / 70

Capítulo 4 / 78

4 Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta / 79

4.1 Empoderamento / 83

4.2 Os cursos de subsistência oferecidos / 86

4.3 Passo a passo, faz-se o caminho / 89

4.4 O olhar para o futuro próximo / 90

Capítulo 5 / 92

5 Mulheres e crianças refugiadas / 93

- 5.1. Grace, a educadora / 94
- 5.2. Khelly, a batalhadora / 96
- 5.3. Josy, a cuidadora / 98
- 5.4. Brunette, a que sabe com quem pode contar / 100
- 5.5. Destaque para situações especiais vividas no Centro / 102
- 5.6. Protagonistas / 107

Capítulo 6 / 110

6 Desafios do Centro de Acolhida Bienvenu / 111

- 6.1 Trabalho em rede / 114
- 6.2 Espiritualidade e protagonismo / 118
- 6.3 Resiliência, dificuldades e oportunidades / 121

Capítulo 7 / 126

7 Acolhida e cuidado durante a pandemia / 127

- 7.1 O Centro de Acolhida Bienvenu durante a pandemia de Covid-19 / 129
- 7.2 Impactos sociais da pandemia no Centro e à sua volta / 134
- 7.3 Programa de apoio comunitário / 138
- 7.4 Impactos da pandemia sobre a equipe do Centro / 143
- 7.5 O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta durante pandemia / 147

CONSIDERAÇÕES FINAIS / 151

UM OLHAR DE ESPERANÇA PARA O FUTURO / 151

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / 154

PARCEIROS, DOADORES E FINANCIADORES DURANTE

ESSES 20 ANOS / 155

APRESENTAÇÃO

Ao tomar posse como Bispo de Joanesburgo em 2003, percebi novos desafios de compreensão do precioso trabalho realizado pelo Bienvenu Shelter em sua capacidade de responder às necessidades das mulheres e crianças migrantes e refugiadas em Joanesburgo.

A Arquidiocese de Joanesburgo, abençoada pelo Senhor com uma vasta riqueza de dons, criou este espaço de vida e de serviço, para acolher, apoiar e cuidar de tantas mulheres e crianças migrantes e refugiadas, incluindo os habitantes locais, diariamente. As Irmãs Missionárias Scalabrinianas, conduzindo com dedicação este ministério, deram-nos a oportunidade de compreender a missão de cuidar e servir migrantes e refugiados.

Embora o Bienvenu Shelter tenha crescido e melhorado seu serviço às mulheres e crianças que vêm de longe, esse carinho e cuidado também alcança aqueles que estão passando por traumas, que sofrem xenofobia, discriminação e violência. Além disso, as pessoas da comunidade local que são apoiadas veem o Bienvenu Shelter – em seus vinte anos de existência – como uma bênção em seu bairro.

Este centro de acolhida é importante para as nossas comunidades, pois representa o amor de Deus que se doa, servindo e protegendo a vida dos necessitados, pessoas que Jesus Cristo escolheu para representar o seu amor: “Era forasteiro e me acolhestes” (Mt 25,35). O Centro de Acolhida é um sinal vivo do amor de Deus entre nós. É uma ferramenta importante que dá esperança para mulheres e crianças migrantes e refugiadas, e também as auxilia na integração à comunidade de acolhimento. Ao lado das Irmãs Scalabrinianas, da direção e funcionários, voluntários, colaboradores, doadores, amigos e ex-moradores que trabalham para apoiar o Centro, a Igreja local também está presente para acompanhar os migrantes e refugiados.

Peço a Deus para abençoar continuamente o Bienvenu Shelter com histórias de sucesso de mulheres fortes que, após sua estadia no centro de acolhida, saem para consolidar sua vida recém-reconstruída. Rezo para que as Irmãs Missionárias Scalabrinianas tenham vocações que permitam que este ministério continue a testemunhar o amor que faz novas todas as coisas (Ap 21,5) – o mesmo amor que é paciente e bondoso, o amor que “não é invejoso, não se ostenta, não se incha de orgulho, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor, não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.” (1Cor 13,4-7).

+ Buti Tlhagale
+Buti Tlhagale, OMI
Archbishop of Johannesburg



Buti Tlhagale, OMI
Arcebispo de Joanesburgo

Joanesburgo, 23 de março de 2021.

INTRODUÇÃO

Nos sorri uma grande esperança

(Madre Assunta Marchetti)

Era o início do novo milênio e na cidade de Joanesburgo, como no mundo inteiro, a igreja celebrava o jubileu, celebração de bíblica memória, em que se libertavam os escravos e se perdoavam as dívidas.

Nessa cidade, mulheres missionárias e mulheres refugiadas ansiavam por soluções e projetos que tivessem o poder da esperança e a força de reconstruir vidas. Nos diálogos, encontros e esforços de articulações multilaterais, um sonho foi ganhando forma e um projeto foi sendo estruturado, com apoio da igreja local, das lideranças migrantes e refugiadas, de colaboradores e muitas voluntárias/os, que se somaram às Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que lideravam a iniciativa.

A solidariedade de muitos e, em particular, a fé dessas mulheres corajosas fizeram o milagre do jubileu se tornar um projeto que tomou corpo em forma de centro de acolhida, que também ajuda, orienta, apoia, fortalece, capacita, estimula, acompanha e celebra, ainda hoje – e que promete fazê-lo ainda por muitos anos – todos os que precisarem. Em 23 de março de 2001, graças a um conjunto de fatores positivos e à solidariedade compartilhada, ideias, recursos, serviços e amor, fizeram surgir em um bairro periférico da cidade de Joanesburgo, uma casa para mulheres e suas crianças refugiadas que levou o nome de Centro de Acolhida Bienvenu para mulheres e crianças refugiadas (Bienvenu Shelter for Refugee Women and their Children). O nome do Centro de Acolhida é uma homenagem ao fundador da congregação das Irmãs da Sagrada Família, Pierre-Bienvenu Noailles, que doou o imóvel onde a obra foi iniciada.

No serviço pastoral desenvolvido junto à igreja local pelas Irmãs Missionárias Scalabrinianas, junto e em favor de pessoas imigrantes e, especialmente, de refugiadas, muitas dessas pessoas vindas de outros países encontravam o conforto da fé, o apoio do serviço solidário, a amizade que articula relações de suporte e proteção. À essa altura as atividades e atendimentos a essas pessoas – que em sua maioria, chegavam à África do Sul fugindo de conflitos e perseguições – aconteciam em lugares públicos, o que não era o ideal em termos de segurança e privacidade. A falta de um espaço físico seguro, específico e especializado para mulheres refugiadas – especialmente quando com elas havia crianças em situações graves de necessidade – interpelava as lideranças e mobilizava as comunidades étnicas. Organizações eclesiais e da sociedade civil que atuavam em favor dessa população encorajavam os esforços na busca por soluções duradouras. A solidariedade entre conacionais e entre mulheres pobres não podia abarcar todas as situações e as organizações que atuavam com atividades e projetos junto a migrantes e refugiados se uniram, somando esforços. A igreja local apoiou e colaborou na busca por respostas aos desafios da população em mobilidade, especialmente a necessidade de moradia digna e apoio para acesso a direitos e a serviços básicos para mulheres e crianças refugiadas.

Na mente e no coração de quem atuava com mulheres refugiadas em situação de grave vulnerabilidade, era muito clara a necessidade de conseguir um espaço para constituir um centro de acolhida residencial que respondesse aos casos emergenciais e pudesse crescer futuramente, captando recursos e profissionais para alcançar outras realidades, como a regularização do status migratório e a inserção sociolaboral. Entraram em cena, então, uma série de ações de articulação com atores, instituições e profissionais que fizeram o sonho se tornar projeto e iniciar a concretizar-se.

Desde o ano 2000, nos bastidores, havia articulações preparando o projeto, como uma reunião realizada na residência das Irmãs Scalabrinianas, Bairro Yeoville em Joanesburgo, no mês de setembro daquele ano, entre a Congregação das Irmãs da Sagrada Família, o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) e a então Superiora Provincial das Missionárias Scalabrinianas da Província Cristo Rei – Ir. Maria do Rosario Onzi, acompanhada da Conselheira Provincial

do Apostolado, Ir. Egidia Muraro e das Irmãs Marlene Wildner e Marivane Chiesa.

Enquanto isso, para celebrar o Jubileu, a congregação das Irmãs da Sagrada Família decidiu doar 10% dos seus bens para obras sociais e fez doação de um imóvel no bairro Bertrams, subúrbio de Joanesburgo, para a instalação do Centro de Acolhida. A congregação das Irmãs da Sagrada Família foi fundada em Bordeaux França em 1820 e tem como missão compartilhar com Jesus a reunião da Família de Deus, ser sinal de comunhão em um mundo dividido e se dedica ao ministério educacional e assistencial, por meio de suas escolas, catequese paroquial, orfanatos e lares infantis.

A congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (MSCS), que atuava na Arquidiocese de Joanesburgo com a animação da Pastoral para os Refugiados, assumiu inicialmente a responsabilidade da gestão do projeto e da gestão da instituição, atuando no Centro de Acolhida Bienvenu até hoje, com o apoio formal da entidade jurídica que foi constituída para gerenciar a obra. A Congregação das Irmãs MSCS foi fundada em Piacenza (Itália), no dia 25 de outubro de 1895, e tem por fundador o Beato João Batista Scalabrini e por cofundadores o Venerável Pe. José Marchetti e a Bem-Aventurada Madre Assunta Marchetti. A finalidade própria da Congregação MSCS é o serviço evangélico-missionário aos migrantes, preferencialmente aos pobres em situação de vulnerabilidade (Normas Constitucionais da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, nº 113). As Irmãs MSCS vivenciam sua missão no mundo através da atuação em diversos campos de atenção às pessoas em mobilidade. Atualmente, além do trabalho realizado na África do Sul, as irmãs MSCS marcam presença no continente africano em Angola e Moçambique, e em outros 24 países do mundo, em quatro continentes. O carisma Scalabriniano acolhe como desafio as complexas realidades da mobilidade humana na era da globalização e coloca-se a serviço das pessoas em situação de mobilidade.

O trabalho em conjunto também contou com a participação dos padres Jesuítas, através do Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS), organização internacional ligada à Companhia de Jesus, que tem a finalidade de acompanhar, servir e defender os refugiados e pessoas em deslocamentos forçados. A instituição contribuiu na captação de

recursos através de pequenos projetos iniciais para ajudar a pagar contas de luz, água e outros custos relacionados com as necessidades básicas da nova instituição, além de assegurar apoio jurídico e de gestão financeira nos primeiros anos.

Anonimamente, em muitos casos, e constantemente por anos e anos, com compromisso e muita dedicação às famílias, especialmente algumas lideranças da comunidade portuguesa de Joanesburgo, fizeram a diferença para que este Centro de Acolhida viesse à luz e prosperasse, apesar de imprevistos e inúmeras dificuldades que enfrentou nas duas décadas de sua existência.

No início – e principalmente com o aumento dos programas e projetos que buscavam dar respostas aos desafios, necessidades e demandas que iam surgindo de um número cada vez maior de pessoas refugiadas – os financiadores foram atores fundamentais para o Centro Bienvenu chegar a ser o que é hoje e superar dificuldades, imprevistos e outros entraves. Aos financiadores, que aparecem listados no final deste volume, e a todos/as profissionais que conduziram negociações, supervisão e as diversas formas de interlocução durante estes muitos anos: grande e sincera gratidão ecoam da direção do Centro de Acolhida Bienvenu, das Irmãs Scalabrinianas e, mesmo sem o saber, das milhares de pessoas que receberam os benefícios ofertados graças aos recursos recebidos dos amigos, doadores, financiadores e apoiadores do Centro Bienvenu e de suas iniciativas.

No ano em que comemoramos o vigésimo aniversário desta caminhada, as mulheres, crianças e funcionários do Centro de Acolhida Bienvenu foram verdadeiramente abençoados e emocionados ao receber um presente de aniversário muito necessário e muito especial de MISEREOR: um novo miniônibus, que chega para atender uma necessidade reconhecida por um doador que há anos acompanha e fortalece a instituição em seus sonhos, projetos e esforços. Nossa gratidão! O presente foi inaugurado exatamente na celebração dos 20 anos, dia 23 de março de 2021, na Paróquia São João Apóstolo, Flórida, com o transporte de residentes e funcionárias/os para participarem da Celebração Eucarística, de Ação de Graças, presidida pelo Chanceler da Arquidiocese de Joanesburgo e Presidente do Conselho Deliberativo, Pe. Jean Marie Did'Ho Kuzituka.

Esta obra é o resultado de estudo e pesquisa de campo realizados pelo Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – (CSEM) em finais de dezembro de 2018 e início de janeiro de 2019. O pesquisador Igor B. Cunha, então funcionário do CSEM, realizou 18 entrevistas, das quais 8 com mulheres refugiadas e migrantes e 10 com voluntários, funcionários e colaboradores, para além de consultas documentais. Sucessivamente, com a colaboração de outros profissionais do CSEM e com a ajuda de pessoas voluntárias, foi possível completar esta obra. Agradecemos à direção do CSEM e a todos/as que aceitaram participar com entrevistas formais e informais, com testemunhos, ideias e textos na construção deste importante registro histórico.

Ao celebrar os 20 anos dessa caminhada, com uma demanda de atenção e serviço ainda maior do que aquela que deu origem ao Centro de Acolhida Bienvenu, a direção e toda equipe que atualmente gerencia a instituição, após escutar atores que participaram deste projeto desde o princípio, no decorrer desses longos anos e atualmente, apresenta à comunidade, à igreja local e aos voluntários/as e benfeitoras/es este breve volume.

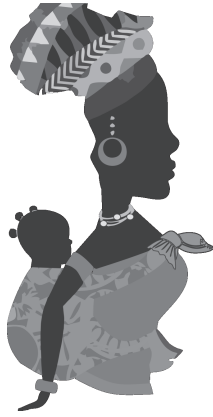
Com esta iniciativa fica também registrada a gratidão, na forma de agradecimento e de reconhecimento a todas as pessoas que fizeram parte desta caminhada, especialmente às mulheres e crianças que confiaram no Centro de Acolhida Bienvenu, em sua equipe de Irmãs, profissionais e voluntários/as, e que sempre ensinaram com suas vidas, seus testemunhos, suas lutas; por todo amor dado e recebido no Centro Bienvenu. Os mesmos sentimentos de gratidão se estendem aos profissionais da equipe do Centro que durante esses 20 anos colaboraram para o êxito dessa missão; aos inúmeros benfeitores/as, parceiros e representantes das instituições que apoiaram e fizeram a diferença para o sucesso desta história.

O objetivo desta publicação é a gratidão que anima os caminhantes e todos os que fizeram parte dessa história; é o reconhecimento por tantos dons e pessoas-dom que abençoaram este projeto, e é o *Deo gratias* do Pe. Marchetti, que desde as origens da Obra Scalabriniana sabe bendizer a Deus por tudo. E pelas muitas razões para a gratidão e o louvor por essa obra, que as milhares de pessoas beneficiadas através dela não cessam de proclamar. Com elas este volume registra a narrativa da gratidão por todas as pessoas e instituições que fizeram o projeto inicial acontecer, depois ganhar corpo e se fortalecer, e seguir

respondendo aos novos desafios que cotidianamente, mês a mês, ano após ano, vão surgindo nas trajetórias de mulheres e meninas, mães e crianças refugiadas nesta terra sul-africana.

Joanesburgo, 23 de março de 2021 – Celebrando 20 anos!

Ir. Marivane Chiesa, mscs
Diretora do Centro de Acolhida Bienvenu



CAPÍTULO 1



Fui admitida no Centro Bienvenu no dia 3 de dezembro do ano passado, nessa altura estava seriamente doente, indocumentada e não tinha ninguém a quem recorrer.

Hoje estou bem de saúde e tenho documentos. Gostaria de agradecer a acolhida. E pelas calorosas boas-vindas que me deram.

Deus os abençoe a todos e que continuem a ajudar mulheres da mesma forma que me ajudaram. Obrigada por devolverem minha esperança e pelo recomeço que me deram.

Para além da minha família biológica, vocês se tornaram a minha família. Muito obrigada por tudo.

*Atenciosamente.
(Jessy* – do Zimbábue – s.d)*

*Todos os nomes das mulheres migrantes ou refugiadas utilizados neste volume são pseudónimos, por respeito às interessadas, para preservar suas identidades.

1

REALIDADES QUE IMPULSIONARAM O PROJETO

Dois movimentos marcaram o processo de ideação e a construção do projeto que tomou forma, após alguns anos de buscas e convergência de esforços, no que hoje temos em Bertrams, subúrbio de Joanesburgo, como uma obra grandiosa que responde a muitos desafios que mulheres, crianças e famílias refugiadas vivem: o Centro de Acolhida Bienvenu e seu centro profissionalizante, o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta. Por um lado, o momento histórico da mobilidade humana na região, em que a presença de pessoas de dezenas de países que buscam refúgio na cidade passava de uma maioria maciça de homens para uma diversidade de perfis – que incluía esposas e filhos/as dos homens que haviam chegado antes – e que, com o passar do tempo, incluiu um aumento considerável de mulheres que estavam fugindo, independentemente de contar ou não com apoio de alguém de referência da família em Joanesburgo. Ao mesmo tempo, algumas religiosas articularam e mobilizaram todos os atores que conseguiram identificar como possíveis parceiros – entre elas, destacaram-se duas missionárias da Congregação das Irmãs Scalabrinianas e uma da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, que atuavam na Arquidiocese de Joanesburgo na animação e coordenação pastoral, atuando junto (e para) migrantes e refugiados, identificando a emergente e desafiadora necessidade de encontrar acolhida emergencial para mulheres e suas crianças refugiadas.

Na fé, e com a perspectiva da missionariedade scalabriniana, a releitura que se faz depois de duas décadas de exitoso desenvolvimento daquele sonho, configurado inicialmente como projeto, tendo se

transformado em ponto de referência e sinal de esperança para muitos/as, é o da gratidão e do reconhecimento, que estas páginas registram como memória e como esforço de valorização dos passos dados.

Antes de entrar nos detalhes de como o Centro de Acolhida Bienvenu surgiu, vamos recolher neste capítulo os elementos de contextualização sobre a mobilidade humana e as principais articulações iniciais e de mobilização dos atores envolvidos na ideação e construção desse projeto que completa 20 anos de realizações.

1.1 Breve contextualização sobre a mobilidade humana

A mobilidade humana na África é um complexo cenário, extremamente amplo e diversificado. Para sinalizar alguns elementos que compõem a conjuntura das migrações africanas, sobretudo aquelas forçadas, e dos recentes desafios relativos a essa realidade (de Joanesburgo, África do Sul) são registrados a seguir, em algumas páginas, elementos sobre a realidade da mobilidade humana a partir do ponto de vista das pessoas que compõem o trabalho e as relações do Centro de Acolhida Bienvenu; um olhar sociopastoral e humanitário.

Como afirmam Patrício e Peixoto, “as dinâmicas migratórias recentes [na África] apontam para contextos híbridos, em que muitos países são concomitantemente emissores, receptores e locais de trânsito, os quais podem trocar de posição ao longo do tempo em função da conjuntura interna e externa” (2018, p. 13). A dinamicidade das conjunturas, além da multiplicidade das tipologias, dos atores e das motivações, dificulta bastante o processo de coleta de dados e de outras informações sobre a mobilidade humana no continente. O cenário é muito heterogêneo no continente e as tentativas de analisar a migração africana como um todo pode ser simplista e perigosa, devido ao risco de sustentar estereótipos.

Ainda assim, conforme a OIM (2020), em 2019, 21 milhões de africanos viviam no continente, em um país diferente daquele de nascimento. Esses números atestam como a migração africana segue sendo prioritária e como às vezes é inevitável o deslocamento para países limítrofes, sobretudo no âmbito Sul-Sul.

Conforme mencionado, tal migração apresenta diversas tipologias. No que diz respeito aos deslocamentos internos, cabe destacar aqueles provocados por conflitos bélicos e por eventos ambientais, e o fenômeno da urbanização, protagonizado por pessoas que abandonam sua terra natal com vistas a usufruir dos serviços e das oportunidades oferecidos pelas cidades, no próprio país e, eventualmente, em outros países. Entre as oportunidades, cabe destacar a questão laboral que alimenta a migração em busca por trabalho. Pessoas, geralmente com baixa ou média qualificação, se deslocam para centros urbanos ou para outros países em busca de melhores salários ou condições de vida. Importante ressaltar que essa variada gama de motivações para os diversos tipos de deslocamento pode se dar no âmbito interno, internacional e intercontinental.

No contexto africano, cabe apontar a hegemônica incidência da então chamada “migração forçada”, ainda que esse termo seja objeto de vários debates e críticas, a expressão indica deslocamentos geográficos induzidos por fatores externos e internos que limitam, mas não eliminam, o protagonismo de seus atores, dos quais os refugiados que conseguem proteção são uma pequena parte, apesar dos números oficiais indicarem contingentes altos (Inglês, 2015). Segundo o *African Center for Strategic Studies* (2021), em 2021 mais de 32 milhões de africanos são deslocados internos, refugiados ou solicitantes de refúgio, o que representa 3 milhões a mais do que em 2020.

A pessoa refugiada, conforme a Convenção de Genebra de 1951 e o Protocolo de 1967, é aquela que sofre fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, participação em determinado grupo social ou opiniões políticas, não podendo ou não querendo, por isso, valer-se da proteção do seu estado de origem. Nos anos posteriores, na África, a Organização da Unidade Africana (hoje União Africana) ampliou a definição, abrangendo pessoas que “em virtude de uma agressão, ocupação, ou dominação estrangeira, e de acontecimentos que perturbem gravemente a ordem pública – em parte ou na totalidade de seu país de origem, ou do seu país de nacionalidade – se vê obrigada a abandonar sua residência habitual para buscar refúgio em outro lugar, fora de seu país de origem ou de nacionalidade” (Saadeh, Mayumi Eguchi, s.d).

Conforme relatório do ACNUR (2020), entre os primeiros 10 países de origem de refugiados ou solicitantes de asilo do mundo,

cinco estão na África: Sudão do Sul, Sudão, Somália, República Democrática do Congo e República Centro-africana. Não raramente, conflitos bélicos e violações generalizadas de direitos humanos levam grupos de deslocados forçados até a África do Sul. Em 2021, a África Austral acolheu 6,5 milhões de deslocados internos e 1,1 milhão de refugiados e requerentes de asilo originários, principalmente, de Ruanda, República Centro-Africana (CAR), República Democrática do Congo (RDC), Burundi e Sudão do Sul (African Center for Strategic Studies, 2021).

A África do Sul se destaca pelo expressivo número de imigrantes (cerca de 4 milhões de pessoas), o que representa 7% da população. Cabe salientar que em 2005 essa porcentagem era de 2,8%. A África do Sul tem se destacado, por um lado, pela acolhida de pessoas refugiadas – conforme relatório do ACNUR (2020), eram cerca de 89 mil no final de 2019 – por outro lado, é palco de numerosas manifestações xenofóbicas, com atos de violência contra estrangeiros. Uma boa parte desses refugiados e solicitantes de asilo vive nas periferias mais pobres da cidade de Joanesburgo com limitado acesso a oportunidades de sobrevivência socioeconômica, expostos a elevados riscos de violência, xenofobia e criminalidade, além de muitas dificuldades de acesso aos serviços de saúde, educação e documentação.

Mesmo não incluídos explicitamente nas definições jurídicas de refúgio, entre os migrantes forçados devem constar também os chamados deslocados ambientais ou deslocados climáticos. Nos últimos anos o continente foi palco de numerosos eventos climáticos – enchentes, estiagens, ciclones, desertificações – que afetaram o cotidiano de milhões de pessoas. Na África Meridional, por exemplo, os ciclones Idai e Kenneth, em 2019, afetaram países limítrofes à África do Sul, como Moçambique, Malawi e Zimbábue. Essas migrações, mesmo não se enquadrando na definição estatutária de refúgio, podem ser legitimamente consideradas migrações forçadas. Finalmente, não pode ser esquecido o fenômeno do tráfico de pessoas (*trafficking*) para fins de exploração sexual ou tráfico de órgãos, ao qual se soma também o sequestro de crianças para a formação das chamadas crianças-soldado.

No contexto africano, a África do Sul se destaca também como país de atração de trabalhadores, oriundos sobretudo de Lesotho,

Malawi, Zimbábwe e Moçambique. Quase sempre à questão laboral se soma o tema da moradia e da regularização migratória. O processo de renovação de documentação, executado pelo *Home Affairs*, sofre volatilidade de políticas. De acordo com relatos de instituições que prestam apoio aos refugiados, não são raras as vezes em que eles conseguem a renovação por 6 meses, e, em seguida, recebem o direito de apenas algumas semanas de permanência.

A migração de trabalhadores e os deslocamentos de refugiados comportam, por vezes, também a mobilidade de trabalhadores qualificados, o que implica a perda de recursos humanos importantes, principalmente na área da saúde. Em outros casos, por outro lado, o que ocorre é a migração de estudantes que se deslocam de forma regular ou irregular em busca de oportunidades de formação e estudo.

Já no que verte às migrações extracontinentais, merecem destaque os deslocamentos de trabalhadores migrantes africanos para a Europa e Oriente Médio. Muitos desses migrantes se deslocam de forma irregular, não raramente auxiliados por redes de atravessadores (*smugglers*). A migração administrativamente irregular é muito comum no continente africano, não apenas em relação a trabalhadores, mas também a solicitantes de refúgio que encontram com frequência numerosas dificuldades para regularizar o próprio *status*, situação essa que o Centro de Acolhida Bienvenu enfrenta (com apoio de sua rede de voluntários/as e organizações), orientando e apoiando as mulheres e crianças acolhidas e seus familiares também para a regularização da condição migratória no país.

A reflexão sobre o fenômeno migratório no caso sul-africano assume uma complexidade específica, a qual exige considerar as consequências enraizadas do regime do apartheid, bem como suas atualizações e aplicações nessa sociedade, que as relacionam com a exploração laboral, a xenofobia e a adoção de políticas migratórias restritivas, excludentes e securitárias que dificultam cada vez mais o processo de aquisição e exercício da cidadania. Trata-se de uma xenofobia multifacetada que cria um ambiente hostil aos migrantes e refugiados, aumentando o poder de polícia e incitando os cidadãos a denunciar os “migrantes ilegais” às autoridades estatais, numa disputa entre negros “nativos” pobres contra negros “estrangeiros” pobres (Schierup, 2018).

Entre os fatores que mais alimentam a fuga de pessoas refugiadas na África há, sem dúvida, guerras e conflitos armados. Estima-se que no início de 2020, aproximadamente 25 países africanos estavam em conflito, com destaque para República Democrática do Congo, República Centro-africana, Somália, Mali, Burkina Faso, Sudão e Sudão do Sul. As consequências em termos de direitos humanos são desastrosas, sobretudo no que diz respeito à saúde psicofísica de mulheres e crianças, o que explica ampla parte dos esforços dos profissionais do centro de acolhida e de suas parcerias para prevenir e tratar sofrimentos psicológicos, traumas e doenças psíquicas que se registram entre as crianças e adultas acolhidas.

A realidade de graves ameaças e riscos é retratada nos percursos relatados pelas mulheres acolhidas no Centro Bienvenu. Muitas provêm de países onde ocorrem frequentes violações de direitos humanos e/ou conflitos armados, como é o caso da República Democrática do Congo, país de origem da maioria das mulheres e crianças acolhidas na instituição, assim como do Zimbábue, Malawi, Burundi, Sudão do Sul e da Etiópia. Em sua maioria, são pessoas que foram vítimas de abuso de poder, violações de liberdade e/ou violações sexuais. São inúmeros os casos de mulheres e crianças vítimas de tortura acolhidas no Centro Bienvenu.

Em termos gerais, considerando o perfil de pessoas atendidas no Centro Bienvenu, percebe-se a prevalência de refugiadas oriundas da África Oriental, num corredor que do Sudão desce até a África do Sul. A Tabela a seguir mostra as quatro principais **nacionalidades** das pessoas alojadas no Centro de Acolhida, de acordo com o ano e sua porcentagem de incidência. Pode-se observar que a RDC, no espaço de tempo de referência entre 2008 e 2020, é sempre o país com o maior número de pessoas hospedadas, com exceção de 2008 e 2009. Em seguida, alternam-se sempre Zimbábue e África do Sul, nesse caso também com exceção de 2008 e 2009. O Centro Bienvenu acolhe, em determinadas situações de extrema necessidade, mulheres sul-africanas, especialmente vítimas de violência doméstica e em intermediação com as redes de articulações das quais participa em Joanesburgo. Em quarto lugar aparecem vários países. O aumento de 10% de mulheres sul-africanas acolhidas em 2020 se refere ao aumento dos casos de violência doméstica durante o tempo de pandemia da Covid-19.

Tabela 1.1 – Principais países de origem das pessoas alojadas no Centro Bienvenu, segundo ano, país e porcentagem (2008-2010; 2012-2020)

2008	Zimbábue (53%)	Congo RDC (32%)	Burundi (7%)	Burundi, Ruanda, Uganda, Somália (1%) e outros países
2009	Zimbábue (48%)	Congo RDC (29%)	Burundi (6%)	África do Sul (5%) e outros países
2010	Congo RDC (47%)	Zimbábue (29%)	África do Sul (9%)	Moçambique (4%) e outros países
2012	Congo RDC (51%)	África do Sul (16%)	Zimbábue (14%)	Ruanda (5%) e outros países
2013	Congo RDC (43%)	Zimbábue (15%)	África do Sul (12%)	Lesoto (5%) e outros países
2014	Congo RDC (44%)	Zimbábue (15%)	África do Sul (12%)	Etiópia (6%) e outros países
2015	Congo RDC (43%)	Zimbábue (16%)	África do Sul (10%)	Burundi (6%) e outros países
2016	Congo RDC (45%)	África do Sul (18%)	Zimbábue (9%)	Ruanda (7%) e outros países
2017	Congo RDC (42%)	Zimbábue (21%)	África do Sul (13%)	Etiópia (5%) e outros países
2018	Congo RDC (42%)	Zimbábue (21%)	África do Sul (16%)	Malawi (8%) e outros países
2019	Congo RDC (38%)	Zimbábue (25%)	África do Sul (7%)	Moçambique (6%), Costa do Marfim (5%), Etiópia, Malawi, Suazilândia, Nigéria, Uganda, Burundi, Camarões, Ruanda, Angola, Kenya e Sudão do Sul
2020	Congo RDC (32%)	Zimbábue (26%)	África do Sul (17%)	Suazilândia, Burundi, Malawi, Moçambique, Uganda, Camarões, Lesoto, Ruanda, Sudão do Sul, Etiópia

Fonte: Dados estatísticos de arquivos dos relatórios anuais do Centro de Acolhida Bienvenu

1.2 Um começo marcado pela cooperação e solidariedade

A criação do Centro de Acolhida Bienvenu faz parte da história da presença das Irmãs MSCS no continente africano, sobretudo na África do Sul. A primeira solicitação de abertura de uma missão no país ocorreu em 1986, quando a então Conferência Episcopal Sul Africana formalizou o pedido para que a Congregação MSCS abrisse uma missão com o objetivo inicial de formar e sensibilizar a Igreja local e a sociedade para a realidade migratória do país. O pedido também incluía a perspectiva do acompanhamento na fé aos imigrantes portugueses, assim como a presença junto aos refugiados que se situavam em diferentes locais do país.

Apesar dos esforços em atender a esse pedido, foi apenas no ano de 1992 que a então superiora geral das Irmãs MSCS, Ir. Marissônia Daltoé, juntamente com as Irmãs Isaura Paviani e Ilse Biasibeti, conseguiram pisar em solo africano e ter um primeiro contato com aquela realidade. A partir dessa visita foi definida a abertura de uma comunidade com o objetivo de assumir um serviço missionário na pastoral junto às comunidades de língua latina, particularmente junto aos imigrantes de língua portuguesa, em Odendaalrus, na área de Goldfields, da Diocese de Kroonstad (Signor, 2015).

Essa primeira inserção das irmãs MSCS na África do Sul resultou numa parceria que alcança os dias atuais. Pela comunidade portuguesa a equipe do Centro de Acolhida carrega grande estima, por sua força e generosidade, por prezar pela caridade e por fazer o bem para as pessoas ao redor. Tal comunidade se tornou ao longo da história uma forte apoiadora do trabalho do Centro Bienvenu, fazendo-se presente através de doações, serviços e com relações de atenção e solidariedade.

O mês de setembro de 1992 marcou a chegada das irmãs MSCS – Teresinha Mezalira, Aires Scapini, Maria de Lurdes Zambiasi – na África do Sul, onde se dedicaram à assistência pastoral junto às comunidades eclesiais de migrantes, na Diocese de Kroonstad.

O ano de 1994 foi um marco importante na história da África do Sul, pois a formalização do fim do regime do apartheid além de representar o início de um processo de reparação social para milhares de sul-africanos negros, marcou também profundas mudanças no campo político, social, cultural e religioso do país. Nesse contexto, a questão migratória, que durante a vigência do regime se caracterizava pela invisibilidade da mobilidade humana, passou por significativas transformações e o fato do país ser um dos principais destinos de imigrantes e refugiados provenientes de outros países africanos ganhou visibilidade.

Nesse contexto, o perfil dos migrantes e refugiados se caracterizava por fluxos migratórios masculinos. Os homens se arriscavam, primeiro com a intenção de se estabelecerem, especialmente em Joanesburgo, e, posteriormente, buscavam a reunião familiar, com a preparação para a chegada das mulheres e crianças.

Os crescentes fluxos migratórios e o aumento no número de refugiados em Joanesburgo se apresentavam às Irmãs MSCS como

um grande apelo à implementação de ações que viessem a atender às crescentes demandas sociais apresentadas por esses grupos, tais como moradia com segurança, apoio para documentação, ajuda para acesso a serviços básicos (como saúde e educação), especialmente no que se refere às necessidades de mulheres refugiadas que chegavam ao país acompanhadas de crianças, muitas delas grávidas e sem redes de proteção ou apoio, sem abrigo. Elas muitas vezes acabavam vivendo nas ruas da cidade.

Na esteira dessas mudanças sociais, no final do ano de 1998 as Irmãs Missionárias Scalabrinianas Marlene Elisabete Wildner e Marivane Chiesa iniciaram a missão na África do Sul com refugiados/as, na Arquidiocese de Joanesburgo, “um serviço pastoral junto a refugiados ali numerosos” (Signor, 2015, p. 385). Desde o início, a atuação MSCS se desenvolveu com a construção de articulações com profissionais que atuavam junto aos refugiados e com lideranças eclesiais, tais como a Ir. Cathy Murugan, da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, com a qual somaram forças e uniram estratégias para pensar e organizar serviços que respondessem às emergentes necessidades da população migrante e, especialmente, ao contingente mais vulnerável naquele momento, que eram pessoas em busca de refúgio na África do Sul.

Sendo assim, em 1999, após um período de reflexões e de diálogo com a Diocese de Joanesburgo, representada por Pe. John Fylenson, Vigário Geral, foi criado o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados (*Department of Pastoral Care for Refugees*), onde as Irmãs Missionárias Scalabrinianas passaram a atuar diretamente.

No âmbito da atuação das Irmãs MSCS na Arquidiocese de Joanesburgo, o desafio era o de dinamizar a pastoral para os refugiados, ou seja, ser uma presença de fé e esperança na união dos povos. Naquele contexto, o local de encontro de pessoas migrantes e refugiadas costumava ser ao redor da Catedral Cristo Rei, no centro da cidade. Ali se encontravam para rezar grupos de migrantes e refugiados de muitas nacionalidades, principalmente aqueles de língua inglesa, francesa e portuguesa. Participando e dinamizando essas atividades, as Irmãs MSCS percebiam a necessidade de atender às demandas por acolhimento apresentadas por eles, bem como de providenciar um local próprio que pudesse abrigá-los. De acordo com Ir. Marivane:

Faltava comida, abrigo, transporte, entre outras coisas. O contexto da época era o pós-apartheid, quando a África do Sul tinha acabado de abrir suas portas para os refugiados de outros países africanos. O centro de Joanesburgo, que era ocupado unicamente por brancos durante o apartheid, atraiu pessoas de várias origens, após o fim do regime (Ir. Marivane Chiesa – Diretora do Centro de Acolhida Bienvenu – 02.12.2018).

Importante mencionar que esse contexto pós-apartheid também se caracterizou por muitas manifestações e violência pelas ruas, que ameaçavam a segurança de toda a população, e, de modo particular, colocavam em risco pessoas provenientes de outros países que, muitas vezes sem conhecer o idioma ainda, viviam em situações precárias, às margens da sociedade.

Em sua atuação e atenção sociopastoral, as Irmãs MSCS, concomitantemente às demandas de migrantes e refugiados, verificaram a necessidade de acolhimento institucional entre a população autóctone. Dado os graves problemas sociais e econômicos experimentados no país, havia um contingente de sul-africanos vivendo nas ruas, dependentes dos poucos centros de acolhida que existiam. Nesse contexto, era raro que refugiados/as conseguissem vaga em tais Centros. Consequentemente, as alternativas encontradas incluíam a moradia compartilhada, por vezes, em quartos, e dividindo o mesmo espaço com um número de 15 ou até 20 pessoas; ou restava a opção de dormir nas praças e ruas da cidade. Essa situação se tornava mais dramática à medida que se verificava o aumento de mulheres e crianças refugiadas sob essas mesmas condições.

Esses apelos advindos da situação precária de acolhida, especialmente aos refugiados, foram compartilhados pelas Irmãs MSCS com os demais atores locais, com os quais trabalhavam em articulações por objetivos comuns. Além da Congregação das Irmãs da Sagrada Família, o Serviço Jesuíta aos Refugiados (JRS) tem se mostrado uma parceria decisiva. Essa colaboração e estrutura possibilitaram o início do Centro de Acolhida Bienvenu.

Junto com as pessoas e organizações colaboravam com o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados da Arquidiocese de Joanesburgo, e com líderes das comunidades de refugiados (com quem as Irmãs MSCS mantinham contato permanente) foi realizado

um processo de análise das demandas das respectivas comunidades. As lideranças migrantes e refugiadas eram provenientes de países como o Burundi, a República Democrática do Congo, a Somália, entre outros, o que levou à idealização de um Centro de Acolhida específico para o atendimento desse público-alvo.

De modo especial, e em resposta ao Carisma Scalabriniano, as Irmãs MSCS sentiam a necessidade de ampliar o trabalho de atendimento pastoral e social que realizavam, buscando respostas mais efetivas às necessidades sociais dos/as refugiados/as. Para isso, contavam com recursos humanos e apoio institucional, mas a obra só poderia se concretizar com a convergência de dons e atores, necessitando para isso de muito tempo, muita articulação e uma força do alto.

No ano 2000, no qual a Igreja Católica celebrou a nível mundial seu Jubileu, a Congregação das Irmãs da Sagrada Família, em sinal de unidade com a Igreja Universal e como ato de amor a Deus e aos irmãos e irmãs, praticando o sentido do próprio jubileu, doou 10% dos seus bens a serviço dos pobres. Entre as doações estava uma casa localizada em Bertrams, periferia de Joanesburgo, que servia como local de formação das candidatas à vida religiosa. Através das articulações que as Irmãs Scalabrinianas e Ir. Cathy Murugan haviam feito, na colaboração recíproca pela atenção sociopastoral aos refugiados/as na Arquidiocese, a Congregação da Sagrada Família ficou conhecendo as demandas dos refugiados, assim como o desejo compartilhado por todos, que tomava forma de projeto de criação de um espaço de acolhida para essa população. Assim, foi doado o imóvel à Congregação das Irmãs MSCS com o objetivo de servir a partir daquele momento como um local de acolhimento institucional para mulheres e crianças refugiadas, recebendo o nome institucional de Bienvenu Shelter, em memória de Pierre-Bienvenu Noailles, fundador da Congregação das Irmãs da Sagrada Família.

Conjuntamente com a doação do espaço, a Congregação das Irmãs da Sagrada Família assumiu o compromisso de manter uma contribuição financeira anual em colaboração e apoio ao desenvolvimento das atividades do Centro de Acolhida; contribuição que permanece até os dias atuais. Como contrapartida, as Irmãs MSCS ofereceram recursos humanos para administrar e coordenar as atividades da instituição.

Ainda naquele período inicial, somou-se ao projeto a Ir. Melanie Marie Hester, missionária scalabriniana pioneira nessa obra, que

morreu prematuramente em 15 de janeiro de 2013 deixando um legado de amor e dedicação que é lembrado ainda hoje pelas pessoas que a conheceram e pela instituição. Com o apoio da voluntária Adília de Sousa, que juridicamente foi a primeira diretora do Centro de Acolhida, Ir. Melanie passou a coordenar o processo de dar forma ao projeto de um centro de acolhida para mulheres e crianças refugiadas, que foi aprovado pelas Instituições envolvidas em setembro do ano 2000, implementado a partir do início de 2001. De acordo com o depoimento da Ir. Marivane Chiesa, “juntas, as duas [Ir. Melanie e Adília] atuavam em várias funções conforme a necessidade, como motoristas, assistentes sociais, administradoras, entre as mais diversas tarefas, pois o número de funcionários era reduzido”.

O início da nossa missão MSCS em Joanesburgo, como toda missão nova, trouxe consigo muitos desafios, mas o mais duro era, no final do dia, ir para casa sabendo que também desta vez não tínhamos como dar respostas às necessidades mais básicas de um ser humano, casa, comida... verdadeira acolhida. O Centro Bienvenu, que surgiu da solidariedade entre pessoas e instituições, foi para nós tornar concreto, materializar, aquilo que tentamos pregar, o amor de Deus acontecendo e vidas sendo acolhidas e reconstruídas.

A decisão naquela reunião de setembro de 2000 entre as Instituições envolvidas era o que de melhor poderia acontecer naquele momento de nossas vidas como missionárias. Foi consolador poder dizer aos migrantes e refugiados, com a criação do Centro: “Nós entendemos a vossa dor e vos acolhemos, não só em palavras, mas de fato”.

Quando o Centro começou a funcionar eu já estava em Angola dando vida àquela missão, mas levei e carreguei no meu coração a certeza de que o Centro Bienvenu foi passo certo na resposta ao chamado do Carisma Scalabriniano (Ir. Marlene Wildner – 21.01.2021).

A doação do espaço pela Congregação das Irmãs da Sagrada Família foi o primeiro grande passo para a concretização do centro de acolhida. A essa iniciativa somaram-se também outros atores,

como o Serviço Jesuíta para Refugiados, que contribuiu ao longo de três anos com a captação de recursos através de pequenos projetos iniciais que possibilitaram cobrir algumas das despesas básicas de funcionamento do espaço, assim como realizaram a doação de um carro para o uso das atividades do centro.

Importante para encaminhar a obra que se tem atualmente, foi também a contribuição dos Padres Combonianos que, além de apoio através de doações para organizar e preparar o espaço e a estrutura inicial, colaboraram com o envio de 2 voluntárias estrangeiras (provenientes dos Estados Unidos e da Polônia) que ajudaram na missão de criar a creche e o maternal, local onde as mães refugiadas podiam deixar seus filhos enquanto iam trabalhar ou quando saíam para buscar soluções para documentação, saúde, capacitação profissional ou oportunidades de trabalho.

Outra colaboração que fez a diferença na iniciativa que contribuiu ao Centro de Acolhida Bienvenu no que se refere ao seu trabalho de excelência e em sua qualidade de hoje, em sua resposta aos desafios que mulheres, crianças e famílias refugiadas vivem, foi a das Irmãs Dominicanas Oakford, especialmente através de Ir. Justina Priess. Desde 2001, até sua morte no ano de 2020, ela ampliou a abrangência do projeto, dando voz às mulheres refugiadas e às suas crianças, através das aulas de inglês e captação de recursos financeiros por meio de rede de amigos e familiares que, com um coração missionário, deixaram suas profundas marcas de generosidade e solidariedade.

Esse princípio das atividades, marcado pela colaboração, solidariedade e trabalho em rede das instituições e lideranças de migrantes e refugiados/as, marcou a gênese do Centro de Acolhida Bienvenu e se tornou, ao longo de sua história, um jeito de atuar das irmãs MSCS. O Centro de Acolhida é fruto de ações colaborativas e de rede que passaram a compor a cultura institucional. Essa colaboração também diz muito sobre o modo de operar das Irmãs MSCS, com olhar atento às pessoas em situação de vulnerabilidade, e da urgência do fenômeno migratório como fato social transversal que dialoga com variados princípios que inspiram e orientam outras congregações, organizações e grupos que atuam naquele contexto.

O Centro Bienvenu foi oficialmente inaugurado em 23 de março de 2001. Entretanto, antes mesmo da inauguração oficial, a casa já estava ocupada por mulheres e crianças que precisavam de

acolhimento. A primeira Mãe Social acolhida foi Mamá Emerence, com os seus cinco filhos¹. Uma vez que o Centro começou a funcionar, foi-se fortalecendo uma rede de apoio que ajudou a suprir as necessidades das mulheres e das crianças ali atendidas.

Desde o início, no meio daquela situação toda, depois dessa terra ter saído do apartheid, com as fronteiras abertas, acolher todas essas pessoas, que na verdade vinham de diferentes situações como da violência, de torturas... traziam uma bagagem diferente da nossa, diferente daquilo a que estávamos habituados, e abrimos o Centro de braços abertos para recebê-los. É uma coisa que eu me pergunto às vezes: no início não tivemos um treino especial para fazer... foi, na verdade, a boa vontade, acho que aí teve a intervenção de Scalabrini e Madre Assunta de, na verdade, acender aquela chama dentro de cada uma e dizer: Pronto, estamos aqui, vamos fazer o melhor e vamos tentar com que estas pessoas curem as suas feridas, junto de nós, e possam sair com um sorriso que muitos já não tinham. Este foi o primeiro capítulo (Adília Pestana de Sousa – Leiga Missionária Scalabriniana/ LMS – 25.02.2021).

Em poucos anos de sua inauguração o Centro já contava com uma creche e um maternal para as crianças acolhidas, os quais acolhem também filhos de moradores e crianças da comunidade, com prioridade aos filhos das mães que passaram pelo Centro Bienvenu. Isso dá às crianças a oportunidade de se integrarem à comunidade e dá às mães tempo para atender suas necessidades, especialmente no que se refere à capacitação profissional e à preparação para sua saída do Centro e conseguir sua autonomia, em todos os sentidos. O apoio às crianças hoje possibilita alcançar as unidades escolares externas aonde as crianças vão depois de saírem do Centro, inclusive com articulações com o setor público e com apoio continuado às respectivas famílias, provendo ajuda para o pagamento de taxas escolares para que possam frequentar escolas públicas em Joanesburgo.

¹ Um dos filhos dela morreu tragicamente em um atropelamento em frente ao Centro, registrando a primeira morte desses 20 anos que, lamentavelmente, não foi a única a ser sofrida na casa.



CAPÍTULO 2



Olá, primeiramente quero agradecer a vocês e a Deus, por tudo.

**Quero agradecer a vocês por tudo o que fizeram por mim e pelo meu filho,
Deus os abençoe por tudo o que fizeram por nós.**

**Eu vim para o Centro quando meu bebê tinha 6 meses de vida e agora ele já tem 1 ano e 3 meses.
Muito obrigada, obrigada pela acomodação que nos dão.
Que Deus continue a abençoá-los!**

**A toda a equipe,
Se fiz algo de errado, por favor me perdoem.
Não me resta muito tempo, muito obrigada a toda a equipe,
amo vocês.
Sejam todos abençoados em nome do Senhor Jesus Cristo.**

Levo vocês no meu coração.

(Lucie – da República Democrática do Congo – 01.11.2017)

2

O CENTRO DE ACOLHIDA BIENVENU

Como dito anteriormente, o Centro de Acolhida Bienvenu foi criado em 23 de março de 2001, em um subúrbio de Joanesburgo, como um espaço de acolhida para mulheres e crianças refugiadas.

Essa iniciativa marca uma trajetória de dedicação e empenho da Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo – Scalabrinianas (MSCS) e suas parcerias no continente africano, destacando um histórico de presença em países como República Democrática do Congo, Angola, Moçambique e África do Sul.

O Centro Bienvenu adota e se espelha na missão das Irmãs Missionárias Scalabrinianas: servir na perspectiva de ‘ser migrante com as migrantes’, com especial prioridade e atenção às que passam por situações de maior vulnerabilidade, resguardando e promovendo sua dignidade, seus direitos humanos e promovendo seu protagonismo. Por isso a acolhida acontece na forma de um abraço entre irmãs, mulheres que se doam confiando e se apoiando reciprocamente, pela confiança dada e recebida, pela atenção oferecida e pela acolhida, pelos gestos pequenos e grandes de serviço que empoderam, fortalecem e que ajudam a reconstruir a vida.

De uma casa onde pernoitar – desafio emergente inicial – o Centro de Acolhida Bienvenu hoje é uma organização com estatuto próprio e com gestão sob a direção das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que cresceu e se consolidou, mantendo ano a ano a humildade e a ousadia de escutar, interpretar as demandas, buscar somar forças, recursos e capacidade de implementar respostas e se lançar em trajetórias corajosas. As necessidades e os sonhos das pessoas que são acolhidas e acompanhadas pela equipe, profissionais, voluntários/

as, se transformam em motivação, metas a alcançar, esforços a fazer convergir em soluções que impactam a vida de mulheres refugiadas e a de seus filhos.

Assim, completar 20 anos de caminhada é um momento de olhar para trás para contemplar os feitos e consolidar os passos, pois novos desafios vêm batendo à porta e a escuta que nasce do amor por causa de Jesus Cristo e daquelas pessoas que Ele ama tem poder de nutrir falas, ações e compromisso que têm eficiência e eficácia para alcançar resultados para e pelas pessoas que mais necessitam deles e que, pela missão específica do Centro Bienvenu, são as mulheres e crianças refugiadas.

2.1 Centro Bienvenu: acolher, cuidar e promover

As pessoas refugiadas que chegam ao Centro, em sua maioria são encaminhadas por membros da rede de organizações que atuam em favor de pessoas em situação de mobilidade e outras populações em situação de risco. Há também as que solicitam estadia individualmente, buscando contato diretamente com a Equipe do Centro, em menor frequência.

A estrutura institucional do Centro é composta por um corpo diretivo, equipes de profissionais e um número expressivo de voluntários/as internos e externos, que colaboram para que as demandas das pessoas acolhidas sejam atendidas da forma mais completa possível. Em determinados momentos, o Centro de Acolhida Bienvenu também contou com a colaboração preciosa de voluntários/as internacionais, por vezes em articulação com organizações afins, que, desta forma, também sustentaram e fortaleceram a missão do Centro. Em 2018 contava com aproximadamente 30 pessoas como funcionárias ou voluntárias, em sua maioria profissionais. Em 2019 os recursos humanos voluntários foram em torno de 22 pessoas, e em 2020 o Centro Bienvenu contou com colaboração voluntária de 27 pessoas, as quais colaboraram de acordo com as necessidades emergentes e situações de vida e as possibilidades das/os profissionais que atuam voluntariamente nas atividades e projetos do Centro Bienvenu.

O espaço conta com 6 quartos coletivos e um reservado para casos particulares, como situações de doença ou casos de mulheres

com bebês recém-nascidos, por exemplo. A capacidade é para até 45 pessoas, entre mulheres e crianças, durante o ano inteiro. No mesmo imóvel funcionam o Maternal e a Creche, assim como cozinha, lavanderia, além de escritórios, recepção, espaço para encontros coletivos entre as residentes e uma capela.

Inicialmente, o Centro Bienvenu se configurou como um espaço de acolhida residencial para mulheres e crianças refugiadas, mas logo ampliou suas estratégias de atendimento e se estruturou em um conjunto de projetos que atendem às necessidades integrais da comunidade residente no Centro e, ao mesmo tempo, cuida da integração das mulheres e crianças refugiadas na comunidade de forma ampla. Essa perspectiva é um forte diferencial do Centro, fundamental para os resultados e sustentabilidade dos projetos de vida das pessoas que, após um período que dura em média de 3 a 6 meses de permanência no Centro, conseguem tomar suas vidas nas mãos e seguir adiante em processos de autonomia e realização pessoal.

Eu vim aqui, eles me receberam... em 2017, sim, eu vim aqui, eles me receberam. Eu me senti com sorte com uma nova família, sem dinheiro, mas ainda assim eles me receberam; eles me dão um treinamento de confeitaria, e cozinhando eu poderia sair vendendo e ter dinheiro, o dinheiro que eu economizei para sair. [...] Eu fui recebida gratuitamente, foi-me dado comida, roupas, então eu realmente aprecio isso, e não só eu, eles fizeram isso para os meus filhos também, as taxas da escola, meus filhos tinham que ir para a escola, e elas cuidavam disso por mim, Deus abençoe as Irmãs... Então, obrigado ao Centro de Acolhida, obrigado pelas irmãs, deixe Deus continuar o trabalho que elas estão fazendo, realmente, que está impactando as pessoas quando não há esperança e, em seguida, quando vêm... é, realmente... Eu sou muito grata (Josephine – Congo RDC).

Para Ir. Marivane Chiesa, diretora do Centro de Acolhida Bienvenu desde o mês de setembro de 2017, o que “faz o motor girar” é fazer com que cada funcionário esteja em sua função e que cada residente do Centro tenha seu espaço de acolhida, o que engloba uma série de pequenos cuidados, tais como o recebimento de medicação e aconselhamento personalizado, entre outros tipos de atendimentos.

A rotina de trabalho se inicia pela manhã com o encontro de repasse de informações entre as equipes, na troca de turno, momento no qual a diretora se reúne com os funcionários e voluntários para ler os relatórios do dia anterior de cada um dos programas em curso e socializar informações, assim como definir orientações e estratégias para resolver situações pontuais. Dessa forma, pode-se acompanhar os acontecimentos do dia anterior no Centro e perceber se há alguma atividade que deva ser programada para o dia que se inicia. Todas as áreas participam da articulação interna, o que qualifica o serviço pela abordagem integral que a pessoa acolhida merece e recebe da equipe, incluindo atenção à pessoa nos aspectos humano-espiritual, psicológico e profissional, atenção à saúde, à família, à documentação e ao projeto de vida para a reconstrução das histórias de cada uma das residentes.

A atenção integral engloba, além das demandas emergenciais (como abrigo, alimentação, higiene e vestuário, que são características do acolhimento) outros fatores, tais como: escuta e orientação humano-espiritual, cuidados com a saúde, inclusive com acompanhamento em consultas e exames, documentação, apoio psicológico, capacitação profissional, auxílios e acompanhamento para casos de necessidades especiais e articulações para buscar respostas a outras eventuais necessidades que possam se apresentar. A abordagem integral na acolhida e assistência inclui o respeito à manutenção da própria fé e expressões religiosas, numa perspectiva de reconhecimento à diversidade cultural e religiosa das pessoas atendidas. Para tanto, o atendimento integral tem por base a capacidade de escuta qualificada que norteia a ação das Irmãs, colaboradores e voluntários que atuam no espaço.

Nas palavras de Adília de Sousa, que atua no Centro desde seus primórdios, na atuação da equipe do Centro há um compromisso e uma dedicação por cada pessoa acolhida, que pode ir além do simples cumprimento dos projetos formais, com foco nas necessidades das pessoas ali atendidas. A ação consegue

visibilizar um bocadinho mais o migrante, a mulher e a criança, especialmente, mas sempre vamos além... do que nós fazemos aqui, portanto qualquer pessoa em necessidade nós corremos e ajudamos. Poderia fazer mais? Não sei. Quando

começamos era só acomodação, entretanto começamos ajudar com educação... e saúde, com a promoção da mulher, sua independência, enfim, da maneira que o mundo está não duvido nada que de hoje pra amanhã a gente pense noutro desafio... (Adília Pestana de Sousa, LMS – 14.12.2018).

Além de todo o trabalho de atendimento direto, profissionais, voluntários e direção do Centro Bienvenu também participam e fortalecem redes de solidariedade e articulação entre as diferentes organizações da sociedade civil, do contexto eclesial e, inclusive, do setor público e da segurança, em esforços coletivos e pluridisciplinares e interinstitucionais de fortalecimento das estratégias de atuação para qualificar, assegurar e ampliar a abrangência e a qualidade das respostas às demandas das pessoas e grupos humanos em situação de risco ou de vulnerabilidade em Joanesburgo. Essas articulações também atuam em promoção e defesa de direitos e convergem em esforços de incidência junto ao poder público na busca por políticas, leis e decisões governamentais que respeitem a dignidade humana, promovam a vida, protejam as pessoas que passam por necessidades e favoreçam a construção de um mundo sem xenofobia e violência, onde as relações e o uso dos bens respeita a dignidade de cada pessoa e grupo humano.

Nas palavras da advogada Federica Micoli, colaboradora de uma ONG que trabalha em rede com o Centro de Acolhida, no trabalho de quem atua em favor de migrantes/refugiados em Joanesburgo, as organizações “tentaram estabelecer uma organização de rede, onde nos encontramos uma vez por mês. No início eram mais discussões de caso, agora são discussões de caso, bem como *advocacy* e sensibilização” (Federica Micoli, *Lawyers for Human Rights* – 17.12.2018).

A dedicação pelas pessoas acolhidas se alarga para incidir também na realidade local e regional, onde elas irão viver após sair do centro de acolhida e onde vive essa população, como descreve Lisa, membro da Equipe de Gestão do Centro Bienvenu:

Sim, *advocacy* desempenha um grande papel... isso ajuda com o *Migration Help Desk* e eles estão olhando para os direitos humanos, igualdade, integração e emprego. Foi

uma colaboração muito boa como eles trabalham com a cidade de Joanesburgo, incluindo os migrantes, para evitar ataques xenófobos, para promover que essas pessoas não estão tomando seus empregos. Há experiências e histórias... um senhor do Sudão abriu uma loja e empregou 37 sul-africanos. Então, são essas histórias que precisam ser apresentadas, essas histórias positivas sobre os migrantes e não todos os sinais negativos. [...] Outro senhor do Malawi abriu uma loja de bebidas e empregou 17 sul-africanos. Assim, como estamos envolvidos nesses *advocacy* através de redes, cabe a nós, também, educar e conscientizar as pessoas! (Lisa de Sousa – 02.12.2018).

2.2 Atendimento integral

O Atendimento Integral é a categoria utilizada pelas Irmãs MSCS no Centro de Acolhida para se referir ao modelo de atenção e assistência dispensadas às mulheres e crianças refugiadas atendidas na instituição.

As primeiras 48 horas de permanência das residentes no Centro são consideradas as “horas de emergência”, pois, em boa parte dos casos de acolhimento, as mulheres vêm de situações traumáticas tais como tráfico de pessoas e guerra. Algumas manifestam crises de pânico e/ou ansiedade, outras chegam com problemas de saúde, e algumas até se fecham em um silêncio eloquente, o que demanda respeito ao silêncio pelo interlocutor e uma postura de quem atende, acolhe e sabe esperar. Nessa fase da acolhida a equipe busca apoiá-las, favorecendo os tempos individuais de cada uma, em clima de respeito ao momento que estão vivenciando.

A atenção integral inclui efetivamente a acolhida da pessoa, com tudo o que comporta o momento que ela vive, além das vivências que a marcaram, especialmente os dramas e desafios da jornada migratória em situações de violência e risco. Como assinala Adília de Sousa,

às vezes a mãe é tão vulnerável como uma criança, se ela chegou ao ponto que chegou não foi porque ela quis, mas ela tinha antes uma casinha, fosse uma pequena e simples,

ela era a mãe daquela casa, a gente tem que começar por aí, que ela perdeu tudo, além disso, ficou também sem as colegas, as vizinhas, a família, só Deus sabe o que ela passou pra cá chegar, muitas delas são maltratadas pelo caminho e violadas (Adília Pestana de Sousa, LMS – 14.12.2018).

O coração missionário das Irmãs Scalabrinianas que administram o Centro de Acolhida Bienvenu abraça, sem discriminação, todas as mulheres acolhidas e seus mundos, inclusive suas igrejas ou religiões, seus modos de viver, nutrir e celebrar sua fé. Para a pequena parte de católicas entre as residentes ou membros da equipe é oferecida ao menos uma vez por mês a possibilidade de participar da celebração eucarística, se o desejarem. Todavia, para todas, sem constrangimentos nem controles, é assegurado o espaço físico da capela para o silêncio, a oração pessoal e, também, para os cantos ou o som dos batusques, que expressam, nas linguagens e nas modalidades de cada uma, sua fé, suas crenças, assim como sua dor, como é o caso em celebrações de luto. A oração é sempre bem-vinda, é compartilhada, é lugar de encontro e acolhida recíprocas entre as residentes e com os demais atores que trabalham ou circulam no ambiente familiar do Centro de Acolhida.

A acolhida e o respeito aos diferentes pertencimentos religiosos das mulheres residentes no Centro de Acolhida Bienvenu também integram um importante aspecto do atendimento integral dispensado às usuárias do Centro. Segundo Ir. Marivane, “a pessoa migrante durante seu trajeto migratório pode perder tudo, pertences e até familiares, mas não perde a fé. A oração as mantém fortes, calmas, e promove um espírito de integração”. Visando favorecer esse aspecto o Centro oferece uma capela em seu interior, “um espaço onde as residentes podem ficar sozinhas, proferir suas orações caso desejem e refletir sobre suas próprias vidas” (21.01.2021). Aos fins de semana, cada residente é livre para frequentar encontros, celebrações, espaços ou rituais tradicionais de sua própria igreja ou religião.

No decorrer do período do acolhimento institucional das mulheres, o atendimento se alarga através dos vários programas e projetos, iniciativas e atividades que o Centro oferece ou através de demandas que emergem do fortalecimento da relação de confiança entre as mulheres refugiadas e a equipe do Centro Bienvenu,

bem como da capacidade da própria residente de identificar suas necessidades e de buscar soluções para os seus problemas. À medida que o tempo passa e a pessoa vai se sentindo em família no Centro de Acolhida, fortalecem-se os laços de carinho e senso da responsabilidade individual para reconstruir a vida, fazendo com que surjam relações positivas e motivadoras, às quais se somam os esforços da Equipe do Centro Bienvenu com os desejos e o empenho de cada refugiada para correr atrás de projetos e sonhos, que vão ganhando forma também graças ao que o Centro Bienvenu realiza e faz acontecer.

A ideia principal do atendimento integral oferecido no Centro é a de que nenhuma mulher saia da permanência residencial na instituição se não tiver a mínima capacidade “de se manter de pé”, figurativamente. Isso significa, em amplo sentido, a nível psicológico, físico, financeiro e até mesmo no que se refere à qualidade das relações com pessoas que podem ser de risco ou de suporte. Ainda, implica considerar se ao menos estão devidamente encaminhadas para a situação migratória em relação à legislação do país.

Cada uma tem a atenção e o atendimento personalizado, através dos quais as potencialidades de quem pode avançar são encorajadas e as fragilidades de quem precisa de ajuda são abraçadas para serem superadas. A memória de quem acompanha esse projeto desde seus primórdios esclarece a dinâmica:

[a Equipe] precisa fazer *counselling* [acompanhamento psicoterapêutico] sobre o que aconteceu, se foi obrigada pelo companheiro, pelo marido, pela mãe... são várias causas... Se a mulher vem de uma relação abusiva, também é outra questão que nós temos que ver, porque a criança também se revela com essas coisas todas, a criança presencia tudo 24h. Temos as organizações com quem trabalhamos na parte psicológica; há os grupos para as crianças, que nós chamamos “*Play Therapy*”. E na casa temos também *Drama Therapy*, uma vez por semana para as mulheres e as crianças. [...] Por exemplo: quando andavam aqui a cortar as pedras, tiveram que colocar explosivos, houve alturas quando arrebentavam os explosivos, aí uma vez tive que me deitar debaixo da cama para acalmar a mulher que estava

escondida debaixo da cama, dizer que ela estava cá [e não na guerra de onde tinha fugido].

Nós tivemos esse tipo de capacitação, toda a equipe teve, aprendemos como trazer a mulher de volta quando ela desassocia dela própria. Temos de ter esses cuidados também, se uma mulher vir um acidente, basta isso para dar o trick, o sofrimento que ela teve... então às vezes isso é um bocado difícil porque são crises, e na verdade é uma benção ter organizações que nos ajudam no *counselling*, na psicologia e algumas delas também com psiquiatras.

Nós temos vários casos que tiveram que ser internados porque se desassociam de tal maneira que tem que fazer um tratamento intensivo. É onde entra [a questão do prazo de permanência na casa]: damos os 3 meses para estar aqui, mas cada caso é um caso. Acho que as Irmãs Scalabrinianas têm esse dom, ao lado dos imigrantes, ter essa tolerância que ok, temos a porta aberta, 3 meses. Entretanto vemos que a pessoa não está bem e continuamos aqui para continuar a ajudar (Adília Pestana de Sousa, LMS – 14.12.2018).

Quando as refugiadas decidem firmar residência na África do Sul, ou quando decidem retornar aos seus países de origem, sempre recebem apoio concreto para implementar o projeto desenhado. Esse suporte é assegurado às mulheres enquanto estão como residentes no centro e, muitas vezes, o apoio se prolonga no tempo, com a finalidade de que possam se estabelecer melhor e se integrar de forma digna à comunidade local. Quando elas optam por projetos migratórios novos, com metas que incluem a emigração para outros países, igualmente, o Centro Bienvenu garante apoio e informações, do suporte para a documentação aos recursos e contatos necessários para viabilizar o início e ajudar o desenvolvimento do novo projeto de vida da mulher e, normalmente, da família que ela vai reconstruindo a partir da acolhida recebida.

O testemunho que narra a memória de uma jovem ilustra como funciona o acompanhamento das mulheres acolhidas que, participando por um período desta caminhada, fazem parte das pessoas que são homenageadas pela equipe do Centro Bienvenu como sujeitos dessa história, por serem elas mesmas as principais protagonistas, as que fazem a diferença em sua jornada:

Era uma menina que estava a ser abusada, era um caso de tráfico humano... a menina esteve conosco, a princípio não estava muito bem, teve de ser ajudada psicologicamente, e também na adaptação e integração em Joanesburgo. Ela precisou bastante de suporte para ter um trabalho, ajudar a manter as horas sem estar a fazer nada, pra poder retomar a dignidade dela... também tirou um curso de culinária. Levou o fogãozinho que ela ganhou, assim quando chega em casa pode fazer qualquer coisinha pra ela. Quando fazia um trabalho que fazia um dinheirinho, no dia que elas saem a gente entrega o dinheirinho dela. Quando saem não saem de mãos vazias, se arranjam um trabalho elas dão o dinheirinho que arranjam pra guardar.

[Aqui elas têm] 3 refeições por dia; tem ajuda do transporte pra ir ao hospital ou à clínica, se tem problemas de saúde; tem ajuda pra ir ao *Home Affairs* pra resolver documentação; podem deixar as crianças na escola, ajudamos. Portanto ali podem refazer a vida delas até o dia de saírem e não saírem de mãos abanando, pra nós é bom saber que elas têm aquele equilíbrio logo que saem com o dinheirinho delas (Adília Pestana de Sousa, LMS – 02.12.2018).

O Centro de Acolhida Bienvenu, em dezembro de 2012, foi reconhecido pelo trabalho desenvolvido para a proteção da vida, especialmente pela “acolhida a mulheres refugiadas e seus filhos”, o que ficou registrado no recebimento do Prêmio Michael Bell Memorial, entregue ao Centro pela *International Alliance of Catholic Knights*.

A escuta é um dos princípios transversais que norteiam o atendimento no Centro e comporta o respeito e o cuidado no trato das vivências de traumas, como relata a advogada Federica, de uma das organizações parceiras do Centro Bienvenu, *Lawyers for Human Rights*. Para ela, uma das preocupações da equipe nos atendimentos versa sobre a importância de não “retraumatizar” as pessoas acolhidas, ou seja, há o risco de se causar algum tipo de situação que possa ser interpretada por uma pessoa traumatizada como um incômodo que ela mesma está causando para a instituição ou de poder deixar outras impressões equivocadas. Por exemplo, em casos delicados, como o de pessoas que acabaram de passar por situações de guerra, o cuidado inicial tomado pela equipe é o de grande e delicada atenção com a

atitude de quem aguarda os tempos que cada uma precisa para poder iniciar a falar, até a pessoa poder e conseguir se comunicar. Querer obter muitas informações de pessoas em situações de estresse pós-traumático pode piorar a situação psicológica da pessoa refugiada.

Bienvenu Shelter, por acolher muitas mulheres migrantes, também trabalha com os mais traumatizadas delas. Então, percebemos que, ao ter uma melhor comunicação e discussões de caso, nossas intervenções são mais eficazes entre os refugiados também porque sabemos que estamos trabalhando juntos.... para mim é importante não 'retraumatizá-las', então eu trabalho com o psicológico e posso dizer se elas são de áreas devastadas pela guerra. Por exemplo, você precisa dar tempo às mulheres porque você precisa reconstruir a pessoa em primeiro lugar, caso contrário, poderia ser mais prejudicial para elas (Federica Micoli – 17.12.2018).

A importância da escuta pode ser constatada no relato de voluntários/as que atuam no segmento de ações de assessoria jurídica, por exemplo, visto que muitas vezes os momentos de encontro com as residentes se tornam espaços para desabafar, momentos em que as refugiadas falam de suas realidades e sofrimentos, e acabam por não requisitar nenhum serviço legal. A mesma atitude com foco na escuta respeitosa é sinalizada pela equipe de profissionais que no dia a dia se dedicam à atenção e ao cuidado que o Centro assegura a cada uma das pessoas acolhidas, em modo único e sem discriminação. Escuta, interação discreta, observação participando das atividades são iniciativas que, passo a passo, vão permitindo à pessoa em situação de vulnerabilidade atingir sua capacidade interior de decidir e reagir, nos modos e tempos que lhe são próprios.

2.3 Há 20 anos ajudando a reconstruir vidas

O Centro de Acolhida Bienvenu prima pela qualidade do atendimento, que visa oferecer às mulheres refugiadas e suas crianças um apoio holístico integral para facilitar a sua autossuficiência e integração à comunidade. Ainda assim, considera-se a dimensão

quantitativa, pois ajuda a mensurar o impacto do trabalho da instituição, bem como concede elementos para avaliação e planejamento de atividades e serviços.

O impacto a nível local do Centro Bienvenu, estatisticamente, é limitado, sobretudo se levarmos em conta a ampla dimensão do fenômeno do refúgio na cidade de Joanesburgo, a urgência de seus desafios, as limitações orçamentárias e de estrutura. Contudo, um olhar diacrônico, que foca em uma perspectiva temporal, coadunado com uma visão extensa do alcance da instituição, que abrange não apenas mulheres e crianças refugiadas, mas também outros grupos de migrantes e as comunidades locais, pode revelar a expressiva incidência da atuação do Centro no contexto local.²

Antes de tudo, é importante conhecer o número de pessoas especificamente atendidas pelo Centro de Acolhida Bienvenu. Os primeiros dados se referem à acomodação de mulheres refugiadas ou solicitantes de refúgio e suas crianças. Normalmente são filhos e filhas das mulheres acolhidas, mas a experiência da equipe que atende essas pessoas indica que, em certos casos, trata-se de crianças que estão com mães que as acolheram como filhos ou filhas adotivas, por vezes informalmente, para protegê-las, no âmbito de uma cultura do cuidado que é compartilhado pela comunidade. Em outros casos, nesses 20 anos, a equipe percebeu que a mãe mostrava insegurança ao fornecer dados sobre uma ou outras das crianças que carregava consigo, como data de nascimento. A convivência mostrou que houve casos de mães que recolheram filhos órfãos, por exemplo, na fuga de guerras e em casos de violência generalizada.

Existem limites orçamentários e estruturais – como, por exemplo, o número e tamanho dos quartos disponíveis – que restringem a capacidade de alojamento e limitam a atuação do Centro. Ainda assim, a opção por um atendimento temporalmente limitado permite

²As estatísticas apresentadas foram elaboradas a partir de um conjunto de relatórios da instituição, desde 2005 até dezembro de 2020. Em relação aos primeiros anos (2001-2004) foram conservadas apenas informações cumulativas. Por não ter sido utilizado um padrão único de divulgação de dados no decorrer dos anos, nem sempre foi possível apresentar estatísticas referentes ao inteiro período de atuação. Optou-se, assim, por limitar o alcance estatístico aos anos em que foi possível uma padronização, que são indicados em cada um dos gráficos e tabelas. Eventuais exceções são marcadas nas tabelas.

a rotatividade e multiplica o número de pessoas acolhidas. Como evidencia o Gráfico 1, o **número de pessoas anualmente alojadas** mudou bastante no decorrer dos anos, com picos de 192 em 2012 e 2017. Da fundação do Centro Bienvenu até 2005 o número total de pessoas acolhidas foi de 465.

Gráfico 2.1 – Acomodação confiável e segura para mulheres refugiadas e suas crianças

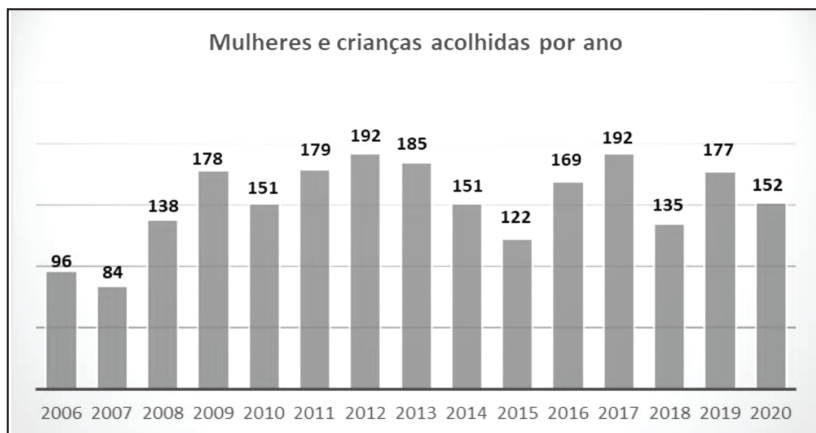
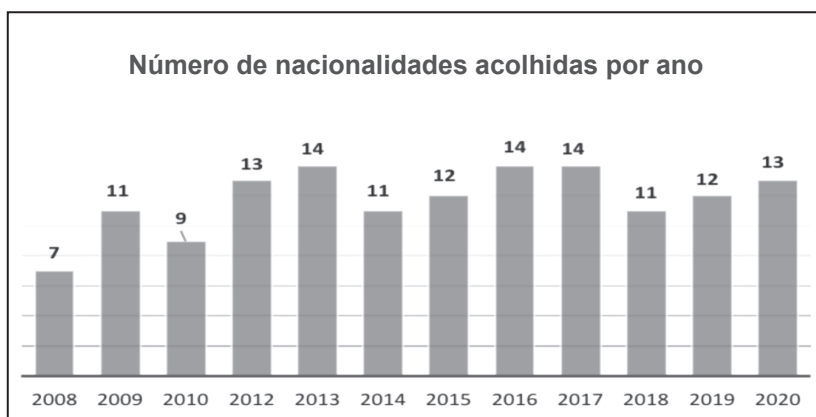


Gráfico 2.2 – Número de pessoas alojadas no Centro de Acolhida Bienvenu por nacionalidades de origem



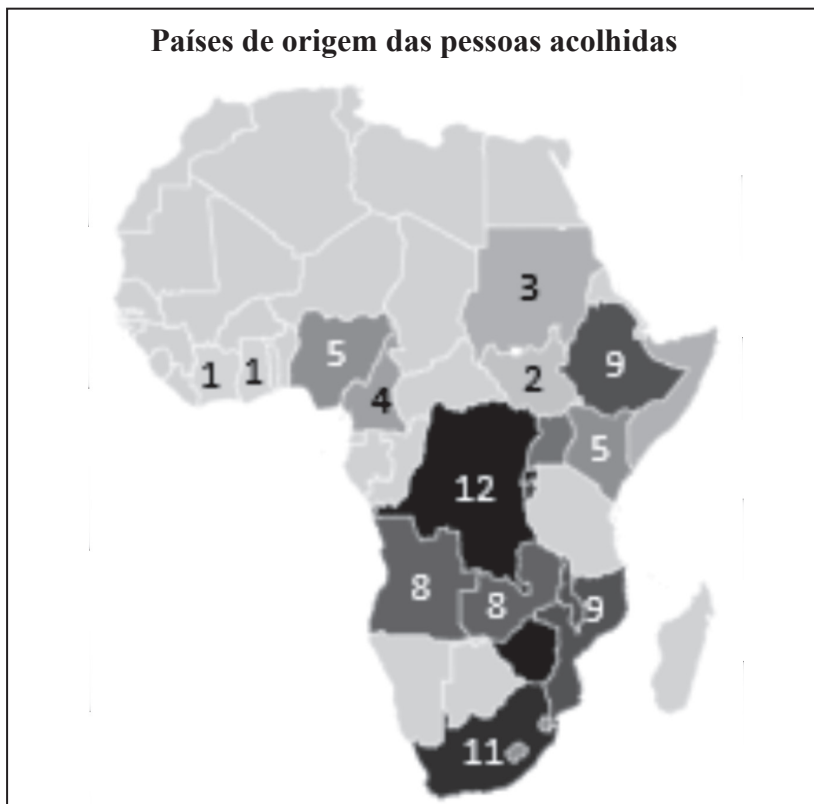
No que diz respeito à **nacionalidade** das pessoas acolhidas no Centro há uma ampla diversificação, como mostra o gráfico 2, que diz respeito aos anos 2008-2010 e 2012-2020. Isso implica em uma significativa diversificação étnico-cultural, que representa tanto uma riqueza – em termos de partilha de experiências, traços culturais e identidades étnicas – mas também possíveis desafios em termos de convivência, do atendimento e dificuldades nas trajetórias migratórias e contextos hostis de origem e de trânsito.

Em termos gerais, a Instituição hospedou, no prazo do tempo de referência, mulheres e crianças refugiadas de um total de 22 países africanos. Sempre em relação aos **países de origem** das pessoas acolhidas no Centro, conforme a tabela a seguir e o Gráfico 3, nos últimos 12 anos foram recebidas pessoas, principalmente, oriundas de 3 países africanos: Zimbábue, Ruanda e RDC:

Tabela 2.1 – Nacionalidades de origem das Pessoas acolhidas entre 2009 e 2020

Zimbábue, Ruanda e Congo RDC	12
África do Sul	11
Burundi	10
Etiópia, Moçambique e Malawi	9
Angola e Zâmbia	8
Uganda	7
Kenya, Nigéria, Suazilândia e Lesoto	5
Camarões	4
Sudão e Somália	3
Sudão do Sul	2
Costa do Marfim, Gana e Kenya	1

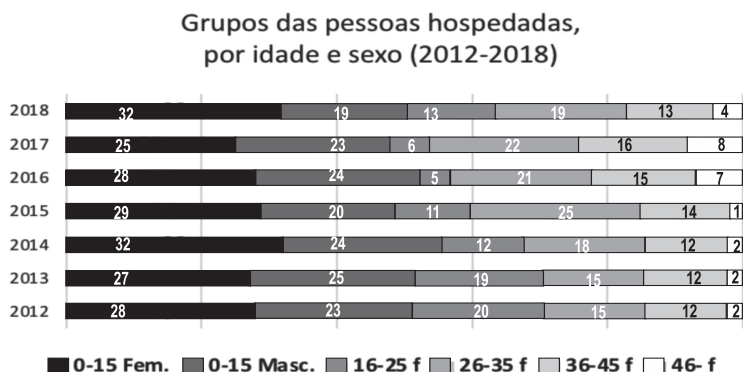
Gráfico 2.3 – Mapa dos países de origem das pessoas acolhidas no Centro Bienvenu entre 2009-2020



No que tange à **idade**, o Gráfico 4 evidencia como, entre 2012 e 2020, cerca de metade das pessoas hospedadas é constituída por crianças – sexo feminino ou masculino – com menos de 15 anos. O restante é formado por mulheres adultas.

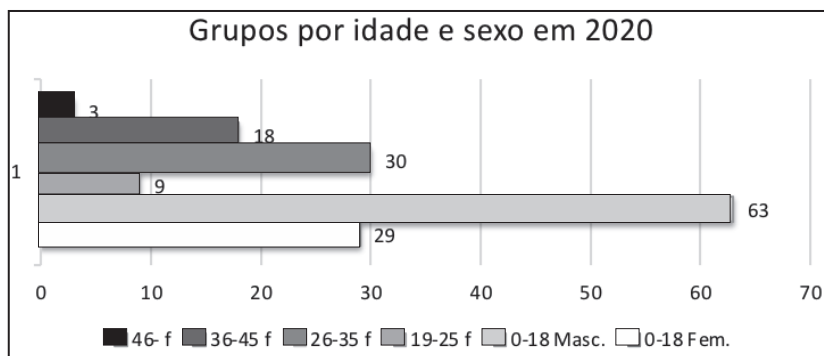
Nos últimos anos registrou-se um pequeno aumento de mulheres com mais de 46 anos que, no entanto, continuam sendo uma minoria. O grupo principal de mulheres adultas varia, mas na maioria dos casos é composto por pessoas entre 26 e 35 anos.

Gráfico 2.4 – Grupos de residentes por idade e sexo entre 2012 e 2018



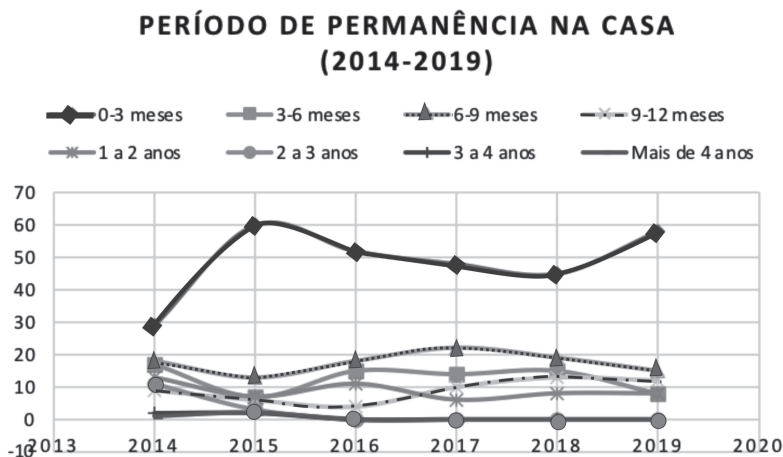
Cabe ressaltar que, a partir de 2019, a organização dos dados de atendimento seguiu um critério diferente, reunindo conjuntamente as informações das pessoas menores de 18 anos acolhidas e das adultas a partir de 18, e não mais a partir de 16 anos de idade. Assim, 61% das pessoas acolhidas aparecem, em 2020 com menos de 18 anos, enquanto as mulheres adultas representaram 39% das pessoas acolhidas.

Gráfico 2.5 – Grupos de residentes por idade e sexo em 2020



Outro elemento importante a ser destacado é o **tempo de estadia** das mulheres refugiadas e suas crianças no Centro de Acolhida Bienvenu. Sobre essa questão temos dados referentes ao período entre 2014 e 2020. Como é possível observar no Gráfico 5, registra-se uma progressiva redução do tempo de estadia, sendo que em 2019, 58% das pessoas alojadas ficaram menos de 3 meses, contra 29% em 2014. Na maioria dos casos (entre 60 e 70%), as pessoas hospedadas permanecem menos de 6 meses na Instituição. Nos últimos anos não há mais pessoas saindo da Instituição com mais de 2 anos de hospedagem. Considerando que o Centro não acolhe, normalmente, pessoas de passagem por períodos de curta permanência, pelo seu perfil de atenção integral e suporte aos percursos de reconstrução da vida após períodos de maior vulnerabilidade, o prazo de permanência efetivamente é personalizado, entre 3 e 6 meses, normalmente, mas com atenção para a situação concreta de cada residente.

Gráfico 2.6 – Período de permanência das pessoas acolhidas



Para além das pessoas direta e especificamente acolhidas como residentes no Centro Bienvenu, as atividades da Instituição alcançam um número muito maior de pessoas nos diferentes programas e projetos que desenvolve.

Atividades oferecidas no Centro: cursos de informática, aulas de inglês, reforço escolar, arte e drama-terapia, terapia espiritual e reflexiva regular, além de grupos de apoio para os moradores.

Cursos de formação de subsistência oferecidos: beleza (manicure, pedicure, cabeleireiro), serviço de bufê e confeitaria, cabeleireiro, costura.

Cursos de formação externa recebidos: educação infantil profissional avançada, formação para o desenvolvimento da infância, curso de cuidados auxiliares de saúde. Além disso, o Centro favorece o acesso e fornece apoio para a educação tanto do Ensino Fundamental/Médio, como reforço escolar para crianças de 6 a 10 anos e oferece assistência com uniformes escolares, taxas fixas, custos de transporte e outros gastos escolares.

Programa de sensibilização da comunidade: Apoio comunitário prestado a ex-residentes e assistência psicossocial de longo prazo a ex-residentes e à comunidade local com necessidade urgente por roupas, alimentos, serviços de higiene, necessidades de cuidados de saúde, transporte para hospitais e acesso a serviços médicos, além de assistência sobre assuntos relacionados com a documentação e em matéria de repatriamento e funerais. No Gráfico 6 podemos conferir **o número total de pessoas beneficiadas pelas atividades** do Centro Bienvenu.

Gráfico 2.7 – Total de pessoas atendidas, anualmente, entre 2014 e 2019



Cabe ressaltar que há um aumento no número de pessoas atendidas nos últimos anos. A partir de 2019, o programa de Apoio Comunitário passou a ser realizado em colaboração com o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados, da Arquidiocese de Joanesburgo. Foi feito um acordo entre as duas partes. Doações recebidas pelo Centro Bienvenu, seja em cestas básicas, cobertores ou outros itens de primeira necessidade, que não são indispensáveis no Centro de Acolhida, são partilhados com a Pastoral e vice-versa. Assim, o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados faz a distribuição aos beneficiários e presta contas ao Centro de Acolhida Bienvenu, documentando com a informação de quem recebeu as doações. Por isso, o número de pessoas atendidas em 2019 foi muito maior que a média dos anos precedentes.

Os dados referentes ao ano de 2020 estão integrados no capítulo 7 desta obra, sobre a atuação do Centro de Acolhida Bienvenu diante dos desafios da pandemia de Covid-19. O trabalho do Bienvenu Shelter durante 2020 foi voltado, sobretudo, à resposta aos desafios da pandemia.

CAPÍTULO 3



Cara Irmã e Equipe do Bienvenu Shelter

Só Deus sabe o quanto sou grata por tudo o que fizeram por mim e pelo meu bebê Mercy. Se não fosse por vocês meu bebê estaria morto.

Vocês me ajudaram a cuidar dela tanto financeira como socialmente.

Vocês são como uma mãe para mim. Na verdade, vocês são mães e mestras para mim.

Eu realmente aprendi muito desde que vim para o Bienvenu Shelter.

Vocês me mostraram amor e eu aprendi a amar de volta. Vocês me alimentaram quando eu estava com fome e certamente eu aprendi a dividir com outras pessoas. Houve momentos em que nada parecia estar bem, mas a vida é assim. Há sempre bons e maus momentos, mas eles sempre passam e nós podemos apreciar a vida novamente.

Hoje eu sou quem sou graças à sua orientação. [...] Com amor, sua filha.

(Judith – de Moçambique – 26.05.2009)

3

CENTRO BIENVENU – 20 ANOS DE ACOLHIDA

Aquele projeto que, iniciando o terceiro milênio da era cristã, queria ser um espaço seguro de acolhida para mulheres e crianças refugiadas que não tinham um lugar sadio onde ficar, ao mesmo tempo que ia sendo implementado, foi incorporando novas iniciativas e fortalecendo, seja sua capacidade de respostas aos desafios, seja multiplicando projetos, inovando metodologicamente e ampliando a infraestrutura.

Em poucos anos o Centro de Acolhida Bienvenu já contava, além do programa primordial da Acolhida para mulheres e crianças refugiadas, com um maternal para os bebês de até 3 anos de idade e uma creche para as crianças de 3 a 6 anos. Tais iniciativas apoiavam as mães que precisavam de um lugar para seus filhos enquanto trabalhavam ou procuravam trabalho. Sem demoras, o curso de inglês que a Ir. Justina Priess proporcionou foi tomando forma e ampliando sua abrangência, enquanto outros cursos foram sendo criados; articulações com organizações da sociedade civil e do setor público foram sendo estabelecidas e/ou consolidadas e a autonomia das mulheres acolhidas inicialmente, se tornava uma prioridade para ser acompanhada, sustentada e celebrada.

Com a solidariedade e a criatividade corresponsável de amigas e amigos, assim como com as parcerias institucionais, a ampliação dos serviços foi demandando que também a tenda de encontro fosse alargada, o que aconteceu em várias etapas no decorrer dos 20 anos, como sinal de bênçãos para o Centro de Acolhida, sua equipe gestora, e, especialmente, as pessoas ali atendidas. A ampliação da

obra é um dos resultados dos esforços e labutas de muitas pessoas e instituições solidárias, para consolidar novos percursos nas vidas das mulheres residentes e de seus filhos, assim como na vida e nos sonhos de muitas outras que são acolhidas e empoderadas através dos cursos do Centro Madre Assunta.

Como indicador da grandeza dessa obra, o Centro de Acolhida Bienvenu foi escolhido pela Alta Comissária para os Direitos Humanos da ONU, Michelle Bachelet, para uma visita no âmbito de sua atenção sobre o atendimento a pessoas que sofreram tortura, como é a realidade de muitas mulheres refugiadas abrigadas no Centro, evento este que aconteceu em 08 de dezembro de 2018.

Prezada Sra. Chiesa, escrevo para saber se seria possível organizar uma visita ao Bienvenu Shelter no sábado, 8 de dezembro, na presença da Alta Comissária para os Direitos Humanos e da sua delegação que visitará a África do Sul para uma breve visita. Como beneficiários de financiamento do Fundo Voluntário das Nações Unidas para as Vítimas de Tortura, estamos ansiosos para ver como o centro de acolhida tem apoiado os sobreviventes de tortura (Abigail Noko – Escritório Regional para a África Austral. Gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos – 26.11.2018).

No dia seguinte ao recebimento do referido convite para a honrosa visita ao Centro, outra comunicação explicitava o significado do evento: “Acreditamos entusiasticamente que sua visita ao Bienvenu Shelter, que recomendamos, seria uma oportunidade sem precedentes para aumentar a conscientização e trazer mais apoio à situação das mulheres e crianças migrantes na África do Sul, muitas das quais também são sobreviventes de tortura” (Claudia Gerez Czitrom, Oficial de Direitos Humanos – Fundos Humanitários para Vítimas de Tortura e Formas Contemporâneas de Escravidão do Gabinete do Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos).

Pesquisadores e estudiosos, além de ativistas em direitos humanos e lideranças migrantes/refugiadas contam hoje com os e as profissionais da Direção e da Equipe do Centro de Acolhida Bienvenu, assim como muitos das/os voluntárias/os, como

interlocutores competentes e disponíveis para pensar, agir e incidir em temas relacionados com quem faz a vida do Centro, seus desafios, lutas e conquistas.

No Centro de Acolhida Bienvenu, as mulheres e crianças acolhidas podem permanecer por até três meses, o que lhes dá tempo para se preparar para a vida e a inserção na cidade de Joanesburgo. Casos especiais são avaliados regularmente, assim como as necessidades de cada pessoa. As soluções são construídas conjuntamente, entre as profissionais da Equipe e as próprias interessadas. Serviços de aconselhamento são fornecidos durante a estadia no centro e, também, pelo período que for necessário, às que viveram no centro e, muitas vezes, também às suas famílias.

Nos últimos anos, devido ao aumento de casos de mulheres refugiadas com questões de saúde mental, entre outras situações de necessidade, o período de 3 meses de permanência no Centro nem sempre é suficiente. Elas permanecem, em geral, entre 6 e 8 meses. Assim, o Centro registrou menor número de mulheres acolhidas, com maior tempo de permanência, pois o perfil do atendimento proposto é algo de maior duração, para promover a integração de forma sustentável.

O Centro Bienvenu ajuda também as crianças refugiadas com as taxas escolares, material escolar, uniforme e transporte para que possam frequentar escolas públicas em Joanesburgo, durante ou até um ano após a permanência no Centro de Acolhida. Essa ação se dá a partir de articulações com os órgãos responsáveis pela educação pública e com acompanhamento do processo de inserção escolar junto às crianças diretamente e, sempre, em articulação com as respectivas famílias. Casos especiais são avaliados e considerados.

A saída do Centro é preparada durante a estadia da pessoa ou do núcleo familiar, com escuta e acompanhamento, monitoramento dos processos administrativos, doações de todo tipo à medida das necessidades e na proporção das possibilidades do centro e de seus amigos e benfeitores. Muitas das mulheres e crianças acolhidas e assistidas, mesmo depois de saírem do Centro seguem em contato, apoiam as novas residentes em suas lutas e projetos e até retornam como profissionais, colaborando com o Centro Bienvenu e qualificando os serviços oferecidos com sua experiência de vida e a capacitação recebida, normalmente, graças aos programas e projetos, serviços e parcerias do Centro Bienvenu.

O Centro completa 20 anos com um leque de serviços estruturados e desenvolvidos num conjunto estrategicamente articulados, com foco na atenção às pessoas acolhidas, seu bem-estar integral e o suporte de que necessitam para alcançar sua autonomia e desencadear processos de desenvolvimento suficientemente consolidados para reconstruírem suas vidas e as de seus filhos e filhas com liberdade, confiança e esperança. O Centro inclui, também, esforços para somar, junto a outras organizações do território, esforços e iniciativas de *advocacy* e sensibilização da sociedade local sobre a perspectiva intercultural que migrantes e refugiados ajudam, com suas trajetórias existenciais, a promover e até a forjar.

Apesar de ter iniciado as atividades em 23 de março de 2001, o Centro de Acolhida Bienvenu passa a contar com uma organização jurídica não governamental – ONG a partir de 14 de julho de 2008. Até então, era juridicamente vinculado ao Serviço Jesuíta para Refugiados (JRS), do qual recebia também apoio financeiro. Sob a responsabilidade efetiva da Congregação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas, que estatutariamente têm a Direção Executiva do Centro de Acolhida Bienvenu e seus projetos, em sua estrutura organizacional conta com um Conselho Deliberativo, com o qual a direção trabalha em estreita colaboração. Graças à entidade jurídica nos termos da legislação do país, o Centro de Acolhida Bienvenu tem o registro dos imóveis de sua propriedade autonomamente, tendo recebido formalmente as doações e cumprindo a legislação local, o que dá sustentabilidade ao Projeto, assim como rigor e transparência à gestão.

Ao completar 20 anos de caminhada, o Centro desenvolve sua missão através de 5 Programas, estruturados em projetos de acordo com as demandas das pessoas atendidas e das possibilidades da instituição, de sua infraestrutura e recursos humanos e na medida também das oportunidades viabilizadas através de parcerias formais e informais, sempre contando com recursos financeiros e suporte técnico de organizações afins que acreditam e apoiam o Centro ou alguns de seus projetos especificamente.

O quadro em destaque, a seguir, apresenta os programas e projetos em curso no ano do aniversário do Centro de Acolhida Bienvenu, 2021:

Tabela 3.1 – Programas e Projetos do Centro de Acolhida Bienvenu

1. Alojamento seguro e confiável para as mulheres e seus filhos

- 1.1 Necessidades básicas (acolhida residencial)
- 1.2 Necessidades específicas (cuidados de saúde, aconselhamento, assistência psicossocial e acesso a assistência psiquiátrica)
- 1.3 Planejamento estratégico de saída
- 1.4 Promoção da diversidade cultural e da coesão social.
- 1.5 Empoderamento (cursos profissionalizantes e fortalecimento de lideranças)
- 1.6 Assistência e proteção às vítimas do tráfico de pessoas
- 1.7 Assistência às vítimas de tortura

2. Programa educacional e de proteção para crianças refugiadas e migrantes

- 2.1 Maternal (0 a 3 anos)
- 2.2 Pré-escolar (4 a 6 anos)
- 2.3 Reforço escolar (a partir de 6 anos)
- 2.4 Apoio a necessidades especiais e atrasos no desenvolvimento
- 2.5 Avaliações, acompanhamento e apoio contínuo às crianças
- 2.6 Ligação com os pais através de reuniões regulares formais e informais

3. Centro de Treinamento Madre Assunta – Programas de Empoderamento

- 3.1 Cursos básicos de capacitação
- 3.2 Cursos avançados de capacitação
- 3.3 Cursos de idiomas
- 3.4 Apoio à criação de pequenas empresas (acesso ao mercado de trabalho)
- 3.5 Programas de assistência e apoio

4. Programa Comunitário

- 4.1 Acompanhamento e revisão regulares de casos individuais (visitas, escuta, orientação, resolução de problemas)
- 4.2 Apoio financeiro para aluguel e assistência alimentar
- 4.3 Suporte e Orientação jurídicos
- 4.4 Assistência médica
- 4.5 Apoio e cuidados psicossociais
- 4.6 Colaboração com a Arquidiocese de Joanesburgo – Pastoral dos Migrantes e Refugiados para apoiar migrantes e refugiados em situações de vulnerabilidade

5. Advocacy

- 5.1 Articulação com instituições no combate ao tráfico de pessoas
- 5.2 Promoção e inclusão dos migrantes/refugiados em serviços, políticas públicas e leis da África do Sul
- 5.3 Colaboração com a polícia e forças especiais envolvidas na proteção dos migrantes/mulheres refugiadas

Fonte: Arquivos administrativos do Centro Bienvenu, 2021

Para os fins desta publicação, serão apresentados, a seguir, alguns dos principais projetos em curso, com particular atenção aos que representam serviços de referência que se consolidaram no tempo e garantem apoio às mulheres e crianças refugiadas naquilo que mais necessitam para ganhar autonomia em suas trajetórias existenciais e migratórias.

3.1 Maternal Madre Assunta

Além da acolhida institucional para residência reservado a mulheres e crianças refugiadas em situação de vulnerabilidade, o Centro de Acolhida Bienvenu, entre as iniciativas que implementou, conta com o **Maternal Madre Assunta**, criado em 2009 para ser um espaço seguro no qual as mulheres refugiadas, durante sua estadia, podem deixar seus bebês de 0 a 3 anos de idade, durante o dia, para que possam ir em busca de acesso à documentação, acompanhamento psicossocial, trabalho e soluções para outras necessidades.

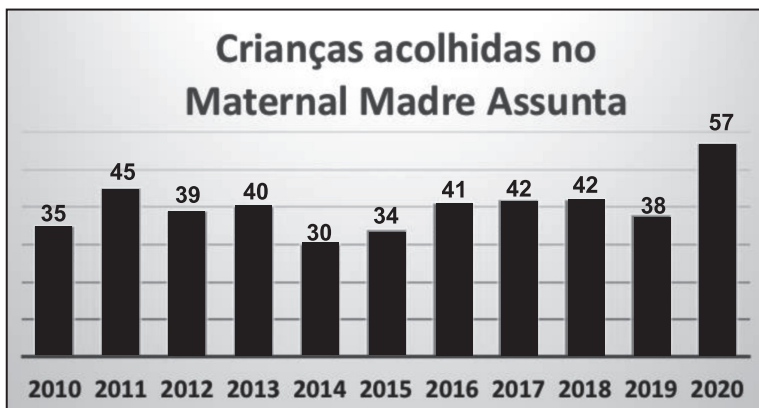
O objetivo do projeto é promover o desenvolvimento holístico das crianças e garantir às mães a possibilidade de procurar ou exercer um trabalho e organizar seu projeto de vida com vistas à sua autonomia, ao sair do Centro. O Maternal Madre Assunta amplia a atenção integral e o cuidado, que é reservado às mulheres e aos bebês, fortalecendo a capacidade do Centro de alcançar em seu cuidado para com essas pessoas também a relação mãe-filho, especialmente para os casos em que a experiência da maternidade possa ter sido acompanhada por sofrimentos e até traumas, prejudicando além da serenidade da mãe, o saudável crescimento psicofísico e humano-espiritual dos filhos.

O Centro Bienvenu preza pela importância de incentivar que as mulheres consigam autossustentabilidade ao buscar por formas de renda própria. Ter seus bebês cuidados e protegidos enquanto buscam alternativas dignas de manutenção da sua família aumenta suas possibilidades de emancipação.

No período de 2010 a 2019, o Maternal Madre Assunta cuidou de 386 crianças entre 0 e 3 anos. No ano de 2020, devido à Pandemia da Covid-19, o Centro de Acolhida precisou fazer algumas escolhas a nível de gestão do ambiente e reestruturação dos serviços para assegurar

não só atendimento, mas, sobretudo, a saúde de profissionais, assim como de pessoas assistidas. Por isso, encerrou temporariamente as atividades da Creche e ampliou de 3 para 5 anos a idade máxima das crianças acolhidas no Maternal Madre Assunta, o que explica o aumento expressivo do número de crianças atendidas no ano de 2020, conforme demonstrado no gráfico a seguir.

Gráfico 3.1 – Número de crianças acolhidas no Maternal Madre Assunta de 0-3 anos de 2010 a 2019 e de crianças de 0-5 anos acolhidas em 2020



As nacionalidades das crianças atendidas no maternal variaram bastante ao longo desse tempo, mas, na maioria dos casos, eram crianças congolezas, etíopes e zimbabuanas. No ano de 2012, o maior número foi de zimbabuanas, que alcançou 23% do total das crianças; em 2014 as congolezas foram maioria, com 50% das presenças e em 2017 o maior grupo foram as etíopes, com 31% do total. No ano de 2020, 30% das crianças eram de nacionalidade zimbabuana e 28% eram do Congo RDC, enquanto as demais crianças – ou suas mães – eram provenientes de outros 8 países, a saber: África do Sul, Suazilândia, Burundi, Malawi, Uganda, Lesoto e Camarões.

3.2 Creche *Lovely Bears*

Outra iniciativa, na linha do cuidado e atenção à infância, é a **Creche *Lovely Bears***, serviço que desenvolve a atenção às crianças entre 3 e 6 anos de idade, em um ambiente tranquilo e estimulante,

no qual elas podem se desenvolver através do amor e do respeito, enquanto suas mães participam das oficinas ofertadas pelo Centro, ou vão em busca de trabalho, saúde, acesso à documentação ou de outras questões, para as quais o suporte do cuidado pelos filhos e filhas é uma ajuda preciosa. A Creche *Lovely Bears*, assim como o Maternal Madre Assunta, faz o atendimento 8 horas por dia, de segunda a sexta-feira, com extensão de outras 2 horas de tempo, para levar e buscar as crianças.

Além do acolhimento às crianças residentes, o Centro acolhe na Creche filhos/as de moradoras e crianças da comunidade local ou filhos e filhas de ex-residentes do Centro. Isso dá às crianças acolhidas a oportunidade de se integrarem na comunidade e dá às mães, além da liberdade na gestão de seu tempo e da segurança do bem-estar de seus filhos e filhas, a possibilidade de articulações e relações com atores da comunidade local. Para as mulheres acolhidas, essa é uma possibilidade importante para abrir caminhos a seus projetos, visando avançar nos passos que as atendem após a saída do Centro Bienvenu. O atendimento é feito por profissionais da Equipe e, por vezes, conta com apoio de voluntários nacionais ou internacionais:

Os três meses que pude passar na Creche foi o melhor momento de todos. Pude estar em uma ONG bem-organizada e estruturada, com boas instalações e uma bela creche onde as crianças são protegidas em um ambiente acolhedor e amoroso. Eu pude levar ideias e ajudar em grupos grandes e pequenos. [...]

Em geral, o programa melhorou meu conhecimento e experiência com crianças, especialmente essas crianças que vêm de um contexto vulnerável. Essas crianças e as pessoas com quem trabalhei tornaram-se parte da minha vida e ainda hoje significam muito para mim.

Eu realmente gostei do meu tempo na creche e no Centro Bienvenu, da forma como todos me fizeram sentir bem-vinda e em casa. Eu sou muito grata por essa experiência e pela possibilidade de tornar o meu sonho realidade.

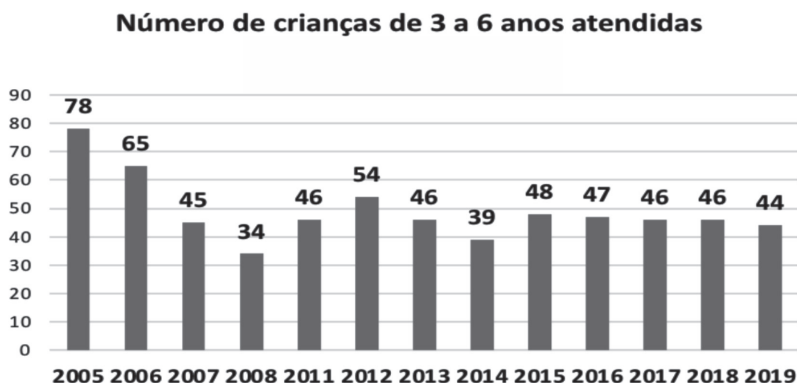
[...] Vocês sempre estarão no meu coração, que Deus abençoe e guie seu maravilhoso trabalho. Obrigada por tudo!!! (Claire Giuliani – Italiana – 25.09 a 11.12.2015).

Como práticas fundamentais, a creche encoraja as crianças a serem respeitadas umas com as outras, promovendo interações onde elas aprendem a lidar com as diferenças. As atividades objetivam o desenvolvimento de habilidades cotidianas, de criatividade e arte, favorecendo a aprendizagem através de brincadeiras, atividades esportivas, recreativas e culturais. O processo de participação das famílias ocorre através de visitas domiciliares, assim como de encontros periódicos com os pais e responsáveis das crianças.

Cabe observar o número limitado de crianças, correspondente à capacidade do espaço: no Maternal podem ser acolhidas até 29 crianças – 14 bebês e 15 crianças menores e na Creche, até 29 crianças – 18 delas menores e 11 das maiores.

O gráfico abaixo permite visualizar o número total de crianças acolhidas na Creche (refugiadas residentes, ex-residentes e crianças da comunidade local) no período de 2005 a 2019, referente aos anos para os quais temos dados disponíveis. Em 2020, a partir de março, devido à pandemia, foram interrompidas temporariamente as atividades da Creche, por isso os dados do referido ano não aparecem no gráfico.

Gráfico 3.2 – Número de crianças de 3 a 6 anos de idade, acolhidas na Creche Lovely Bears, por ano



Portanto, através da atenção e das articulações entre profissionais do Centro, mães, projetos especiais e atores externos, com o serviço de creche o Centro amplia sua atenção integral às mães e seu cuidado

às pessoas acolhidas. Ao mesmo tempo, promove o desenvolvimento psicológico, emocional e intelectual das crianças, favorece a integração no contexto local aonde chegaram depois de duras e por vezes trágicas jornadas migratórias, e, ao mesmo tempo, garante às mães um suporte que favorece seu envolvimento na construção de seu novo projeto de vida, sua resiliência para superar as provas e para ressignificar suas trajetórias e as escolhas que precisa fazer para o futuro próximo. Neste caso também, assim como no caso do Maternal Madre Assunta, entre as crianças refugiadas, destaca-se o número de congolezas, etíopes e zimbabuanas, entre as principais nacionalidades atendidas.

Para as crianças atendidas que completam a idade para a inserção escolar, o Centro não mede esforços para garantir escolarização e alfabetização na idade adequada e, também, para aquelas das famílias que vivem nos arredores e que solicitam auxílio para pleitear junto à rede de ensino vagas, materiais e uniformes necessários. O testemunho da Adília é esclarecedor:

Com o Departamento de Educação estamos um bocadinho melhor, já conseguimos meter todas as crianças na escola, na primária. As escolas aqui da área já conhecem o nosso trabalho, vamos fazer o registro das crianças e já não temos que sofrer tanto, graças a Deus. Há 4 anos podemos dizer que todas as crianças da creche têm uma vaga na escola primária. O mais difícil é quando chegam no meio do ano, pois para poder inseri-los em escolas, no meio do ano, é mais difícil, mas não desistimos até não encontrar solução... (14.12.2018).

3.3 Reforço escolar

Outra atividade de suporte à educação desempenhada pelo Centro de Acolhida Bienvenu é o acompanhamento das tarefas escolares para crianças que estudam do primeiro até o terceiro ano do ensino fundamental. Durante os dias da semana, entre 14h e 16h, uma professora está disponível para atender às dúvidas das crianças em qualquer disciplina que precisarem, oferecendo reforço escolar para essa faixa etária.

A média de atendimentos é de 60 crianças por ano nesta iniciativa. A atividade ocorre, inclusive, durante o período de férias escolares, incentivando a continuidade dos estudos e enfatizando sua importância para essas crianças. Além das aulas, o Centro também busca apoio para auxiliar as crianças em relação ao material escolar, uniformes, transporte escolar e taxas de matrícula nas escolas. Esse suporte provém em grande parte de famílias e comerciantes que voluntariamente fazem doações desses artigos ou valores em dinheiro para pagamento das matrículas.

No Centro Bienvenu,

a primeira coisa que queremos na verdade é que a criança comece a integrar-se. Se é uma criança que tem que ir pra escola, tentar logo cuidar da educação da criança. É muito o que diz aquela frase: “eu era um migrante e tu me acolhestes”. Esta frase é uma das frases que refletem no nosso dia a dia, qualquer coisa que ponha a mão na massa é exatamente isso, é saber que estamos a acolher, portanto, uma pessoa com dignidade que é um ser humano, e a criança é a mesma coisa, a criança adapta mais rápido, a criança conosco se vem com um caso de cultura e violência já é outro caso, começa logo o *counselling* mais cedo, há outras que são pequeninas demais para se revelarem, mas uma coisa que o Centro Bienvenu tem é que ao fim de duas semanas que a criança chegou é totalmente diferente. Inicialmente tem medo... ao fim já vem a correr pra ti com os braços abertos, é como se diz, o retorno do amor que se dá, o abraço, o sorriso da criança, começar a aprender o nosso nome, vir correndo pra nós, já não tem medo... (Adilia Pestana de Sousa, LMS – 14.12.2018).

O reforço escolar é uma das atividades que contou ao longo dos anos com amplo apoio voluntário no Centro Bienvenu. O testemunho a seguir ilustra, em parte, as características desse serviço, que exprime a atenção integral e qualificada que o Centro busca assegurar em tudo o que faz:

[...] Aprendi como, onde e o que é esperado ao fornecer proteção à criança. Eu aprendi a lidar com crianças vulneráveis e como estabelecer a normalidade de volta em suas vidas. Gostaria de agradecer a assistência que recebi da professora Yvette e da diretora Phindile, sobre como conduzir várias lições e atividades e os resultados esperados. A relação que criei com as crianças é muito forte e estou grata pela assistência prestada pela diretora e pelo grupo maior de professores.

Também sou grata a C. O. por me orientar serenamente e me preparar sobre o que esperar e como lidar com isso. Obrigada novamente por reconhecer a minha força e paixão por crianças. Sou grata à Irmã Adilia e à Irmã Kadia por sempre darem uma palavra de encorajamento sempre que vêm às aulas e por me valorizarem. Muito obrigada a Mama Zizina e a professora Stella pela enorme ajuda enquanto os professores estavam fora e era só eu e vocês.

Obrigada a todos, vocês têm feito a minha experiência valer a pena e eu estou ansiosa para me voluntariar mais vezes. Deus abençoe a todos (Grace Kiruri – África do Sul – 17.08 - 30.09.2015).

3.4 Cursos de formação profissional

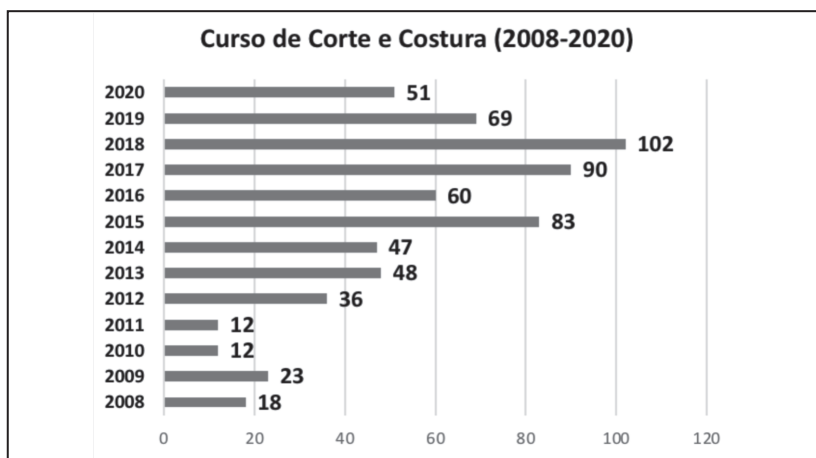
Desde o início, o Centro Bienvenu se deparou com o desafio de proporcionar às mulheres acolhidas, além do apoio pontual em resposta a necessidades urgentes, também os meios para seu processo de reconstrução da vida, após o período de acolhida na instituição.

Cursos de idioma e cursos profissionalizantes foram as iniciativas que mais aportam ferramentas de suporte à mulher estrangeira que deseja refazer um projeto de futuro na realidade aonde chegou e da qual o Centro Bienvenu faz parte.

Assim, desde o início, foram sendo introduzidos cursos e atividades pontuais com oficinas de aprendizagem ou apoio individualizado, com acompanhamento de profissionais do Centro ou voluntários e voluntárias, para que as mulheres acolhidas se preparassem para assumir, mesmo autonomamente, um espaço no contexto local através da inserção laboral, pois essa permite a independência que desejam e da qual necessitam.

O curso de Corte e Costura, tradicionalmente oferecido e reconhecido pelos resultados e oportunidades que oferece às mulheres, promove autonomia financeira, liberdade de auto-organização e reconhecimento na comunidade, além de contatos com pessoas locais ativamente envolvidas com seu novo contexto. Isso favorece o fortalecimento da autoestima através do desenvolvimento de habilidades, sendo especialmente procurado por ex-moradoras da casa.

Gráfico 3.3 – Número, por ano, de mulheres refugiadas que concluíram o curso de corte e costura



Desde a inauguração do Centro até 2017, quando surgiu o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta, além do curso de Corte e Costura, foram organizados, ocasionalmente, outros cursos profissionalizantes, tais como os de artesanato ou de culinária, que ajudaram as mulheres acolhidas a aprenderem ou desenvolverem habilidades profissionais, que as apoiaram em percursos de independência e resgate da dignidade e da esperança.

Outro curso muito valorizado foi o de Computação, especialmente no período em que, graças ao apoio dos Padres Combonianos e com suporte de serviço voluntário, foi possível facilitar noções de informática às mulheres residentes e, também, a alguns funcionários e funcionárias do Centro de Acolhida, o que ajudou inclusive na inserção laboral, uma vez que uma das atividades foi a elaboração de Curriculum Vitae, para impulsionar a procura por emprego.

A partir de 2017, com a criação do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta, o curso de Corte e Costura foi absorvido pelo referido Centro e foi amplamente qualificado, com a doação, inclusive, para cada uma das participantes, de um Kit inicial ao final do curso, que impulsiona e permite o início da atividade como empreendedoras individuais, empoderando as alunas no papel de profissionais autônomas, social e financeiramente, conforme será melhor explicado no próximo Capítulo.

Enfim, cabe sinalizar mais uma experiência positiva e enriquecedora do Centro de Acolhida, que foi realizada em parceria com a *University of the Witwatersrand*, Joanesburgo, que realizou acompanhamento das mulheres residentes, com terapia através da arte, com oficinas de Arte e Drama Terapia. Esse programa foi desenvolvendo-se no decorrer do tempo também com outras parcerias, entre as quais, por exemplo, a *Outreach Foudation* e voluntários e estudantes universitários de diferentes faculdades, valorizando especialmente o teatro e as artes plásticas, incluindo as mães e as crianças. As terapias com Arte e com Drama Terapia, além de ajudarem na gestão das emoções e na capacidade de expressão, são de grande ajuda nos processos de curadas dores e até dos traumas vividos na vida e durante a jornada migratória.

3.5 Curso de idioma

Entre as diversas oficinas ofertadas pelo Centro Bienvenu estão os cursos de inglês para as mulheres refugiadas acolhidas e/ou acompanhadas. As aulas ocorreram por longos anos através de uma parceria do Centro de Acolhida com a congregação das Irmãs Dominicanas de Oakford, sobretudo na pessoa e na dedicação, no profissionalismo e no serviço incansável da Ir. Justina Priess.

Professora por formação, Ir. Justina teve seu primeiro contato com migrantes e refugiados por meio da Weltkirche, no Departamento de Pastoral e Evangelização da Diocese de Joanesburgo, no mesmo período em que estavam colaborando na Arquidiocese as Irmãs que impulsionaram a abertura do Centro de Acolhida e que atuavam no Departamento de Pastoral para Refugiados da Arquidiocese. Além do ponto focal dos cursos de inglês abertos para pessoas refugiadas, a Irmã Justina foi uma parceira de caminhada para a Equipe do

Centro de Acolhida. Testemunhos por ela deixados mostram que ela considerava que esta foi uma das melhores coisas que realizou em sua vida foi trabalhar com pessoas refugiadas.

Foi na atuação pastoral da igreja local que Ir. Justina conheceu uma mulher refugiada do Congo, que não conseguia se comunicar em inglês. Acolheu-a e percebeu o dom que trazia no coração. Em um período de 3 meses contatou o Bispo da época e conclamou para a necessidade de se dar mais atenção aos refugiados. Entre 1998 e 2001, ela ajudou pequenos grupos de mulheres refugiadas a aprenderem inglês, pois, em suas palavras, não saber inglês “tira a dignidade das pessoas”, e “uma mulher que não é capaz de falar inglês se torna muito vulnerável”, além de serem muito maltratadas nas instâncias burocráticas do governo quando não tinham o domínio do idioma. Os registros de sua narrativa são iluminadores:

Eu ainda acredito, depois de 20 anos, que uma mulher que não é capaz de falar o suficiente sobre quem ela é, é muito vulnerável. Em duas ocasiões, crianças que já tinham aprendido inglês suficiente tiveram que traduzir para a mãe para que ela entendesse, o que para mim foi muito doloroso e muito depreciativo para a mãe e uma grande responsabilidade para os meninos de 10 e 11 anos de idade terem que explicar o que aconteceu com sua mãe, contando como o papai foi morto a tiros, como eles vieram de uma área dilacerada pela guerra.

Se eu posso lhe dizer, em uma linguagem que você compreenda – quando você vem da África do Sul e entende como se sentiu – estou empoderando você. Embora eu possa expressar as coisas mais importantes, se eu não entendo a sua pergunta, não há conversa e se eu não entendo, estou indefesa e exposta a ser mal interpretada, mas no momento em que tenho conhecimento suficiente da língua eu posso dizer não ou sim. Foi como aconteceu (Ir. Justina Priess – 28.11.2018).

Joanesburgo tem uma população muito densa de refugiados, segundo Ir. Justina, as pessoas pensam que nesse destino há ‘ouro’, mas, para a maioria das pessoas, essa é uma ilusão que custa caro, pois quem procura refúgio na África do Sul não tem os privilégios

de quem migra para negócios. As Irmãs Dominicanas tinham uma escola chamada ICC – *International Community Center*, que fechou por motivos conjunturais. O espaço, depois, foi utilizado para cursos de inglês, em favor, especialmente da população mais vulnerável, que não tinha meios para pagar os cursos para aprender inglês.

Como metodologia de trabalho, a religiosa desenvolveu um livro com informações básicas para o ensino de inglês. Segundo ela, os materiais que se podiam comprar em livrarias ensinavam como passar as férias na Inglaterra ou como visitar o zoológico de Londres, mas eram inadequados para as mulheres refugiadas que buscavam salvar e reconstruir suas vidas na África do Sul. Assim, ela desenvolveu um livro específico tratando as coisas do dia a dia, conjuntamente com uma equipe de 5 pessoas, sendo 4 refugiados que falavam inglês. A equipe mista, juntos por 10 anos, conseguiram ensinar inglês a 15.000 pessoas.

Nos primeiros anos, as mulheres acolhidas sinalizavam a dificuldade do idioma como um entrave crucial nos esforços de inserção no contexto local. Segundo testemunho da Adília de Sousa, o projeto da Ir. Justina começou quando, juntamente com a ajuda fornecida pela assistência emergencial do acolhimento residencial, revelava-se necessário buscar reforços para aprender o inglês.

Ir. Justina ofereceu-se para fazer uma escolinha de inglês, onde tínhamos nossa pequena biblioteca. Ela começou por dar aulas às residentes que estavam na casa àquela altura e a algumas que vinham de fora. Entretanto, as mulheres diziam que estavam a aprender inglês, estavam a ter sucesso, e outras refugiadas e refugiados, que não viviam no Centro... aí foi aberto também pra eles, ao ponto de chegarmos a ter mais de 50 pessoas nessa altura a estudar inglês no Centro Bienvenu. E como ela criou um próprio livro de inglês básico, com aquilo que as mulheres mais necessitavam, como por exemplo, como apanhar um táxi pra ir à cidade ou ao hospital, como ir ao médico e dizer aquilo que tinham, como dizer que queriam comprar certas coisas, de alimentos, enfim... e elas depressa aprendiam o inglês. Chegou um momento que tínhamos um grupo pela parte da manhã e outro pela parte da tarde. Também tínhamos crianças que cuidávamos para apoiar as mães que

não tinham com quem deixá-las durante as aulas de inglês. Com o tempo, as crianças também iniciaram a participar da escolinha lá. As que tinham a sorte de ir à escola, depois da escola vinham ao Centro na parte da tarde fazer os trabalhos, aprender a ler, aprender a escrever em inglês e assim foi o princípio das aulas de inglês. Para mim foi um sucesso porque muitas delas só conseguiram um trabalho depois de terem aprendido a falar em inglês, e as mães também, para poderem ir à escola e acompanharem seus filhos em tudo o que precisava (26.01.2021).

A partir de 2015, os cursos de inglês passaram a ser coordenados pelo Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados da Arquidiocese de Joanesburgo, e a partir de então os cursos de idioma são ofertados numa das salas da Catedral. Muitas das residentes do Centro Bienvenu e estudantes do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta são encaminhadas para fazer os cursos lá, tanto para o nível básico como para o nível avançado, com duração de 3 meses cada curso.

No Centro Bienvenu foram sendo estruturadas aulas de inglês exclusivas para as mulheres residentes, com apoio de uma profissional voluntária, professora por profissão, que oferece seu serviço 2 vezes por semana. As aulas acontecem durante o ano inteiro. Cada dia há uma nova mulher integrando o grupo ou outra que deixa de participar das aulas porque está saindo do Centro Bienvenu.

3.6 Programa de apoio comunitário

O empoderamento das mulheres acolhidas e a promoção de seu protagonismo são princípios norteadores e referências transversais das escolhas e preocupações no dia a dia no Centro Bienvenu, na acolhida e na gestão das emergências, na busca por soluções duradouras aos problemas e na reflexão sobre as propostas pedagógicas para o acompanhamento e a assistência das pessoas acolhidas.

Em outras palavras, o empoderamento e o protagonismo das próprias mulheres acolhidas e de seus filhos e filhas inspiram as ações e a dedicação do dia a dia no Centro Bienvenu. São parâmetros e critérios que determinam as escolhas e as atividades desenvolvidas,

direcionam as ações direta e indiretamente à construção e ao fortalecimento da autonomia das mulheres acolhidas no Centro. Nesse sentido, favorecer a qualificação e capacitação de cada uma das refugiadas acolhidas para que consigam o ingresso no mundo do trabalho é uma ação crucial no processo de empoderamento e autonomia das mulheres.

O Programa de Apoio Comunitário (*Outreach Program – ORP*) é parte integrante da metodologia de ação do Centro Bienvenu enquanto é um modo operante para dar sustentabilidade ao trabalho realizado com as mulheres assistidas e para que o aprendizado e as conquistas alcançadas não se percam logo que elas são integradas à comunidade. Consiste em assegurar às beneficiárias o suporte que ainda necessitam para conseguir sustentar a si mesmas e seus filhos ou suas famílias.

O Programa é um modo que o Centro encontrou para atuar de forma integrada na comunidade local amenizando, entre outros fatores, expressões de xenofobia contra a comunidade de migrantes e refugiados e dando sustentabilidade aos projetos de vida que a acolhida institucional permitiu elaborar e iniciar a concretizar. O Programa de Apoio Comunitário consiste em uma série de atividades que são dirigidas:

- Às mulheres e crianças que deixam o Centro Bienvenu: acesso a cursos profissionalizantes; apoio com alimentação e vestuário; creche para as crianças; bolsas de estudo para os filhos em idade escolar; material e uniforme escolar; apoio socioemocional; articulações com entidades que ajudam nas soluções jurídicas quanto à regularização migratória; escuta e orientação em casos de sofrimento emocional, luto ou necessidade de discernimento sobre escolhas a serem feitas; entre tantas outras ações de apoio e acompanhamento, especialmente às protagonistas acolhidas no Centro anteriormente;
- À comunidade em geral através do atendimento a famílias vulneráveis de refugiados/migrantes e famílias sul-africanas: acesso à creche, alimentação e vestuário, assim como apoio em casos emergenciais; escuta e orientação e acompanhamento com apoio para situações de maior vulnerabilidade.

A interação com a polícia de migração em favor das mulheres refugiadas que o Programa de Apoio Comunitário conseguiu efetivar se tornou uma verdadeira prática de colaboração entre as duas entidades, que favorece um reconhecimento, por parte da polícia, da dignidade das pessoas refugiadas e garante uma comunicação permanente entre a comunidade local e o Centro Bienvenu. Essa estratégia de estabelecer um contato amistoso com a polícia de migração beneficia as pessoas migrantes e refugiadas no sentido de que o Centro se torna ponto de referência para atendimento e assistência a essas pessoas, se colocando como uma alternativa viável de encaminhamento para além das instâncias de controle e segurança.

O retorno constante ao Centro, e as visitas de acompanhamento da equipe de profissionais às ex-residentes e pessoas que já foram assistidas criaram uma espécie de rede, que permite o acesso constante a informações sobre o contexto em que vivem e sobre a comunidade refugiada em Joanesburgo. Isso permite que o Centro, com bastante agilidade, consiga dar suporte e intervir em situações de vulnerabilidade e emergência que vão surgindo e, ao mesmo tempo, possibilita a captação de informações numa constante atualização em forma de observatório da realidade dessa população nos arredores do Centro de Acolhida.

A rede que se criou de forma espontânea também fomenta um ambiente de solidariedade entre as mulheres que receberam assistência no passado e aquelas que no momento necessitam de assistência: “devolver um pouco do bem que recebi” é como elas costumam explicar sua oferta de ajuda ao Centro e, sobretudo, às mulheres que acabaram de chegar.

Através do Programa se mantém um laço afetivo e de entrelaçamento do Centro com as ex-residentes, destas entre si e delas com o Centro. Este laço dá sustentabilidade emocional para enfrentar os desafios de uma vida em terra estrangeira enquanto se torna, de certa forma, um lugar onde se vive a comunidade, elemento tão importante para a integração e tão valorizado pelas culturas africanas.

Para o Centro de Acolhida Bienvenu, o Programa de Apoio Comunitário sempre existiu, mas foi se estruturando no decorrer dos anos e se tornou um serviço que atende às pessoas que não foram atendidas em programas de assistência governamentais, seja devido

à falta de documentação, no caso de pessoas refugiadas, seja no caso de pessoas não elegíveis para esse tipo de apoio, ou ainda por outros motivos. São esforços disponibilizados para assistir as pessoas mais carentes em volta do Centro de Acolhida, sejam elas pessoas migrantes ou refugiadas, ou ainda nacionais sul africanas.

O Centro tem um cadastro dessas famílias e, com a consolidação dessa abordagem de acompanhamento feita pelas Equipe, as pessoas nas proximidades do Centro sabem que podem contar com esse apoio, que se tornou uma referência. A busca por auxílio chega ali diariamente. Existe uma confiança da comunidade local em relação ao Centro Benvenu, visto que é de conhecimento todos que a ajuda existe, para além da alimentação, pois o Centro apoia também alguns casos particulares, como para funerais com apoio para a família e ajuda no próprio funeral, transporte em emergências médicas, escuta e orientação em situações de dificuldades emocionais, entre outros serviços. Com a pandemia da Covid-19, a partir de março de 2020, a demanda foi triplicada, chegando ao atendimento de quase 2 mil pessoas mensalmente.

No caso específico do acompanhamento às ex-residentes, a partir do dia que elas deixam o Centro, seus dossiês passam para as mãos da Equipe responsável pelo Programa de Apoio Comunitário. Elas ficam conectadas ao programa por um período mínimo de 3 meses. Cada caso é avaliado individualmente. Depois do tempo determinado de atenção mais ativa, a metodologia de acompanhamento prevê que o monitoramento segue para fases sucessivas, de menor presença ativa, mas às mulheres é assegurado que o Centro estará de portas abertas em caso de necessidade. “Volte sempre”, é o que escutam as mulheres refugiadas.

Entre as ações comumente executadas está o apoio para o encaminhamento de crianças com deficiência a escolas especializadas, a gestão de imprevistos emergenciais, o acompanhamento psicológico e o monitoramento de pendências com a documentação migratória, entre outras necessidades dependendo de cada caso.

No cadastro do Programa fica registrado o endereço de cada ex-residente, com quem irá morar, a escola da criança, entre outras informações, para a continuidade do apoio no transporte para a escola, o apoio para renovar o documento, a assistência com medicamentos, a alimentação para além do kit básico, o uniforme, a mensalidade

e o material escolar, o acompanhamento psicoterapêutico com as mulheres e crianças e informações ou apoio para emergências hospitalares.

Muitas mulheres que não sabem onde o marido ou sua família se encontra, e que antes recorriam à Cruz Vermelha para tentar conseguir informações a respeito, passaram a contar com esse serviço e apoio para reuniões familiares através do serviço social do Centro Bienvenu, que foi, ao longo do tempo, se especializando em estratégias de atendimento que ajudam as pessoas acolhidas e terem também esse tipo de problema resolvido ou, ao menos, encaminhado para solução.

Migrantes e refugiados são os seres humanos mais solitários abordados, eles não só deixaram uma casa para trás, e seus sentimentos, eles deixaram para trás a família e sua cultura e eles não são desejados onde eles vão e muitas vezes são submetidos a xenofobia. E todo este sentimento de “eu não sou ninguém”, “eu não posso falar a língua do povo”, “eles não me querem quando eu venho”, “eu tenho dignidade, mas não posso oferecê-la” é um isolamento extremo, especialmente para aqueles que fugiram em circunstâncias dramáticas.

Na minha opinião, as mulheres jovens e todos os menores não-acompanhados são certamente os mais vulneráveis entre os migrantes e eles precisam desesperadamente construir um novo começo na vida, dado que poderiam ser tentados a concordar com abusos e formas imorais de ganhar a vida só porque não há mais nada para fazer, então eles infligem violência sobre si mesmos (Ir. Justine Priess – 28.11.2018).

As mulheres acolhidas, assim que superam os primeiros dias do acolhimento e ambientação, enquanto buscam soluções imediatas para necessidades de saúde, comunicação e documentação, entre outras, iniciam a preocupar-se com a preparação para o momento em que poderão, já fora do Centro de Acolhida, cuidar autonomamente de sua vida e da de seus filhos. Assim, desde os primeiros momentos, entre elas e, especialmente sob orientação e atenção da Equipe do Centro, atividades formativas vão sendo realizadas para favorecer a aprendizagem de saberes e técnicas que podem ajudá-las como

fonte de renda e de habilidades para favorecer até a inserção laboral sucessivamente, tais como arte, culinária, corte e costura e trabalhos manuais.

Tais atividades, todavia, se por um lado enriqueciam as mulheres acolhidas e as empoderavam para suas trajetórias e favoreciam a autoestima e a motivação para enfrentar os desafios, também se constituía em um problema no Centro, pois os espaços eram limitados e precisavam ser compartilhados, por exemplo, o uso da cozinha para curso de confeitaria e para preparação das refeições para as residentes. A experiência de comprometimento na missão do Centro de Acolhida Bienvenu e a dedicação incondicional em sustentar a vida com dignidade e proporcionar um futuro de sustentabilidade para cada uma das mulheres que passaram pelo Centro, abriu caminho para a realização de um projeto, que começou como um sonho e que se concretizou a partir de 2017: O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta.



CAPÍTULO 4



Agradecemos às Irmãs do Centro Bienvenu por satisfazerem as necessidades dos migrantes, oferecendo-nos alojamento, refeições nutritivas, roupas, educação para nossos filhos e acesso a instalações de saúde.

Vocês nos ajudam moral, material e financeiramente. Obrigada!

Se me derem um peixe, eu como, mas se me ensinarem a pescar, não terei mais fome.

Vocês nos ensinam a pescar quando nos preparam nos diferentes cursos como no curso de confeitaria, costura, beleza e inglês. E isso não é tudo, vocês nos dão os materiais para as práticas quando terminamos o curso.

Nós lhes agradecemos!

(Awa – do Congo RDC – s.d)

4

CENTRO DE CAPACITAÇÃO PROFISSIONAL MADRE ASSUNTA

Inaugurado em 2017, o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta é sinal de qualificação das ações e programas do Centro de Acolhida Bienvenu, que assim pode contar com um espaço mais amplo e adequado para suas atividades de empoderamento e profissionalização das mulheres refugiadas residentes e das pessoas da comunidade local que participam dos cursos e demais atividades de orientação, formação e desenvolvimento de habilidades que favoreçam oportunidades reais de inserção laboral e geração de renda para si e para suas famílias.

O trabalho de capacitação e preparação para a inserção no mercado do trabalho nos espaços do Centro de Acolhida, iniciado desde os primeiros anos, foi crescendo e chegou um momento em que o ambiente usado para tais atividades já não abarcava a demanda. Os espaços tinham que ser compartilhados para diferentes funções, estava quase sempre lotado, devido à crescente adesão das mulheres atendidas pelo Centro Bienvenu.

Reconhecendo o grande impacto que aquelas atividades de capacitação profissional tinham na vida de tantas mulheres e suas famílias – propiciando o empoderamento em seus percursos de autonomia - a direção do Centro, em reflexão que envolveu a Equipe e profissionais externos e voluntários, decidiu buscar um espaço próprio para essas ações e projetos. O espaço poderia, igualmente, responder a demandas de outros atores, como famílias de ex-residentes e moradores do bairro, dando prioridade às mulheres migrantes.

Com a colaboração especial da Sra. Christien Heutink e sua família, e a coparticipação da Associação *Round Table*, que doaram anteriormente a casa para a Congregação das Irmãs Scalabrinianas concretizarem o Centro Madre Assunta, o projeto tomou forma e o desejo das Irmãs MSCS de ampliar o espaço para as atividades foi compartilhado com as pessoas que conheciam e apoiavam a instituição e sua missão. Outros doadores foram somando forças, especialmente os Amigos da Comunidade Portuguesa – Sr. Fernando Vicente e Família, Sr. Emidio e Família, Sr. Garcia e Família, Sr. Coelho e Família, Sr. José Tavares e Família, Sr. Ernesto Pinheiro e Família, Academia da Ferrugem, Rochas Hardwere – e outros atores que somaram ideias, recursos e serviços para a reforma da casa e adaptação dos compartimentos às necessidades dos cursos. “A aquisição desta casa não teria sido possível se não fosse pela generosidade e gratuidade de pessoas que se manifestaram como sinais da providência de Deus, que não nos deixa sozinhos quando n’Ele confiamos e entregamos nossos projetos” (Ir. Analita Candaten – Superiora Provincial da Província Cristo Rei – 08.11.2017).

O que era um aspecto limitado da acolhida de mulheres em situação de vulnerabilidade se tornou um núcleo propulsor de vida e de esperança que gera ação, reação e compromisso de quem ajuda, e, sobretudo, das pessoas protagonistas que são as que participam das atividades e que, em sua passagem pelo Centro, deslançam sua força interior e fortalecem seus sonhos, seus projetos e seus passos e desejos por uma vida melhor.

Por ocasião da inauguração do espaço, no dia 14 de novembro de 2017, a Superiora Geral das Irmãs MSCS, Ir. Neusa de Fátima Mariano, manifestou a alegria que toda a Congregação MSCS sentia por essa iniciativa, ressaltando o modo colegiado como as Irmãs MSCS haviam abraçado o projeto e ressaltando que o Centro responde à missão de continuar protegendo e defendendo os direitos humanos e civis de migrantes e refugiados, especialmente as mulheres e crianças.

Inaugurar a casa Madre Assunta como centro de treinamento significa ter na mente, e principalmente no coração, o amor por tantas mulheres que necessitam ser acolhidas, capacitadas, e integradas para que alcancem a sua autonomia e integração na sociedade e no mundo do trabalho.

Toda a congregação vos acompanha, pois, este novo

centro, extensão do Bienvenu Shelter, responde a uma das decisões do XIII capítulo geral, o qual enfatizou a missão de dar proteção e defender os direitos humanos e civis dos migrantes e refugiados, sobretudo das mulheres, pois se compreende que o futuro da família, e principalmente das crianças está intimamente ligado à missão da mulher.

A missão que a bem-aventurada Assunta Marchetti iniciou há 122 anos foi providência de Deus; agora cabe a nós continuar sua obra, tendo a certeza de que Deus continua providenciando o bem para os seus pequenos do evangelho. Tenho certeza de que esta obra é um sinal de que Deus escuta o clamor do seu povo, como o escutou no deserto... (Ir. Neusa de Fátima Mariano – 13.11.2017).

O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta vem assumindo a missão de promover a auto sustentabilidade através de programas de empoderamento para as mulheres residentes no Centro de Acolhida e para outras mulheres imigrantes, refugiadas ou sul-africanas, pertencentes à comunidade local. Seu foco principal é a capacitação através de cursos formais, com acesso aos recursos necessários para a aprendizagem. A doação do material utilizado durante o curso é um diferencial no processo de fortalecimento dos processos de reconstrução da vida em terra sul africana, especialmente para as mulheres acolhidas, que saem de situação de extrema vulnerabilidade e dependência, para processos progressivos de autonomia e fortalecimento da capacidade de recomeçar, reinventando-se. Dispor de um kit com o material necessário para praticar a profissão aprendida é fundamental para o êxito nos percursos de autonomia das estudantes. As experiências migratórias, graças ao acompanhamento humano-espiritual, sociocultural, psicológico e médico, quando é o caso, ajudam pessoas sofridas e até traumatizadas em suas jornadas a serem protagonistas de suas vidas e líderes de trajetórias de esperança e de sucesso para si e para suas famílias. O Centro de Capacitação Profissional foi a peça que faltava, após o término do período de acolhimento no Centro de Acolhida Bienvenu, para desencadear processos fortalecidos e incorporados das potencialidades que podem fazer a diferença quando a organização não está mais a cargo das necessidades do dia a dia, os cursos e presentes recebidos no Centro tornam-se meios de subsistência.

A necessidade de ampliação do espaço se tornou uma constante, tendo em vista o desenvolvimento dos projetos do Centro Bienvenu.

Em outubro de 2019 o segundo plano para uma nova sala extra foi finalizado com muitos agradecimentos ao Sr. Fernando Vicente e seus funcionários. Foi maravilhoso de ver! E estamos felizes por conseguir tornar financeiramente possível dar este grande passo para o futuro do Centro de Acolhida e do Centro de Capacitação Madre Assunta (Christien Heutink – 16.12.2018).

O referido espaço, que é um Salão Multiuso, foi construído em 2019 e inaugurado no mês de novembro. Todas as obras foram apoiadas por financiadores voluntários, como descrito acima. Esse espaço em específico foi dedicado à Família Heutink, por ter sido a principal financiadora.

O salão multiuso tem capacidade para acolher em torno de 120 pessoas, e é utilizado para as celebrações de formaturas dos cursos, para os encontros de formação realizados com as estudantes sobre pequenos negócios e demais atividades relacionadas com a vida e a dinamicidade das ações do Centro Bienvenu e do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta. O espaço é também utilizado para atividades formativas e celebrativas com os funcionários e residentes.

No ano da celebração dos 20 anos, em 2021, o espaço foi ampliado ainda mais, respondendo às necessidades e demandas tanto institucionais, quanto no que se refere ao esforço constante de continuar qualificando e ampliando as atividades e cursos para as pessoas atendidas.

Um dos projetos voltados à qualificação profissional que teve sua operacionalização potencializada pelo Centro de Treinamento é o Projeto de Corte e Costura, que oferece noções básicas de costura para moradoras da casa e pessoas que moram ao redor do Centro Bienvenu. Desde seu início, o projeto já atendeu mais de 600 pessoas da comunidade do entorno do Centro de Acolhida, entre 2008 e 2020, conforme já indicado mais acima, no capítulo 2 desse volume.

Aqui nós não podemos dizer: “estamos aqui só pra te acolher, estamos aqui também pra te mover, promover”. Então temos o Centro de Capacitação Profissional onde elas têm podem aprender profissões. Há também aqueles cursos que não temos aqui, mas se são próprios para a pessoa fazer, arranjamos fora daqui. Se é uma mamá mais nova que já teve um bocadinho de orientação acadêmica, tentamos dar outro curso, também é conforme o estado da pessoa e aquilo que a gente vê que ela vai conseguir. Aí que nós oferecemos o que temos e escutamos e elas, para elas serem independentes (Adília Pestana de Sousa, LMS – 14.12.2018).

Além do curso de Corte e Costura, o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta desenvolve outras ações que têm beneficiado as mulheres e crianças acolhidas no Centro, tais como orientação e acompanhamento na busca por inserção laboral.

4.1 Empoderamento

O Centro de Capacitação Profissional está estritamente ligado com a missão primária do Centro de Acolhida Bienvenu, um espaço para acolher, proteger, promover e integrar, parafraseando as palavras do Papa Francisco, ao expressar a tarefa internacionalmente requerida da igreja e da sociedade frente aos desafios da mobilidade humana no mundo atualmente.

A mulher que sai de sua terra, com ou sem filhos, na busca por salvar sua vida, proteger-se e/ou alcançar vida com dignidade para si e para os seus, uma vez acolhida no Centro Bienvenu não volta mais para a rua, sem amparo. Ela, que normalmente é encontrada e acolhida num momento emergencial, e por vezes traumático, tem no abraço de boas-vindas e no respeito silencioso da escuta o início de um processo que se desencadeia e não termina até ela não conseguir, nos termos da sabedoria popular, “caminhar com as próprias pernas”. Assim, com a acomodação segura na casa, a proteção e as oportunidades de educação e lazer para as crianças, os encaminhamentos para práticas burocráticas, de saúde e de articulação com a família, imediatamente iniciam-se os procedimentos para elaboração, reelaboração e/ou consolidação de novos planos para a vida, o futuro próximo e até mesmo os sonhos para médio e longo prazo.

E nessa trajetória toda, aí estão as Irmãs MSCS, suas equipes de trabalho e a rede variada e polivalente de pessoas e organizações fortalecendo o empoderamento que inicia na chegada e vai se configurando como um processo progressivo, não sem altos e baixos, através do qual a força interior dá as mãos à esperança e à criatividade, para avançarem em itinerários de autonomia e sucesso, cada uma do seu jeito, mas todas com o respeito e a valorização de quem são e de quem podem tornarem-se. Por isso, empoderamento é a palavra que inspirou e determinou o surgimento e o fortalecimento do Centro Madre Assunta, como membro do Centro Bienvenu.

O tempo no Centro de Acolhida Bienvenu para as mulheres é de curto prazo, alguns meses na maioria dos casos. Portanto, é imprescindível que as mulheres aprendam novas habilidades para gerar renda ao sair do Centro, para semear, um esforço para produzir frutos que sejam multiplicadores de outras conquistas. Por isso, após o processo de acolhimento, atendimento inicial, auxílio no aprendizado de idiomas, apoio psicológico e jurídico, aliados ao potencial de aprendizado para a gestão do trabalho e geração de renda, esse tipo de processo é adotado/vivenciado no contexto em que se encontram.

Eu vim aqui, eu estava muito doente, eu estava... até agora eu estou doente. Eu tenho um problema de pressão alta e o centro estava me ajudando. Os meus filhos não iam à escola, não tinham documentos. O abrigo ajudou-os a ir para a escola do projeto, e eles estão indo agora. Deram-me os meus papéis o ano passado, o Centro também... Eu fiz um curso de Inglês por 6 meses e o abrigo me ajudou novamente a fazer um curso para governanta, mas nenhum trabalho. Eles me ajudaram muito e enquanto eu estava doente, eles estavam cuidando de mim, para tudo. O centro... pagaram meu primeiro mês de aluguel, para sair eles me deram colchão, pratos, alguma comida, cobertores, eles me ajudaram (Brunette – do Congo RDC).

Assim, os cursos são uma ferramenta à disposição das mulheres acolhidas, por isso, dependendo das circunstâncias e dos casos concretos, algumas fazem mais de uma modalidade. Considerando a longa lista de espera, o Centro dá prioridade para as que mais

precisam, pois concluir ao menos um desses cursos, normalmente, é a única maneira de terem acesso a alguma forma de renda e poder alimentar-se e/ou alimentar seus filhos, num contexto em que mulher refugiada dificilmente consegue emprego no mercado formal de trabalho. É um meio para poder recomeçar a vida ao sair do Centro de Acolhida, por isso um curso é mais do que um curso, mas uma estratégia de empoderamento “com vistas à auto sustentabilidade e para ajudar a reduzir a fome, a pobreza e o sofrimento dessas mulheres” (Ir. Marivane Chiesa – 27.01.2021).

Assim como no Centro Bienvenu, no Centro de Capacitação profissional a acolhida é uma constante como característica presente nos atendimentos e nas relações, como critério de colaboração nas atividades e, especialmente, como modo de vida e de trabalho. A acolhida vem acompanhada de apreço, estima e valorização de cada pessoa, pois este é o caminho para que a trajetória pelo Centro Bienvenu se torne oportunidade efetiva para a integração no contexto local, espaço nem sempre escolhido, mas espaço real onde podem sarar as feridas e olhar para frente, erguendo a cabeça e retomando sonhos e projetos. Nem sempre é fácil reunir e trabalhar com pessoas de idiomas, culturas e origens diferentes, mas é possível aprender das experiências vividas. No Centro Madre Assunta são valorizadas as diferenças e as habilidades de cada uma, em programas que incluem relações humanas, aulas de empreendedorismo e de marketing, apresentação pessoal e gestão financeira, assim como noções de poupança e de contabilidade, conjuntamente com as aulas técnicas específicas das respectivas profissões.

Em seus testemunhos na conclusão dos cursos, por ocasião da entrega dos diplomas, nunca falta o reconhecimento por estes e tantos outros aspectos daquilo que é a aula de vida que os cursos do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta asseguram.

Eu sempre agradeço o Centro Bienvenu, me ajudou muito, porque quando eu penso em como minha mente estava estressada... mas graças ao Centro Bienvenu eu me acalmei; eu comecei a pensar normalmente. Eu aprendi inglês aqui, eu pude começar a pensar o que eu poderia fazer, o que eu poderia tentar, eu aprendi coisas aqui, eu aprendi costura, e em cima disso também o trabalho que agora estou fazendo,

então eu só tenho a dizer: “Obrigada” ao Centro Bienvenu, e à comunidade das Irmãs Scalabrinianas que teve essa ideia de abrir este abrigo, porque por aqui se não fosse o centro... muitas pessoas são assistidas pelo Centro, quando ficamos aqui, somos como uma família, nos conhecemos, nos tornamos uma família, falamos sobre o Centro Bienvenu, nos lembramos... não é fácil encontrar uma casa de boas-vindas que recebe você e que te dá tudo o que eles nos dão, precisamos agradecer (Juliette, do Congo RDC – 16.12.2018).

4.2 Os cursos de subsistência oferecidos

O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta oferece 4 diferentes cursos: Confeitaria, Cabelereiro/a, Beleza e Corte e Costura. São todos cursos de fácil acesso para o público-alvo para o qual foram organizados, porque têm curta duração, por terem mercado no contexto local e requerem um investimento financeiro limitado para poder dispor do material ou infraestrutura necessários para poder praticar a atividade após a conclusão dos cursos, possibilitando o exercício profissional quase imediatamente à formação, e não são cursos muito caros, portanto, podem ser viabilizados mesmo com recursos limitados.

As mulheres que frequentam esses cursos são todas pessoas que precisam trabalhar, precisam de renda própria para si e para suas famílias, o que fundamentalmente é a razão pela qual elas participam dos cursos, que são suficientemente bem estruturados, para permitirem que, à conclusão, as participantes estejam prontas para utilizar o que aprenderam de modo a avançar em seus projetos de reconstrução da vida, dando passos em busca dos resultados que querem alcançar.

O curso de confeitaria é a primeira opção, pois é fácil aprender receitas, com um capital mesmo bastante limitado para a compra dos ingredientes, como é o pão: aprender a fazer, vendem o produto no mercado informal e já conseguem iniciar a ganhar algo para seu sustento e para as necessidades mais urgentes da família.

As aulas começaram na cozinha do Centro de Acolhida Bienvenu a partir de 2015. A Adília de Sousa, com ajuda de voluntárias, ensinava às residentes, duas vezes por semana, a assar, congelar e

decorar bolos. A partir da inauguração do Centro de Capacitação, o curso expandiu-se, acrescentando receitas de guloseimas assadas, além de *scones*, biscoitos, bolos, donuts, *koeksusters* e pão.

O curso de cabelereiro/a está relacionado com a importância do cuidado com o cabelo tradicionalmente presente nas culturas africanas. Esse curso ensina a cuidar do cabelo, seja formas de tratamento, seja estilos e técnicas de tranças. Sempre há candidatas para esses cursos por ser algo relacionado com a possibilidade de renda rápida e, especialmente, com autoestima e beleza da mulher africana.

Assim como para o curso de cabelereiro/a, o curso de Beleza (manicure, pedicure e maquiagem) está relacionado com o interesse das mulheres atendidas no Centro Bienvenu, mas é também influenciado pela ideia de beleza veiculado pela grande mídia, como por exemplo, estilos de unhas e de maquiagens. Tendo o curso e um pequeno kit inicial, é relativamente fácil iniciar uma atividade e iniciar a ter renda autonomamente. Em termos de sustentabilidade, para as mulheres refugiadas, é um bom negócio, que é viável mesmo sem ter um local para atendimento, podendo ser desenvolvido na calçada, na casa das clientes ou colaborando com outra profissional que já tem um salão.

O curso de Corte e Costura, que havia sido oferecido desde 2001, inicialmente junto ao JRS e a partir de 2003 na sede do Centro Bienvenu, foi transferido para o Centro Madre Assunta em 2017 e se consolidou com o aporte, sobretudo, da cultura das mulheres congolezas, que são a maioria das participantes. Os professores também são, em sua maioria, congolezes. Trata-se de um curso bastante procurado, sendo que a costura é, em geral, feita com panos africanos.

A evolução dos cursos de Corte e Costura é nítida durante esses 20 anos de experiência. Inicialmente, era uma atividade mais informal, com foco na costura de roupas infantis, alcançando, atualmente, um foco no processo de profissionalização que ampliou os itens de aprendizagem e o nível de qualificação prometido e alcançado pelas participantes, especialmente a partir da doação de Kits para as alunas que terminaram o curso poderem iniciar autonomamente seu trabalho (prática iniciada a partir de 2014). No Centro de Capacitação Profissional também foi possível avançar, criando um segundo nível, ou nível avançado, para as melhores alunas, selecionadas pela

equipe em diálogo com os professores, para ampliar e qualificar a aprendizagem na profissão das Costureiras.

Para todos os cursos a Direção do Centro Bienvenu sempre tem longa lista de espera de mulheres que querem se inscrever e participar, o que é indicador da qualidade do ensinamento transmitido, da eficácia da abordagem adotada e, também, do reconhecimento e credibilidade da instituição. No final do ano de 2020 a lista de espera era de 186 pessoas: 30 para o curso de Cabelereira, 36 para o de Confeitaria, 38 para Corte e Costura e 82 para o Curso de Beleza.

Os cursos oferecidos no Centro de Capacitação Profissional têm o número de participantes que o espaço comporta, por isso foi tão importante somar esforços para ampliar, progressivamente, a capacidade de acolhida e capacitação de mais pessoas, que tanto manifestaram interesse e até necessidade de aprender.

Tabela 4.1 – Cursos oferecidos no Centro de Capacitação Profissional entre 2017 e 2020

Capacitação	2017	2018	2019	2020
Confeitaria	36	37	52	53
Beleza	48	42	45	64
Cabeleireiro	-	25	38	20
Costura (Básico e avançado)	90	102	69	68
	174	206	204	205

Outras opções de cursos seguem sempre em avaliação pela Direção do Centro e pelos financiadores que apoiam o Projeto, tais como o curso de Serviço de Bufê, considerando que atividades relacionadas com a produção e venda de alimentação têm se mostrado uma escolha promissora para o mercado de trabalho e do comércio informal local, e por isso uma opção para iniciar o processo de autonomia financeira para muitas mulheres refugiadas.

Além dos cursos organizados e realizados no Centro Madre Assunta, o Centro de Acolhida Bienvenu ocasionalmente proporciona às mulheres acolhidas a participação em outros cursos, por exemplo, o curso de hotelaria, quando há a possibilidade e quando avaliam ser

uma opção que favorece a inserção da pessoa no mercado laboral de Joanesburgo.

Bom dia, senhoras e senhores

Meu nome é Jade X e hoje gostaria de falar sobre como sou grato por esta oportunidade que me foi dada.

Estas lições de confeitaria me ajudaram muito. Me ajudaram a reconstruir minha vida e eu não sou a única que vai se beneficiar disso. A sociedade também se beneficiará com isso, pois, ao cozinhar estarei ajudando a alimentá-los.

As lições dão esperança a muitas pessoas e eu gostaria de pedir ao Bienvenu para continuar com essas lições. É realmente uma bênção para muitos.

Gostaria de agradecer aos meus colegas pela sua simpatia e apoio. Gostaria de agradecer à professora por suas lições e a sua paciência conosco e, por último e não menos importante, gostaria de agradecer ao Bienvenu pela oportunidade que nos foi dada, a nós que não tínhamos esperança. Obrigada (Jade – 08.09.2021).

4.3 Passo a passo, faz-se o caminho

Alguns elementos específicos determinam as estratégias promissoras e facilitadoras do impacto dos cursos do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta. Entre eles:

- a) A escolha das candidatas, selecionadas a partir de longa lista de espera, leva em conta critérios singulares como: a efetiva necessidade da pessoa; sua condição psicofísica, não somente para acompanhar todo o curso, mas de praticar a profissão aprendida após a conclusão das aulas; as habilidades pregressas e a motivação;
- b) Um trabalho de equipe para preparação dos cursos, entrevista e definição das candidatas aceitas e monitoramento diacrônico dos resultados;
- c) Doação de todo o material necessário para as participantes desenvolverem as aulas práticas, evitando excluir candidatas que possam não ter os meios de prover o material para suas aulas;

- d) Elaboração, com auxílio e supervisão do Centro Madre Assunta, de um Plano de Negócios para cada aluna, a partir de sua ideia de negócio;
- e) Dupla avaliação durante o desenvolvimento dos 3 meses de curso, uma teórica e uma prática;
- f) Entrega, no final do curso, do kit inicial para que elas possam, autonomamente, trabalhar e conseguir renda própria.

O Centro organiza, conjuntamente com o curso, ações de visibilização no contexto sociocultural, o que reforça o reconhecimento do diploma obtido e sublinha, simbolicamente, o resgate da dignidade das participantes e, por representação, também de suas respectivas comunidades ou grupos de pertença étnica e social. Entre tais ações está a venda dos produtos produzidos pelas alunas, por exemplo, e uma solene celebração à conclusão de cada curso, com fotos e ampla divulgação nas redes sociais, o que aumenta a repercussão em favor das mulheres e do valor agregado de seus respectivos diplomas.

Em poucos anos desde a inauguração do Centro Madre Assunta, já foram registrados indicadores muito positivos relativos à capacidade do Centro de Capacitação de incidir, ajudando a transformar a vida e a sorte de muitas mulheres, refugiadas e, também, imigrantes ou sul africanas. Algumas que terminam o curso de corte e costura, por exemplo, se uniram para trabalhar juntas, em um espaço compartilhado; outras conseguiram contrato com escolas para fazer os uniformes dos alunos; e outras o contrato com o setor público para fazer os uniformes dos servidores da limpeza da cidade, apenas para citar alguns casos.

Em dezembro de 2019, no âmbito de um projeto de reconhecimento a atores do município de Joanesburgo pela capacidade de incidir na transformação da realidade local, o Centro de Acolhida Bienvenu recebeu o Prêmio, que cita explicitamente o Programa de Apoio Comunitário, destacando sua relevância e reconhecimento pelo que o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta faz acontecer no contexto ao seu redor através da presença e atuação.

4.4 O olhar para o futuro próximo

O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta tem um indicador que interpela e pressiona permanentemente a Equipe: as

listas de espera, que são alimentadas pelo reconhecimento que a instituição vem recebendo em Joanesburgo e as oportunidades que têm favorecido para as profissionais formadas e treinadas através de seus cursos.

Assim, além de investir o curso de Corte e Costura com o Nível Avançado e os tipos de cursos, incluindo o de Serviço de Bufê, a criação de mais salas visa viabilizar o acolhimento de mais turmas participando dos cursos. Esta ampliação foi algo que se mostrou necessário e foi acontecendo pelo impacto dos resultados do Centro Madre Assunta e pelo reconhecimento dos benefícios dessa obra a seus destinatários, por parte dos doadores e financiadores, de perto e de longe.

Chegando ao ano de 2021 com nova e ampla sala para o curso de Beleza, apesar da pandemia, que limitou as ações por motivos de saúde e segurança de todas as pessoas envolvidas por medidas restritivas emitidas pelo Governo, o Centro de Acolhida Bienvenu só tem motivos para celebrar e agradecer.

Os e as doadores/as e amigos/as que chegam para visitar o Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta são sempre bem acolhidos, a qualquer momento, podendo constatar com os próprios olhos o andamento e o estilo das aulas, podendo inclusive interagir com professores e estudantes. É difícil partir sem saborear um delicioso bolo com café preparado com amor e carinho na cozinha do Centro.

CAPÍTULO 5



Saudações em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.
Por favor, receba a nossa maior gratidão e apreciação.
Estamos muito gratos por sua bondade
e amor que nos são mostrados neste dia das mulheres.

O Senhor é cheio de coisas maravilhosas, como vocês!
[...]

Vocês são os melhores, nós somos humildes.

Às vezes as coisas mais simples são as que aproximam
mais,
apreciamos os presentes e os pensamentos por trás disso.
Sua consideração é um presente que sempre
valorizaremos.

Que o amor que vocês derramam sobre nós
volte multiplicado para vocês.

Muito obrigada!

Deus as abençoe.

(Edite – de Angola – 19.02.2021)

5

MULHERES E CRIANÇAS REFUGIADAS

As mulheres acolhidas no Centro de Acolhida Bienvenu geralmente são chefes de família, carregando sozinhas a responsabilidade de criar e sustentar seus filhos. A maioria são refugiadas, sendo que há casos de migrantes e de sul africanas que também são acolhidas, por encontrarem-se em situação de grave vulnerabilidade.

Muitas vivenciaram a tortura, a morte de seus familiares próximos ou de amigos e membros de suas comunidades. São numerosos os casos de mulheres que em algum momento de sua trajetória sofreram algum tipo de violência. Muitas foram vítimas de violência sexual e algumas de redes de tráfico de pessoas. O número de adolescentes com um baixo nível de escolaridade e que já foi vítima de algum tipo de abuso é alto, sendo que não raramente encontram-se casos em que são portadoras do vírus HIV. Devido a condições estruturais de seus locais de origem e/ou de suas situações familiares na origem ou nas trajetórias de deslocamento, grande parte das mulheres acolhidas têm poucas habilidades profissionais que favoreçam a inserção laboral em Joanesburgo.

Para aquelas que são provenientes de outros países, a condição migratória e a falta de domínio do idioma local as colocam, por vezes, em situação de risco para si e para seus filhos. Acrescenta-se a isso o fato de que para manterem-se e cuidarem das pessoas queridas de sua família, especialmente no caso das refugiadas, as dificuldades na busca por emprego ou para iniciar seu pequeno negócio de geração de renda para o sustento da família são enormes.

Por serem mulheres refugiadas e mães, muitas vezes sem possibilidade de dividir a responsabilidade do cuidado e da educação das crianças com algum outro familiar, elas são normalmente solidárias umas com as outras e não perdem sua força, apesar das enormes feridas abertas que carregam consigo. No Centro Bienvenu elas são acolhidas sem reservas, com suas histórias, sua situação emocional, suas labutas e suas potencialidades e habilidades. Sem pietismos de sorta, com imenso respeito e total confiança na capacidade e dignidade de cada uma, as mulheres acolhidas e suas crianças podem tomar a palavra e têm como testemunharem que, sim, é possível reagir, retomar o caminho, transformar as adversidades e obstáculos em base de apoio para reconstruir a vida.

E o Centro de Acolhida Bienvenu tem histórias e memórias para testemunhar ao mundo, e sobretudo a toda mulher sofrida que é acolhida, que é possível recomeçar, que na casa tem espaço e gente que sabe apoiar essa possibilidade e ousa apostar na capacidade de sonhar de novo e na criatividade para fazer acontecer histórias lindas de superação e empoderamento. Por isso, neste capítulo são apresentadas algumas dessas trajetórias, como um modo de ecoar suas vozes e seus olhares.

5.1. Grace, a educadora

A história de Grace, refugiada, proveniente da República Democrática do Congo é representativa de muitas outras histórias desses 20 anos, que o Centro Bienvenu ajudou a escrever.

Ela, que nunca havia pensado que um dia teria de fugir de seu país para salvar sua própria vida, chegou a Joanesburgo em 2001, sem saber comunicar-se na língua local. Com seus dois filhos gêmeos, dormiu a primeira noite no chão da rodoviária *Park Station*, na maior cidade da África do Sul. Ao despertar, no segundo dia, decidiu que deveria andar para explorar o entorno daquele ambiente, apesar das advertências de pessoas que conheceu na própria rodoviária de que ela poderia ser presa por estar sem documentos. Andando por ali, escutou pessoas falando sua língua, o francês, e se sentiu feliz por poder escutar um idioma familiar. Foram seus conterrâneos que a avisaram que o local no qual ela deveria ir para conseguir seus documentos era o departamento de *Home Affairs*.

Nesse mesmo dia, Grace vivenciou um encontro peculiar ao reconhecer um rosto familiar em meio à multidão da rodoviária: era uma ex-colega de escola primária e, ao mencionar o nome da escola a esta pessoa, as duas lembraram que de fato tinham estudado juntas, muitos anos atrás, no Congo. Ela, então, contou sua situação para sua colega, que logo lhe disse não haver espaço para acolhê-la em sua atual moradia, pois era uma residência compartilhada por muitas pessoas e com pouco espaço. Apesar disso, levou-a para sua casa para oferecer ao menos uma refeição e um local de banho. Ao chegar, Grace de fato constatou que havia aí muitas pessoas, algumas estavam dormindo entre os cômodos. Sua colega disse que, se fosse o caso, ela poderia ficar se pudesse pagar. Grace não trazia consigo nada além de poucos pertences pessoais e seus dois filhos. Diante disso, sua colega ficou sensibilizada pela situação, pois “deixar Grace de volta na *Park Station* seria a mesma coisa que deixá-la na rua”. Foi então que em um acordo entre os residentes, protagonizado por sua colega, foi decidido que eles poderiam acolher Grace e seus filhos, ao menos pelo período de uma semana.

Resolvido temporariamente o problema de moradia, Grace começou a buscar um caminho para conseguir sua documentação. Sua experiência no departamento de *Home Affairs* foi muito dolorosa: longas filas, pernoitando no local para conseguir ser atendida, além do tratamento desumano que lhe fora dado, que não considerava a situação de estresse emocional muito forte em um momento tão delicado. Apesar dessas dificuldades, foi no *Home Affairs* que indicaram que ela visitasse o Serviço Jesuíta para Refugiados (JRS), instituição dedicada à orientação de refugiados que precisavam de ajuda. No JRS havia uma pequena lista de albergues onde ela poderia solicitar entrada. Aquele que mais lhe chamou atenção foi o Centro de Acolhida Bienvenu, pela possibilidade de aprender a língua inglesa através dos programas de ensino de idioma. Felizmente, havia vaga e o encaminhamento para o Centro Bienvenu foi bem-sucedido. De acordo com ela, “quando chegamos, pensamos ‘finalmente! Nós temos uma cama; nós temos uma cama!’ Eu estava confiante, a sensação de que este era o primeiro lar na África do Sul e, em seguida, começamos ali nossa vida” (11.12.2018).

A partir desse momento Grace passou a fazer parte da história e da vida do Centro Bienvenu, onde residiu com os filhos por cerca

de um ano, quando obteve auxílio para alugar um local de moradia. Mesmo após sair da casa de acolhida, ela manteve o vínculo com o Centro que para ela foi seu primeiro lar na África do Sul. Ofereceu-se para trabalhar no local, primeiro ajudando no cuidado do ambiente e, posteriormente, como assistente da creche. Com incentivo da instituição, fez uma especialização e efetivou-se como professora na creche para as crianças refugiadas. Sempre foi sua vontade retribuir de alguma forma o atendimento recebido em sua época de residente no Centro Bienvenu: “Eu disse que preciso ajudá-los, agora eu estou aqui, mas mais tarde eu vou ter a oportunidade de ajudar, eu tenho que fazer a diferença em suas vidas” (11.12.2018).

A história de Grace reflete, por um lado, parte das situações por que passam muitas das mulheres refugiadas acolhidas no Centro Bienvenu e, por outro lado, como a instituição tem desempenhado vários serviços de apoio que auxiliam na formação, qualificação profissional e, conseqüentemente, na integração dessas mulheres e suas famílias em Joanesburgo.

5.2. Khelly, a batalhadora

A primeira vez que Khelly foi para a África do Sul, estava acompanhada de seus avós, em 2006, depois que seus pais faleceram em seu país natal, a Zâmbia. Durante a entrevista que nos concedeu, Khelly não deu detalhes de sua vida no país natal, mas relatou que sofreu tortura, o que fez com que seus familiares se mobilizassem para que ela conseguisse sair de lá. Apesar disso, após chegar na África do Sul, não recebeu mais o apoio da família para a regularização de seus documentos. Passou alguns anos contando com ajuda de igrejas, quando, em 2010, grávida, foi encaminhada ao Centro de Acolhida Bienvenu e deu à luz a seu filho. Impossibilitada de registrá-lo porque seu passaporte havia sido roubado, o papel do Centro Bienvenu em assistência jurídica foi essencial.

O Centro pagou tudo para que eu obtivesse meus documentos, enquanto minha família não fez nada. Então, se não fosse o Centro eu estaria até agora sem passaporte. Na Zâmbia, quando eu saí, eu tinha 14 anos, na Zâmbia,

quando você tem 14 você não pode ter uma carteira de identidade... Se não fosse o Centro, não sei para que país teria de ir, porque não podia ir para a Zâmbia, eles me rejeitavam, eu não podia ir para a África do Sul, eles me rejeitavam, então, onde posso estar? Se não fosse o Centro para arranjar meus documentos... então o centro me ajudou muito (12.12.2018).

Khelly também relatou as dificuldades que passou nas ruas de Joanesburgo. Por diversas vezes fora parada por forças policiais que buscavam deter migrantes indocumentados. Em uma ocasião, foi assediada por um agente e teve medo de reagir e sofrer consequências. Durante as abordagens policiais, ela tentava sempre falar a língua Sotho, uma das 11 línguas nacionais da África do Sul que, por sorte, aprendeu com seu avô sul-africano. Os agentes normalmente se comunicavam em Zulu, língua amplamente falada em Joanesburgo, mas Khelly tinha receio em continuar a conversação nesse idioma temendo que seu sotaque a denunciaria como estrangeira. Ela estava sempre “preparada para mentir às autoridades para continuar sua vida”, afirmando que era proveniente de Freestate, estado onde a língua Sotho é falada pela maioria da população. Dessa forma, os policiais acreditavam que ela era sul-africana e o tratamento mudava, assim como o risco de ser deportada diminuía.

Depois de 8 anos de sua chegada na cidade, Khelly pôde olhar para trás e testemunhar como ainda adolescente, vítima de torturas, sozinha, mulher e estrangeira, que chegara desamparada em 2010, tinha conseguido reconstruir sua vida, reaprendido a sonhar e a lutar pelos seus sonhos. Khelly deixou a África do Sul em 2019 e migrou para o Malawi, fronteira com a Zâmbia, seu país de origem, para viver com o marido e os filhos. O marido, como estava desempregado, viajou primeiro com os 2 filhos pequenos para começar construir a casa e preparar as condições mínimas para acolher a esposa. Por sua vez, ela continuou trabalhando por mais alguns meses e economizou dinheiro para também migrar. Pelas notícias enviadas ao Centro Bienvenu, sabe-se que enfrentaram muitas dificuldades para recomeçar a vida, mas conseguiram superar isso e acabaram se estabelecendo na terra que escolheram para morar e cuidar da família..

5.3 Josy, a cuidadora

Josy é uma refugiada congoleza que chegou na África do Sul no começo de 2002 fugindo da guerra e de toda a situação de perigo e pobreza em seu país. Ao chegar em Joanesburgo com seu marido, um filho e grávida não tinha nenhum lugar aonde ir. Foi o Serviço Jesuíta para Refugiados que a direcionou para um albergue, onde primeiramente podia pernoitar. Segundo ela, foi um albergue que não disponibilizava café da manhã e não tinha muitas atividades de assessoria legal. Assim que solicitou refúgio, foi encaminhada ao Centro Bienvenu onde passou aproximadamente 10 meses.

Para a refugiada, a recepção do Centro de Acolhida trouxe paz à sua vida, pois estava vivendo nas ruas, mesmo podendo pernoitar em um outro albergue anteriormente, enquanto buscava um espaço onde recomeçar a vida, com dignidade. Seu estado emocional era de muito estresse e relata que não sentia sua mente “trabalhando bem”.

[...] Você diz a si mesma: ‘para onde eu vou? Para onde eu vou?’. Porque de onde venho e fugindo da guerra e aqui estou eu... ninguém me vê, ninguém para me receber, eu não tinha lugar para dormir, minha cabeça estava confusa, além disso eu estava grávida, não foi uma boa sensação. Então, quando elas me encaminharam para este lugar, elas me acolheram através da irmã, eu senti tudo de ruim diminuindo, eu senti paz e alegria, elas me acolheram tão bem! A irmã disse à mãe da casa para me dar cama e tudo, cobertor, todas as coisas básicas, elas deram comida para o meu filho também, eu senti minha mente começando a trabalhar novamente (16.12.2018).

Em seu relato sobre sua experiência como refugiada, Josy diz que percebeu a necessidade de migrar ao perceber “a morte chegando até você”, no período da guerra. Ao ver o fluxo de pessoas indo embora, fugindo de seu país, ela decidiu que era a melhor coisa a fazer para salvar sua própria vida. Apesar de não se arrepende, disse que ainda no país de origem, os facilitadores prometiam uma vida que não foi a que encontrou na África do Sul. As promessas de riqueza, moradia e paz não se concretizaram, e as dificuldades foram maiores que o esperado.

Um dos grandes desafios para ela e seu marido foi a língua, assim como muitas outras refugiadas relatam, quando narram suas trajetórias. “Quando uma pessoa não sabe a língua, o tratamento muda”, sustenta Josy. De fato, possibilitar às mulheres e crianças acolhidas a aprendizagem do inglês se tornou um compromisso no Centro Bienvenu, uma parte fundamental das ações proporcionadas pelo Centro para alavancar os esforços de reconstrução da vida, através dos quais a equipe do Centro de Acolhida passa a fazer parte dos percursos de esperança das mulheres e crianças residentes na casa.

Após Josy sair do Centro de Acolhida, seu filho continuou frequentando a creche e ela mesma continuou suas atividades de capacitação, participando do curso de Corte e Costura, que havia iniciado quando era residente. Essas atividades a ajudaram a fazer pequenas vendas para se manter nos meses posteriores à sua saída do Centro Bienvenu. Mesmo depois de conseguir um emprego e mudar de residência com seu marido e filhos, costumava visitar e passar para cumprimentar as Irmãs, funcionários/as e voluntários/as .

Em uma de suas visitas, foi informada que seria aberta uma creche para bebês, o Maternal Madre Assunta, e que haveria uma vaga de trabalho para esse novo serviço que o Centro Bienvenu estava a implementar. Ficou muito feliz por poder regressar com a condição de retribuir à organização que a ajudou nos momentos mais difíceis da sua integração no novo país. Foi-lhe dito que haveria uma demanda alta de bebês chegando e que as mães precisavam do serviço para sair e procurar por empregos e meios de subsistência, além de estudar e desenvolver novas habilidades. A relação com as residentes foi muito amigável, pois algumas já a conheciam, e dessa forma foi muito mais fácil para elas deixarem seus bebês com Josy, mãe refugiada também, agora educadora e cuidadora no Maternal.

A importância, para Josy, de trabalhar com refugiadas, dá-se no sentido de tentar fazer com que as impressões que as refugiadas têm ao chegar ao novo país – de que não são bem-vindas, de que são uma ameaça e de que não são “seres humanos” – sejam revertidas em uma atenção que as considere seres merecedores de direitos, iguais a qualquer outro ser humano no país. Os serviços oferecidos, como o Maternal que o Centro Bienvenu projetou, tornaram-se essenciais para que as refugiadas pudessem se desenvolver e criar novos projetos de vida para si e suas famílias.

Josy enfatiza a necessidade do Centro de Acolhida Bienvenu continuar seu trabalho, pois não vê pela frente uma possibilidade de melhora na situação da migração e do refúgio no continente. “Havia um tempo que nós pensávamos que iria parar [o fluxo migratório], mas vemos que continua forte, uma hora é por desastres naturais, outra por guerras...”.

Quando indagada sobre o governo e a sociedade civil no papel de proteger os refugiados no país, Josy diz que ainda falta, por uma parcela da população e do governo, reconhecer que os refugiados não são uma ameaça, que não são pessoas erradas em suas escolhas, mas estão contribuindo para o crescimento do país.

O que nós vemos... talvez haja mais refugiados até que a paz chegue ao mundo, mas, pela forma como vemos, as coisas ainda estão piorando, a guerra não acabou, hoje é aqui, amanhã é ali, por isso só queremos que Deus dê mais recursos para que eles recebam mais pessoas, mais mulheres (17.12.2018).

5.4 Brunette, a que sabe com quem pode contar

Brunette é uma refugiada congoleza que teve sua primeira estadia no Centro Bienvenu entre maio de 2015 e março de 2016. Posteriormente voltou à casa, em 2018, devido à sua situação de vulnerabilidade psicossocial e econômica. É um caso que exigiu mais tempo de permanência respeito ao período padrão de 3 a 6 meses e necessitou mais atenção por parte da equipe. Sua história é de muita superação e força e, graças aos apoios recebidos, pôde sobreviver para contar sua trajetória.

Ela chegou na África do Sul em 2013. Antes, vivia em Goma, cidade da República Democrática do Congo que faz fronteira com Ruanda. Seu marido era filho de congolês com mãe ruandesa, o que segundo ela era fator de xenofobia enfrentada pela família. Em maio de 2013, seu marido foi preso pelo governo congolês, acusado de fazer parte do Movimento 23 de Março (ou Exército Revolucionário Congolês), um grupo militar rebelde que operava principalmente na província de Kivu do Norte, cuja capital é Goma. Segundo Brunette,

seu marido era inocente; mesmo assim, após a prisão arbitrária, as forças do governo invadiram sua casa em busca das “armas que o esposo escondia para os rebeldes”, que, segundo ela, não existiam. Na ocasião ela estava grávida e foi ameaçada de prisão. Um mês e três semanas depois, após o nascimento do bebê, forças policiais a levaram presa. Durante dois dias na prisão ela buscou saber notícias do marido, sem sucesso. Seus familiares diziam que o haviam matado, mas até o momento da entrevista para esta publicação, em dezembro de 2018, ela ainda tinha esperanças de encontrá-lo com vida. Seu irmão a ajudou a fugir da cadeia e da cidade, com dois de seus três filhos, os mais novos, pois a mais velha havia ido à escola no dia anterior e não havia retornado. Ela disse que “se viu na África do Sul de repente”, em estado de choque e sem muitas lembranças claras devido às fortes emoções.

Nos primeiros meses em Joanesburgo, Brunette viveu em locais onde conseguia trabalho como empregada doméstica, até que seu então chefe, em 2014, com o qual tinha confiança, a estuprou e a ameaçou de morte caso fosse denunciado. Após o crime, uma conhecida zimbabuana ofereceu o quarto do irmão para sua estadia, pois ele estava a viajar. Ao retornar de viagem, o irmão de sua conhecida também cometeu o crime do qual ela tinha acabado de fugir. A violação sexual ocorreu no quarto que lhe fora dado como refúgio. Novamente vítima deste crime, e igualmente ameaçada de morte em caso de denúncia, ela passou por um momento de surto psicótico, e não soube explicar como chegou à internação em uma clínica psiquiátrica. O atendimento foi feito por meio do *Centre for the Study of Violence and Reconciliation* (CSV), parceiro do Centro de Acolhida Bienvenu, que é uma organização não governamental que colabora oferecendo apoio e assistência psicossocial, especialmente para pessoas que sofreram traumas.

Segundo Brunette, a partir do momento que obteve atendimento do CSV e conseqüentemente do Centro Bienvenu, as coisas melhoraram de diversas formas. À época, estava com problemas de pressão alta, além das condições psicológicas que também exigiam medicações. Não conseguia se alimentar ou dormir. Seus filhos não estavam matriculados em nenhuma escola e o procedimento para obtenção do reconhecimento do estatuto de refugiada estava sem seguimento. Graças ao apoio do Centro de Acolhida ela obteve acompanhamento médico para tratar seus problemas de saúde,

inclusão dos filhos na escola e conseguiu os documentos de refugiada na África do Sul. Além disso, pôde aprender inglês por meio das aulas ministradas pela equipe do Centro, fez um curso de cuidados domésticos para que pudesse encontrar trabalho. Na sua primeira estada, com o fim do tempo de residência, o Centro Bienvenu a ajudou com o primeiro mês de aluguel de seu novo lar, também com doações como pratos, talheres e cobertores. Este apoio foi necessário para sua estabilização na cidade.

Em 2018, retornou ao Centro de Acolhida, por problemas de saúde e por conflitos com pessoas que compartilhavam a casa onde morava com seus filhos, que geraram ameaças a ela e à sua família. A falta de informações sobre o paradeiro de seu marido, preso pela polícia da RDC, e de sua filha mais velha, desaparecida, aumentam sua vulnerabilidade psicológica e este é um exemplo de caso de extrema sensibilidade que o Centro recebeu e continua acompanhando, mesmo à distância.

Para o centro eu só digo obrigada, eu só digo obrigada porque elas cuidam de mim, elas me dão lugar para dormir... Quando estou aqui elas estão me ajudando com alojamento, elas estão me dando comida de graça. Eu só digo obrigado porque elas cuidam de mim, elas me dão lugar para dormir... e eu ficar doente, elas me ajudam para ir ao hospital, transporte, elas me dão transporte para conseguir meus documentos. Isso é porque eu digo que não posso esquecer o Centro Bienvenu, elas me ajudaram muito porque, eu acho, se não fosse o Centro de Acolhida, eu já teria morrido. Eu me lembro da última vez, eu estava no Centro, o jeito que eu desabei, eu não sabia o que aconteceu. Eu caí e todas as irmãs me cuidaram... eu não entendia o que aconteceu e o que elas fizeram, elas salvaram minha vida (02.12.2018).

5.5 Destaque para situações especiais vividas no Centro

Ao registrar neste volume os principais feitos dos 20 anos de caminhada do Centro de Acolhida Bienvenu, a principal fonte de dados e de informações relativas às vivências é o próprio Centro,

seus documentos e, especialmente, as pessoas que atuam, como funcionárias ou como voluntárias/os, que com sua memória, sua dedicação, seu amor oferecido e acolhido, permitem registrar fatos e sinais que ficaram na memória da instituição, para que muitas outras pessoas conheçam a grandeza dessa obra, o quanto de bem realiza e como através de muitos pequenos gestos, grandes resultados foram alcançados. Isso ajuda no reconhecimento e na motivação, quando as dificuldades vêm carregadas de desânimo e temor.

No princípio, muita gente que era refugiada, era vítima de tráfico humano, e a gente não sabia! Elas fugiam para salvar a vida delas e a dos filhos. Chegando aqui já não encontravam o marido, não compreendiam a língua e não tinham ninguém a quem recorrer, ou que elas conhecessem. Então aí havia muitos conflitos com a Polícia. Quando elas eram encontradas como refugiadas, no princípio foi muito difícil, porque elas estavam sempre a ser apanhadas pela polícia e postas na cadeia. Lembro-me que eu e a Ir. Melanie passávamos a vida a ir na cadeia a tirar as nossas mulheres (que havíamos acolhido no Centro). Uma porque haviam-lhe tomado os documentos dizendo que não eram válidos, segundo porque diziam que elas não podiam andar na rua, ou porque não podiam trabalhar... não podiam estudar, não tinham direito a nada. O documento que elas tinham não dava direito a nada.

As que vinham junto com os refugiados e eram vítimas de tráfico às vezes sofriam por meses, porque chegavam aqui, depois de traficadas, iludidas por promessas falsas. Geralmente iam para quartos, onde eram deixadas a ficar e os homens abusavam delas. Quando elas conseguiam fugir, coitadas, com a vergonha, com a dor e com o abuso que haviam sofrido, nem sabiam se defender junto à Polícia e junto às pessoas que tinham que ajudá-las. Tornava a ser um abuso psicológico, porque não eram bem atendidas, porque não sabiam se explicar. Depois, quando chegava até nós uma notícia dessas, através da Polícia que as trazia, levava duas, três semanas, às vezes quatro para que elas começassem a confiar em nós e contassem tudo aquilo que elas passaram (Adília Pestana de Sousa, LMS – 11.02.2021).

Nas falas e nas lembranças, para quem olha para trás e vivenciou passo a passo dessa trajetória, algumas histórias têm destaque, e este volume é uma oportunidade de partilhar. Mesmo usando pseudônimos, seguem algumas histórias, narradas e escutadas com humilde gratidão e admiração, assim como com unidade, compaixão e solidariedade, especialmente pelas vítimas de tráfico de pessoas.

- **Sandra.** Foi vítima de tráfico, proveniente do Moçambique. Havia sido vendida pela avó a um senhor de Joanesburgo, depois que sua mãe morreu. A menina partiu em direção da África do Sul, com um homem muito mais velho que ela, com a promessa de um emprego para poder enviar dinheiro à avó, que ficou em Moçambique. Foi abusada e ficou grávida. Felizmente, esse caso foi parar no tribunal, o homem ficou preso e o Centro Bienvenu conseguiu reunir a menina com sua família, em Moçambique, com o apoio das Irmãs Missionárias Scalabrinianas que lá atuavam para fazer contato com a família. Foi um fim bonito. Mas não terminou aí, apesar do trabalho psicológico, o acompanhamento, o aconselhamento. A avó, sucessivamente, voltou a vendê-la uma segunda vez. Assim que a menina chegou novamente na África do Sul procurou imediatamente o Centro Bienvenu, na primeira ocasião que conseguiu fugir. Mais uma vez foi organizado o retorno à Moçambique, desta vez para ser acolhida por outra família que assumiu a responsabilidade de acompanhá-la e apoiá-la a médio e longo prazo.
- **Susy.** Fugiu da Uganda com a mãe, pois o pai havia desaparecido em um dos ataques no lugar onde vivia. Foi vítima de violência e chegou com vários ferimentos, inclusive nos órgãos genitais. Durante a viagem de fuga, na fronteira, a Cruz Vermelha ajudou-a dando pontos nos cortes que havia pelo corpo, mas haviam usado um fio de nylon muito grosso ao ponto que depois de alguns meses ela ainda sentia dores e tinha feridas, pois o fio ainda estava em seu corpo. Socorrida e auxiliada pelo Centro Bienvenu, através do qual teve o tratamento médico de que precisava, conseguiu sobreviver. Enquanto isso a mãe dela não sabia, mas estava doente em estágio avançado. Foi cuidada em Joanesburgo, onde morreu de câncer no fígado. Era um caso de tráfico de pessoas, ambas eram vítimas, pois a mãe

conseguiu infiltrar-se para ajudar a filha, mas depois caíram as duas nessa rede. Susy depois foi acompanhada por longo período pelo Centro Bienvenu.

- **Marta.** Chegou ao Centro de Acolhida com 5 filhos, todos pequenininhos. O maior tinha cerca de 7 anos. Teve um período de acompanhamento personalizado, estava mal. Depois, com a ajuda da Cruz Vermelha, encontrou o marido e os dois iniciaram a preparar-se para encontrar uma moradia para a família poder reunir-se novamente. Enquanto aguardava, Marta iniciou a trabalhar numa loja que vendia alimentos prontos. O marido também encontrou um emprego, mas ela de repente desapareceu. Isso também acontece!
- **Mary.** Chegou ao Centro Bienvenu pedindo ajuda, porque não tinha onde morar. Disse que tinha passado dois dias sem comer e que havia ficado muito tempo na fila tentando conseguir os documentos de refugiada na África do Sul. Com o bebê nas costas, não o retirava dali em nenhum momento e foi respeitada quanto a isso por toda a Equipe do Centro. À noite comeu e foi dormir e, ao levantar-se, já estava novamente com o bebê nas costas. Quando a equipe foi tentar verificar como ele estava, notou que estava morto. Mary não conseguia entender que era necessário fazer o funeral. Foi uma situação muito dolorosa. Ela, como estrangeira, teve que esperar o dia todo para que a ambulância fosse retirar o corpo do bebê. Na verdade, ela tinha passado tantas horas ao sol na espera de ser atendida no *Home Affairs* que a criança que não comeu e não bebeu nada naqueles dois dias, veio a falecer. Sofrimentos e lições de vida que ensinaram a equipe do Centro a ser fortes e humildes, para tudo acolher. Infelizmente, situações como essa de Mary, em que o filho vem a falecer se repetiram algumas vezes ao longo da história do Centro Bienvenu.
- **Lucienne.** Ela era mãe de gêmeas. Uma das gêmeas, um certo dia, já não ficava com a mãe. Ela só carregada uma das gêmeas nas costas. Nesse dia houve visitantes no Centro e a Equipe, ao acompanhar a pessoa para visitar a casa, percebeu a outra gêmea deitada no berço em uma

posição pouco comum. Assim que a visita foi embora, foram verificar a situação da bebê: estava morta. A mãe não conseguia perceber o que estava acontecendo. Com a ajuda de uma voluntária da Alemanha que atuava no Centro, a mãe precisou ser levada ao hospital, para poder proceder depois com o funeral do bebê. “Acho que por tanto sofrimento que aquelas mães passavam, de tanta tortura... na verdade lidamos com muitas mães que passam por tortura; então a tortura é tanta que elas nem sentem aquela dor quando acontece outra coisa ruim na vida delas”, afirma Adília, narrando sobre os impactos psicológicos que as situações que algumas das mulheres refugiadas acolhidas na casa passam. Em casos extremos, as dores sofridas anteriormente pelas mães repercutem nos cuidados com os filhos e na aceitação de situações como a morte.

- **Godine.** Chegou a Joanesburgo, vindo da Ruanda, ainda menor de idade, com uma família sul-africana, com a qual os seus pais haviam feito um acordo – uma quantia de dinheiro, por um certo tempo, em troca dos serviços que ela prestaria cuidando de crianças da família, na África do Sul. Segundo o acordo, ela enviaria dinheiro mensalmente à família que ficava na Ruanda. Godine cuidava das duas crianças da família, mas também de seu próprio bebê, com o qual havia saído de casa, carregando-o nas costas. Ela tinha em torno de 16 anos quando, depois de meses, chegou ao Centro de Acolhida. Durante 3 meses viajaram pelas montanhas e pelos bosques, para tentar chegar na África do Sul, passando fome, correndo riscos. Alguém morreu no caminho. Ao chegar ao Centro Bienvenu estava desnutrida, há um mês fechada numa casa a cuidar das duas crianças, sem poder sair lá fora, fechada em casa. Ela estava doente e não era cuidada. O encontro com o Centro transformou sua vida.

Um último destaque, a seguir, chegou através de um e-mail:

Lisa, esta é minha maneira de te agradecer.

Às vezes, gestos simples nos impressionam muito já que eles não só permanecem em nossas memórias, mas também

tocam nossos corações. Eu estava nervosa para ir ao ginecologista, com medo de descobrir uma doença, e você e a Adilia tornaram tudo mais fácil. Você ainda me deu o seu perfume. Eu nunca vou esquecer isso.

Todos os dias eu senti apoio real aqui e eu sinceramente agradeço a você. Você é linda por dentro e por fora e eu a admiro muito. Peço a Deus que te abençoe todos os dias e te proteja sempre.

Os resultados saíram e eu estou limpa, foi um alívio. Uma parte de mim está feliz, mas a outra não está, pois, um futuro em Moçambique pode não existir, mas tudo está nas mãos de Deus. Quando eu sair, eu vou levá-la em meu coração, você é uma bênção de Deus para mim, muito obrigada (Sandra – De Moçambique, 13.01.2021).

5.6 Protagonistas

Os fatores externos que induzem os deslocamentos limitam, mas não eliminam a agência e o protagonismo de seus atores. Com exceção, talvez, de casos de tráfico humano, em geral, conflitos bélicos, perseguições, violações generalizadas de direitos humanos, eventos climáticos, violência doméstica, insegurança alimentar são fatores externos que impactam profundamente, mas não determinam totalmente as estratégias de sobrevivência de milhões de pessoas que se deslocam para outras terras, como uma estratégia possível. A mobilidade humana, nesta ótica, se torna uma das possíveis estratégias de superação de conjunturas adversas (Inglês, 2017).

Essa reflexão se aplica especificamente para o caso da mulher “refugiada”, como aquelas que são abrigadas no Centro de Acolhida Bienvenu, como observamos na história de Grace e das demais mulheres cujas histórias ficam registradas em forma resumida neste volume. Seja por estar fugindo de conflitos bélicos ou da perseguição no país de origem, por passar por insegurança alimentar e total falta de perspectivas de futuro e até mesmo não ter tido opção quanto a qual país poderiam direcionar-se, esperando conseguir refúgio, as histórias de vida e de resiliência, de dor e de reconstrução da vida (Wildner, 2019), sem cancelar nem negar atrocidades e trajetórias obrigadas, reforçam o sentido e a grandeza da missão do Centro de Acolhida Bienvenu: as mulheres que mais precisam, mesmo fragilizadas pelas situações dramáticas que podem ter passado ou

estar passando, encontrando um espaço de vida e relações positivas e vitalizantes, se solidarizam e nutrem mente e espírito. Elas são capazes de dar a volta por cima, para si mesmas e para os seus. As poucas narrativas registradas nesse volume estão colocadas como testemunhos, sinalizando um mundo de gratidão e superação, que palavras e páginas não poderiam conter nem contar.

A violência, em todas as suas manifestações, não diz respeito apenas ao país de origem, mas também a todas as mobilidades e imobilidades dos percursos e no próprio país de chegada. As trajetórias migrantes e de busca por refúgio não terminam com a chegada ao país estrangeiro que reproduz a ideia de ajuda internacional para quem busca abrigo e proteção; a chegada apenas muda e reconfigura as lutas, os medos, os riscos e as hipóteses de solução às demandas e às necessidades de quem se desloca. Para quem atravessa situações de vulnerabilidade, a solidariedade, a informação que situa e orienta, a interlocução que viabiliza a comunicação faz parte dos gestos e sinais que fazem a diferença para a retomada de percursos de vida. Esse tipo de situação forjou o surgimento do Centro Bienvenu e sua atuação é testemunhada e reconhecida como primordial e essencial.

Parafraseando expressões que exprimem os sentimentos e as atitudes das cuidadoras e dos cuidadores que atuam no Centro Bienvenu e em suas atividades, “Deus abençoe quem lá acolhe, orienta, escuta, faz a oração junto, chora junto, abraça, respeita o silêncio, oferece apoio e dons, alimenta e até faz rir. Espera, ajuda a falar, a reagir, a perdoar, a esquecer, a relembra, a renomear... a amar”.

A classificação das mulheres hospedadas no Centro Bienvenu na categoria de “refugiadas”, não esgota a complexidade de suas experiências de vida. A mulher que fugiu de um determinado país por causa de um conflito ou algum outro tipo de violência, é também a mulher que sofreu violências, por vezes, até piores, nos países de trânsito e de chegada; que passou por desnutrição em decorrência de eventos climáticos ou crises econômicas; que busca um futuro possível para si e seus familiares, com um trabalho digno e uma formação profissional; que anela o acesso a serviços mínimos de saúde e educação para seus filhos; que encontra dificuldade de inserção no país de chegada como qualquer outro migrante e até como os nacionais, por vezes, que sofre por causa da língua ou da

documentação, mas, ainda, conflui desafios por ser mulher-mãe-estrangeira-trabalhadora; e, sobretudo, que se interpreta como sujeito de sua história que, apesar das experiência que passou, busca caminhos para reconstruir uma vida, um “lar”, um espaço social de familiaridade e de sucesso, para si e para os seus, olhando sempre com esperança ao futuro, muito mais do que pode se apoiar no passado.

CAPÍTULO 6



Centro de Acolhida Bienvenu

**Eu só quero dizer muito obrigado por me ajudarem.
Eu era uma estranha e vocês me acolheram
e me deram um lugar para dormir e comida para comer.**

**Eu sou muito grata por me receberem e por aceitarem
me ajudar.**

**Continuem a fazer um bom trabalho
Como fizeram por mim e por muitos outros.**

Que Deus as abençoe.

Obrigada.

(Shaly – da Etiópia - 15.09.2017)

6

DESAFIOS DO CENTRO DE ACOLHIDA BIENVENU

Historicamente, o Centro de Acolhida Bienvenu passou por diferentes fases de acolhida de mulheres refugiadas, em seus vários perfis.

A primeira fase, no início dos anos 2000, durante os primeiros anos de seu funcionamento, foi marcada pelo recebimento de famílias grandes, mulheres que chegavam à cidade com o intuito de reencontrar os maridos em busca da reunificação familiar e outras tantas que fugiam de contextos de guerras sangrentas, buscando um lugar seguro para si e seus filhos. Com o fim do Apartheid, a chegada de pessoas buscando refúgio e, também, de fluxos de imigrantes com projetos de vida na África do Sul se intensificou, pela abertura das fronteiras e pela situação geral no continente, que também favoreceu o deslocamento de contingentes da população a partir de diversos países. Algumas mulheres obtinham sucesso em reunir a família graças à rede de contatos e de apoio entre as solicitantes de refúgio e refugiados/as, que era, e continua sendo, muito forte.

Adília de Sousa e sua família apoiaram e estiveram ao lado das Irmãs MSCS desde o primeiro dia em que chegaram na África do Sul. Esteve presente na missão desenvolvida pelo Centro de Acolhida Bienvenu desde a sua idealização e chegou a assumir a direção executiva por duas vezes. Ela relata brevemente sobre a chegada dessas mulheres a Joanesburgo em busca por uma vida melhor e pela sobrevivência naquela cidade que tradicionalmente é conhecida como a “cidade do ouro”³.

³ Expressão utilizada em alusão ao imaginário social, construído historicamente, que

[...] Então, nessa altura era muito marcante, porque elas se sentiam desorientadas em uma cidade como esta, o sonho era chegar a Joanesburgo porque era a cidade do ouro e a cidade de uma perspectiva de uma vida melhor, mas quando chegavam aqui, sem saber falar a língua, sem o inglês, nem podiam apanhar o táxi porque não sabiam dizer pra onde iam, queriam ir ao hospital, queriam dizer que doía as costas ou a barriga, [mas] nem isso sabiam dizer, tinham que confiar na pessoa que lá estivesse e que tentasse entendê-las. É mesmo bastante... difícil, depois eram presas a qualquer hora mesmo com os documentos na mão, era uma altura em que estávamos todas as semanas na cadeia, íamos buscar as mulheres, era bem difícil a parte legal (16.12.2018).

Entretanto, não raras vezes, as mulheres se deparavam com grandes barreiras em sua vivência cotidiana na cidade, especialmente no que diz respeito ao domínio do idioma, com consequências que dificultavam ainda mais o acesso à saúde e à justiça, por exemplo. Nesse contexto, a atuação das Irmãs MSCS e do Centro Bienvenu em apoio a essas mulheres estrangeiras se apresentava cada vez mais necessária.

Uma segunda fase ocorreu por volta dos anos de 2009 e 2010, quando se percebia que as mulheres que chegavam ao Centro de Acolhida possuíam mais informações que antes, pois tinham tido contato com pessoas que haviam retornado ou que as influenciaram, de alguma forma, a traçar seu projeto migratório à África do Sul.

Importante perceber que o imaginário social de que a África do Sul é um país de oportunidades alimenta também uma cultura de imigração e revela um processo sustentado através das redes sociais (Muanamoha, 2008, p. 203) que apoiam o processo de adaptação, assim como as dinâmicas migratórias de entrada e saída da África do Sul, tanto de homens como de mulheres.

Naquela época, também se notava um aumento no número de pessoas de outras nacionalidades na cidade, como aquelas da República Democrática do Congo – RDC, do Burundi e do Sudão, e, conseqüentemente, o aumento das redes de apoio entre elas. De

tem Joanesburgo como um lugar próspero, capaz de oferecer melhores condições de vida.

acordo com a memória dos membros da Equipe do Centro Bienvenu, a intensificação desses fluxos para Joanesburgo favoreceu a construção de laços entre as pessoas que chegaram e, conseqüentemente também a ampliação de redes de apoio e solidariedade, o que tornava a situação das mulheres refugiadas “um pouco melhor”, pois “encontravam alguém que falava a língua delas”.

Ainda nesta fase, percebia-se que a travessia das fronteiras se tornou cada vez mais perigosa. Havia relatos de mortes de mulheres refugiadas que tentavam cruzar as montanhas ou os parques, como o *Kruger National Park*. Tais riscos e suas conseqüências trágicas deixavam muitas crianças em situação de orfandade. Muitas mulheres chegavam ao Centro de Acolhida Bienvenu com necessidade de auxílio psicológico devido aos traumas sofridos em decorrência das vivências nessas travessias. Foi uma época de aumento no número de crianças desacompanhadas, o que desafiou não apenas o Centro Bienvenu, mas outras organizações que também trabalhavam com a temática na região.

Em sua fase atual, considerada como “terceira fase”, a instituição fornece acomodação com permanência a média prazo, projetos na área da educação e empoderamento para mulheres e crianças migrantes e refugiadas, bem como suporte nutricional, além de atividades relacionadas ao apoio para integração, ou para um eventual retorno aos seus países de origem. As situações delicadas a nível humano-psicológico e até físico causadas pelos sofrimentos na trajetória, segue presente, com maior ou menor incidência.

Com a pandemia de COVID-19, a partir de 2020, a situação das mulheres de algum modo piorou. O fato de terem que ficar isoladas, obedecendo o distanciamento social, propiciou para que muitas delas revivessem os traumas que ainda carregam dentro de si. As imagens na televisão com policiais e militares cuidando da ordem na cidade, por exemplo, desencadeou, em muitas delas, dores e sentimentos que causaram muito sofrimento. Em resposta, o Centro aumentou os cuidados de apoio psicológico e as ações para favorecer ao acesso dessas mulheres aos serviços de escuta, orientação e assistência à saúde mental. Durante o período da Pandemia, menor número de mulheres e crianças deram entrada no Centro, mas foram intensificados os cuidados, e o trabalho de atenção redobrou, como será aprofundado no capítulo 7.

6.1 Trabalho em rede

Desde sua fundação o Centro de Acolhida norteia seu trabalho sob a perspectiva da atuação em rede. Nesse sentido, ao longo de seu histórico houve instituições que, de modo permanente e sistemático, articulados em torno do trabalho do Centro, contribuíram na efetivação das ações direcionadas às mulheres e crianças migrantes e refugiadas. O trabalho em rede coloca em perspectiva a abordagem integral que visa promover as pessoas em suas potencialidades, ajudando assim a superar as situações de vulnerabilidade decorrentes de seu *status* migratório ou em consequência de suas trajetórias e dos percalços do caminho.

A interlocução entre instituições que fazem atendimento a migrantes e refugiados é indispensável em todo o mundo, mas o é especialmente no contexto africano, marcado por situações em que persistem conflitos armados e o avanço da pobreza sistêmica em muitos países. “Eu acho que a situação agora é crítica, o número de pessoas sem documentos regulares está aumentando e as pessoas não estão fugindo apenas de guerras, mas também da fome” (17.12.2018), afirma Federica Micoli, advogada da ONG *Lawyers for Human Rights*, organização parceira que atua no atendimento às mulheres assistidas no Centro Bienvenu.

A atuação em rede integra ampla gama de organizações, profissionais e grupos, pois é uma estratégia que faz parte da imprescindível abordagem ampla, transversal e holística do cuidado pelas pessoas acolhidas pelo Centro Bienvenu, pois, isoladamente, o Centro não alcançaria. Por um lado, a articulação e atuação conjunta é fundamental, para conseguir as soluções que as mulheres e crianças acolhidas necessitam; e por outro lado, é estratégico, pois as mulheres acolhidas temporariamente no Centro, ao saírem, quanto mais conhecimento de pessoas, organizações e potenciais oportunidades e apoios a cidade reserva e pode oferecer, maior a chance de sucesso em sua nova empreitada, no esforço para consolidar-se em novo projeto de vida em autonomia e liberdade.

Hoje eu estava trocando correspondência com o Centro de Saúde Reprodutiva Wits; eles fazem muito trabalho com pessoas com HIV, mulheres... mas não só! Por exemplo, agora estamos tentando trazê-los aqui para o Centro de

Acolhida Bienvenu, porque as mulheres acolhidas aqui são uma daquelas categorias com alto risco de contrair HIV, por isso, buscamos uma boa relação com o Centro Wits; podemos encaminhá-las tanto para aconselhamento como para medicação. E o Centro Bienvenu é também um participante ativo do fórum, com contribuições importantes”. (Federica Micoli – 17.12.2018).

Muitas organizações participam da vida e missão do Centro de Acolhida Bienvenu. Há amplo raio de interações sobre as quais o Centro se apoia e através das quais a Equipe do Centro Bienvenu pode contar em sua dedicação em favor da vida e do protagonismo das mulheres e crianças refugiadas.

Uma lista de parceiros, doadores e financiadores do Centro de Acolhida encontra-se no final do volume. A seguir destacam-se algumas articulações que além de importantes e fundamentais para o trabalho desenvolvido, elucidam uma metodologia de trabalho bastante própria do Centro, de forma geral, e das Irmãs Scalabrinianas, em particular.

Uma articulação interinstitucional fundamental que atravessou os 20 anos dessa história, mas que foi fundamental sobretudo nos primeiros anos da instituição, foi a colaboração entre o Centro de Acolhida Bienvenu e a Polícia de Joanesburgo.

Essa parceria foi determinante para a proteção do Centro e de seus profissionais, especialmente em situações de ameaças por parte de criminosos, cujas vítimas foram protegidas e ajudadas pelo Centro Bienvenu, por exemplo. Essa relação bilateral, igualmente, foi crucial porque se transformou em oportunidade para salvar muitas vidas de mulheres e crianças. Quando elas, buscando órgãos públicos, especialmente para conseguir a documentação migratória ou em casos de serem presas ou resgatadas de redes de tráfico de pessoas, inúmeras vezes os próprios agentes identificam a necessidade e orientam a buscar o Centro Bienvenu.

A polícia, não raras vezes, leva ao Centro mulheres e crianças em extrema necessidade de ajuda e proteção. Nessa colaboração, foram criados laços recíprocos de estima e apoio, em relações interpessoais que fortalecem ambos os lados, que favorecem um atendimento mais abrangente e, talvez mais humanizado, inclusive em horários noturnos, e até mesmo favorecendo soluções de casos extremamente

complexos, como a gestão de situações relacionadas com o tráfico de pessoas, que requer articulações inclusive com embaixadas, Interpol e outras organizações transnacionais. Ainda, a polícia local costuma, anualmente, na semana de proteção da criança, que se realiza no mês de junho, dar formação para as crianças da Creche sobre orientações de trânsito, direitos da criança e temas afins.

Por outro lado, o estabelecimento de uma relação propositiva com departamentos do setor público é um dos desafios que o Centro Bienvenu e seus parceiros enfrentam. Uma das dificuldades é, por exemplo, o tempo de tramitação dos processos de solicitação de refúgio. Embora a legislação garanta que a solicitação de cada refugiado/a deve ser processada pelo governo em até seis meses, há situações de solicitantes acompanhadas/os que esperam por um período muito superior a esse. O problema é que o número de solicitações é muito alto e há carência de estruturas adequadas para o acompanhamento dos processos. Nesse contexto, o trabalho desenvolvido no Centro se torna essencial para as pessoas assistidas. Além do suporte jurídico que o Centro de Acolhida Bienvenu assegura, especialmente em parceria com a ONG *Lawyers for Human Rights* e outros profissionais, a Equipe se engaja para buscar amenizar os impactos que as dificuldades de tramitação da regularização migratória exercem sobre a saúde mental das refugiadas. Esse tipo de assistência só é possível através de um trabalho articulado com outras instituições, principalmente diante de um quadro cada vez mais complexo das migrações e refúgio no contexto sul africano.

Muitas das mulheres e crianças refugiadas chegam ao Centro Bienvenu sem a documentação migratória e, com apoio de parcerias, o trabalho realizado visa “advogar para que elas se certifiquem de conseguir a documentação certa e o conselho certo, e também que as crianças tenham certidões de nascimento, a fim de que elas sejam regularizadas para ir à escola” (Federica Micoli – 17.12.2018).

Foi a partir da perspectiva do trabalho em rede que se tornou possível priorizar a ideia de saúde mental durante o trabalho com pessoas em situação de vulnerabilidade decorrente das trajetórias e processos migratórios. Esse trabalho inclui o *Centre for the Study of Violence and Reconciliation* (CSV), Sophiatown e a ONG *Lawyers for Human Rights*, que operam ativamente para que outras

instituições, assim como órgãos do governo, também olhem para o tema da saúde mental, principalmente quando há o histórico de trauma.

Ao atuar em conjunto com a rede denominada *Psychosocial Rights Forum*, um grupo de organizações afins ao atendimento a pessoas em situação de vulnerabilidade em Joanesburgo, do qual o Centro de Acolhida Bienvenu participa, amplia o apoio que consegue dar às pessoas acolhidas, com projetos e atividades tais como assistência psicológica, psiquiátrica e jurídica individual ou para grupos de pessoas acolhidas.

Ainda no âmbito do apoio psicossocial, a parceria do Centro de Acolhida Bienvenu com a ONG *Sophiatown – Community Psychological Services* é outra articulação importante para a atenção às pessoas acolhidas e/ou acompanhadas. A *Sophiatown* é

uma organização que oferece serviços de aconselhamento a pessoas em sofrimento emocional. Muitas das mulheres refugiadas no Centro, e seus filhos, chegam traumatizadas por situações tensas em seu país de origem. Sophiatown tem uma clínica no mesmo bairro que o Centro e em todos os casos de saúde mental que podem exigir serviços psiquiátricos e psicológicos, a clínica pode ajudar. Eles também oferecem terapia de grupo para crianças e mulheres, onde elas podem expressar seus sentimentos, sua cultura, origens etc. (Lisa de Sousa – 17.12.2018).

As relações e interações positivas criadas, mantidas e fortalecidas entre o Centro de Acolhida Bienvenu e uma série de organizações que atuam no território é um recurso precioso de empoderamento e qualificação da atuação em favor e em apoio às famílias, especialmente às mulheres refugiadas e seus filhos e filhas.

A colaboração bilateral entre o Centro de Acolhida Bienvenu e o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados da Arquidiocese de Joanesburgo, que acontece de diferentes maneiras, atravessou os 20 anos do Centro. É uma parceria que fortalece ambas as partes por uma missão comum, o testemunho do amor de Deus pelas pessoas em situação de mobilidade. Tal parceria favoreceu articulações e participação das comunidades locais, de muitas paróquias e de

diferentes atores da cidade na acolhida, acompanhamento, apoio e proteção a migrantes e refugiados. Nas palavras da Ir. Marizete Garbin, Coordenadora do Departamento de Atenção Pastoral para Migrantes e Refugiados desde janeiro de 2019, o Centro de Acolhida Bienvenu, através de sua atuação capilar na vida de tantas mulheres e crianças, “faz acontecer o milagre da vida, que desabrocha, cresce e dá frutos, construindo e costurando histórias de corações que bombeiam pelo anseio da liberdade da vida” (Ir. Marizete Garbin – Coordenadora do Departamento de Atenção Pastoral para Migrantes e Refugiados – 22.12.2019).

6.2 Espiritualidade e protagonismo

A atuação das Irmãs Missionárias Scalabrinianas se identifica, de fato, por uma visão do ser humano a partir de sua dignidade inalienável e da primazia do ser humano acima de qualquer outro processo, bem ou prioridade. Esse é um traço da espiritualidade que anima e orienta a vida e as escolhas, o compromisso e toda atuação em favor e junto às mulheres e crianças refugiadas que são acolhidas e apoiadas pelo Centro de Acolhida Bienvenu, permeando também as dinâmicas de trabalho das instituições em que atuam e as equipes que as apoiam. E tal visão permeia as ações e os projetos, com um modo de ser que inspira o modo de planejar e executar os programas e projetos através dos quais os serviços vão tomando corpo e as histórias de vida vão ganhando força e sucesso.

A casa oferece atividades espirituais, como rezar... Essas atividades estão ajudando porque todas as mulheres, quando vêm aqui, elas têm problemas, elas estão estressadas, elas nunca vêm felizes, então as atividades espirituais as ajudam a entender pouco a pouco, elas começam a ser felizes, começam também a rir... (Juliette, do Congo RDC – 16.12.2018).

Enraizadas como uma força que vem do alto e do mais profundo de sua vocação, as Irmãs Missionárias Scalabrinianas que dirigem o Centro Bienvenu somam seus saberes e serviços, sua dedicação e seus esforços ao compromisso de muitas pessoas e organizações que, com

elas, fizeram e fazem essa história acontecer. A espiritualidade cristã, que se inspira, se configura e se fortalece na fé em Jesus Cristo e em inúmeras formas de unidade com irmãos e irmãs que vivem a mesma identidade, soma-se com anseios, visões, projetos, sentimentos e identidades de todos e todas que chegam para construir e fazer avançar esse projeto, ampliando-o cada vez mais, na medida do amor que se doa e das necessidades das mulheres e crianças refugiadas que batem à porta e suas famílias e muitos amigos e amigas, vizinhos e vizinhas, conhecidos e desconhecidos, que se unem aos caminhantes desta estrada.

Exatamente por causa dessa mesma fé que as identifica, as gestoras do Centro de Acolhida Bienvenu e todas as pessoas que se somam a esta missão, sabem reconhecer, acolher, valorizar e integrar pessoas e valores, traços identitários e expressões da vida e da fé, das religiões e das pertenças que cada mulher ou criança acolhida traz consigo, com respeito, carinho e abertura, de mentes e de corações, de espaços físicos e de horários, no dia a dia.

Lutos, festas e preces sempre têm direito de presença e manifestação, pois fazem parte dos processos através dos quais nos tornamos quem somos e que para mulheres refugiadas em terra estrangeira tem particular valor, especialmente nas sendas marcadas por traumas, como podem ser as trajetórias de migração e de refúgio. Com humildade e muita responsabilidade, a espiritualidade de todas as pessoas e o protagonismo de cada um e de cada uma se cruzam, para fazer que após 20 anos, a celebração seja expressão de gratidão e de dedicação, pois o caminho segue e as caminhantes não cessam de chegar e de partir.

Desde 2014, todo ano após a conclusão da auditoria, o órgão das Nações Unidas que administra o Fundo das Nações Unidas pelas Vítimas de Tortura emite um Certificado, que todo visitante pode visualizar nos espaços do Centro de Acolhida. De fato, há quase uma década o Centro vem atendendo vítimas de tortura e faz parte das Organizações apoiadas pelas Nações Unidas nessa atenção específica, tentando amenizar e sarar traumas e feridas anônimas, escondidas em rostos de mulheres africanas. Assim, hoje elas podem ser e aparecer cidadãs com dignidade, graças ao encontro com essa casa e às pessoas que, por amizade ou por serviço, no Centro ou em

organizações parceiras, ajudaram a reconciliar-se, a tratar os traumas e a retomar fé na vida e pé na estrada em direção ao futuro.

Ao se referir sobre o maior desafio de atuar no papel de assistente social no Centro de Acolhida, Ir. Lidia Danyluk, da Congregação das Irmãs Dominicanas de Santa Catarina de Siena de Okford, assim se expressou:

O maior desafio é ser humilde, e realmente acreditar que eu não tenho o poder de responder a todas as perguntas e resolver todos os problemas das pessoas refugiadas que atendemos. Eu sou apenas uma parte dessa grande corrente, um pequeno trabalho na cadeia de ajuda. Mesmo quando elas choram, às vezes basta sentar com elas, escutar, e às vezes, eu sinto que estou crucificada com elas. Eu não posso fazer muita coisa, você sabe, porque eu não tenho a solução para você; seu problema é tão grande para mim... Então, para mim se trata de ser humilde e permanecer com o coração livre no sentido de que se sentir culpado pelo sofrimento de muitos migrantes não me ajuda e não os ajuda (12.12.2018).

Uma das estratégias desse valor significativo da atuação do Centro de Acolhida é o atendimento individualizado que é reservado a cada pessoa, adulto ou criança.

“Eu tive a experiência de pessoas, mulheres que foram traumatizadas, violadas, mas com a graça de Deus puderam de novo edificar sua força interna e seguir com sua vida. Há outras que não conseguem... não se pode comparar o sofrimento das pessoas. Algumas não conseguem elaborar isso e ficam no sofrimento... como se diz... bloqueadas, não podem seguir o caminho. Depende da estrutura mental e da história de cada pessoa. Podemos dar-lhes tudo o que pudermos, mas, se não têm esta força interna, vão desfalecer outra vez. Algumas pessoas necessitam muito mais tempo para curar internamente, quando elas começam a falar com outros e compartilhar o sofrimento que tiveram e não choram como choravam no princípio, isto é um sinal de que estão fortalecidas” (Ir. Lidia Danyluk – Assistente Social – 12.12.2018).

Apesar do Centro Bienvenu – e da missão como um todo – caracterizar-se pela atenção específica e especializada a mulheres e crianças refugiadas, um perfil de sujeitos altamente expostos a riscos e traumas em trajetórias pregressas à chegada ao Centro, seu protagonismo, sua *agency*, aqui entendida como capacidade de decidir sobre a própria vida e as escolhas pequenas e grandes de sua trajetória, de autodeterminar-se e de contribuir para o sucesso de sua trajetória e até mesmo da de seus queridos, são assegurados, promovidos e amplamente encorajados.

6.3 Resiliência, dificuldades e oportunidades

As maravilhas de uma narrativa que celebra os 20 anos de percurso, resultados e consolidação de um projeto que iniciou pequeno e pouco configurado, não podem silenciar alguns acenos às lutas e aos entraves encontrados, normalmente enfrentados, por vezes sem sucesso, mas sempre com aprendizagem.

Há dificuldades que fazem parte da identidade própria do Centro, de seu perfil institucional e de seu público-alvo. Estas são curvas do caminho, onde por vezes diminuir o passo para não se desequilibrar e, ao mesmo tempo, são ondas, nas quais cair, para levantar-se e recomeçar ou resistir, para tomar fôlego e fortalecer-se e fortalecer os processos que fazem do Centro Bienvenu o que ele é: espaço de vida para muitas pessoas, não importa o quanto e o como isso pode ser desafiador. Fé e esperança, amor na doação, carinho e atenção dada e recebida permanentemente, com a humildade de saber reconhecer o que é possível e com quais meios e quais estratégias, e o que não é possível, precisa-se pedir ajuda e ainda assim pode ser inviável uma solução, ao menos a médio prazo.

Os casos de tráfico de seres humanos em curso e os casos de residentes com problemas de saúde mental são muito difíceis para as residentes e para a equipe. Estes casos são extremamente complexos e exigem muitos recursos humanos e tempo para lidar com eles. O acesso aos serviços psiquiátricos continua a ser um desafio para as mulheres migrantes e refugiadas, mesmo com a equipe que as acompanha (Lisa de Sousa – C.O. – 05.10.2020).

E há dificuldades que fazem parte, intrinsecamente, da convivência entre culturas diferentes, em países diferentes, com valores até divergentes sobre aspectos cruciais da vida como a dor, o luto, o nascimento e o uso do dinheiro, para lembrar somente alguns dos temas que sofreram tensões, incompreensões e escolhas discutíveis, entre as mulheres e também entre as pessoas que integraram, em diferentes momentos, a equipe de gestão e demais atores que construíram a grande e louvável história do Centro Bienvenu.

Um bilhete, entregue pelas mulheres residentes na casa em fevereiro de 2020, após uma situação de estresse na convivência, é exemplar quanto ao nível de acolhida recíproca e quanto à qualidade da proposta educativa que a gestão do Centro consegue transmitir no dia a dia:

Estamos escrevendo esta carta para admitir a maneira errada como temos agido ultimamente. E humildemente reconhecer nossas inseguranças e fazer as pazes. Sabemos as consequências que causamos ao Centro e à casa em geral. Pedimos desculpas pelo sofrimento que causamos.

Estamos dispostas a resolver nossos problemas, apesar de nossas diferenças e tomamos medidas para perdoar e resolver os assuntos urgentes.

Assumimos todas as responsabilidades de nossas ações e comportamentos, prometemos mudar e, humildemente, pedimos por seu perdão e por uma chance de provar a nós mesmas que podemos aprender do erro.

Sabemos mais do que nunca como somos abençoadas por chamar este Centro de nossa casa. Obrigada por seu amor e apoio contínuo. De todas as mães (Cathy – da África do Sul – 16.02.2020).

A mulher ou a criança acolhida é um sinal: houve um fracasso ou talvez muitos; provavelmente houve uma ameaça, ou talvez muitas; houve dor e sofrimento maiores que sua capacidade e meios para superar esses e outros fatores. Está aí, foi acolhida por 3, talvez 6 meses, mas é uma acolhida que significa: “Vem, já não estás mais sozinha, estamos contigo e você vai reagir, você vai superar, você consegue”. Do fundo de suas dificuldades e até seus

traumas, mulheres e crianças no Centro de Acolhida Bienvenu estão suficientemente amparadas e apoiadas para pôr em ação a bagagem de seus antepassados e as sementes de guerreiras que cada uma traz da alma da mãe África para desencadear a reação que usamos chamar de resiliência, a capacidade de prosseguir, sem se entregar e sem se deixar abater, usando os elementos da própria dor como alavanca para retomar o caminho e seguir em frente, normalmente, melhor do que antes.

As fragilidades que já foram enfrentadas nesses 20 anos, relacionadas com o perfil institucional foram acontecendo e cada vez sendo superadas com o amor e a determinação das Missionárias Scalabrinianas que têm a responsabilidade da gestão do Centro e com o carinho, os dons, o profissionalismo e a misericórdia de muitas pessoas, que amando essa missão, abraçam-na a cada vez que os desafios aparecem e ajudam a remar até o outro lado, para seguir viagem.

Limitações financeiras, mudanças na Equipe, lutos vivenciados pela morte de pessoas próximas estão entre os maiores entraves, mas nenhum teve o peso capaz de travar o Projeto, que nesse tempo passou por muitas mudanças, sempre crescendo, se adequando na estrutura e na atenção oferecida, sempre fiel à missão pela qual surgiu e pela qual recebe apoio e reconhecimento, local, nacional e internacional.

Sobretudo nos primeiros anos, as dificuldades financeiras e a falta de recursos em geral, foi causa de sofrimentos para todas as pessoas interessadas, que foram superadas com fé e muita dedicação, mas que merecem o registro no momento de parar para olhar o caminho percorrido e relembrar os passos feitos.

A falta de meios e mais especificamente, de dinheiro para cobrir as necessidades foi determinante, por exemplo, na impossibilidade de contratar profissionais para todas as funções necessárias, tendo assim que sobrecarregar quem estava no Centro acumulando funções e, seguramente, comprometendo especialmente processos de gestão, pois o foco e a prioridade máxima sempre foi, e segue sendo, as pessoas, seu bem-estar, as respostas para suas necessidades, sua proteção e sua vida. Para isso, sempre que o Centro não dispunha do que as pessoas acolhidas precisavam, foram as organizações parceiras, os e as voluntárias locais e internacionais, amigos,

doadores, financiadores que socorreram e ajudaram a avançar, a fortalecer a instituição, a apoiar seus recursos humanos e ‘dar a volta por cima’, recomeçando depois de cada fracasso, de cada falta de meios angustiante, que incidiu, por vezes, até mesmo na capacidade de responder aos desafios.

A atenção no cuidado por quem cuida das mulheres refugiadas acolhidas no Centro Bienvenu também se configura como marca do profissionalismo e estratégia para a sustentabilidade, em relação à qualidade do trabalho e igualmente às condições de vida e bem-estar, fundamentais para a boa atuação da Equipe que desenvolve os programas e projetos do Centro:

O Centro Bienvenu tem crescido e continua a crescer, evoluir e a se desenvolver. Uma das principais e centrais prioridades do Centro Bienvenu é garantir que tenhamos a equipe certa pronta para seguir o Carisma da Missão.

Ao longo dos últimos dez anos, e como vimos a Organização crescer ainda mais, trabalhamos arduamente para garantir que todas as equipes tivessem o treinamento correto, orientação e suporte fornecidos para o desempenho de suas funções e, mais importante, que todos nós trabalhássemos de forma profissional. Os funcionários têm reuniões de apoio regulares com a Coordenação Operacional e os Recursos Humanos, e uma avaliação de fim de ano dos funcionários recebe prioridade. A equipe tem reuniões de avaliação regulares, como um time, e reuniões de avaliação individuais são organizadas quando necessário. Os encontros em equipe são realizados três vezes por ano fora do local do trabalho, onde os funcionários se reúnem, refletem e relaxam, o que é de grande importância.

Para garantir o funcionamento eficaz da Organização, precisaríamos olhar para a estrutura e é essencial que as políticas e procedimentos para cada departamento e para a Organização como um todo, sejam postos em prática. Estas políticas e procedimentos são revistos e atualizados regularmente de acordo com as necessidades do Centro (Lisa De Sousa - C.O./Recursos Humanos – 28.02.2021).

A direção do Centro, com apoio de organizações e profissionais

parceiros, tem uma atenção especial com ações direcionadas a cuidar de quem cuida; um esforço que é sempre renovado, pois é sempre difícil de manter sistematicamente, devido ao grande fluxo de trabalho e aos desafios e imprevistos que a Equipe tem a resolver a cada dia. Além do acompanhamento humano-espiritual que é rotineiro no Centro, há uma formação específica da Equipe de profissionais de diferentes perfis que atuam no Centro de Acolhida e no Centro de Capacitação Profissional, apoiada por uma rede de apoio clínico e psicoterapêutico.

CAPÍTULO 7



Olá, Diretoria do Centro de Acolhida Bienvenu

Eu gostaria de lhes agradecer por me receberem quando eu estava desabrigada, com meu bebê.

Eu realmente aprecio vocês por seu suporte bondoso e carinhoso.

Sua ajuda foi o que eu mais precisava e vocês me deram isso, sem dúvidas.

Obrigada mais uma vez por ouvir a minha história e me permitir fazer parte da sua família.

Serei sempre grata por todas vocês.

Mesmo que eu esteja me mudando em 20 de janeiro de 2019, vocês ainda estarão em meu coração, obrigado do fundo do meu coração.

Amo todas vocês da Direção do Centro Bienvenu, e gostaria também de pedir para que, em minhas futuras necessidades, se puderem por favor me ajudem!

(Laura – do Zimbábue – 11.01.2019)

7

ACOLHIDA E CUIDADO DURANTE A PANDEMIA

No dia 30 de janeiro de 2020 a população do mundo todo recebeu com apreensão a declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS) de que o surto do que à época era chamado de Novo Coronavírus (2019-nCoV) havia se constituído como uma emergência de saúde pública de importância internacional. Na ocasião, havia casos confirmados em dezenove países, mas com transmissão entre humanos detectada em apenas cinco.

Na África do Sul o primeiro caso confirmado foi o de um homem que voltava com a família de uma viagem de Milão – Itália, no dia 01 de março daquele ano. A confirmação do teste positivo foi anunciada pelo governo no dia 05. Dois dias depois, outra pessoa que estava na viagem também apresentou o mesmo resultado.

No dia 15 de março de 2020 já havia casos confirmados em quatro das nove províncias do país. Nessa data o presidente Cyril Ramaphosa fez um pronunciamento anunciando as primeiras transmissões comunitárias no país e declarando estado nacional de desastre, seguido de uma série de medidas, como restrições de viagens e o fechamento das escolas a partir do dia 18 de março.

No dia 23 foi anunciado o *lockdown* no país, com nível de alerta 5, nível máximo a partir do dia 27 de março, quando se confirmou a primeira morte no país por Covid-19.

No testemunho da Mãe Social Agnes Makaringe, uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a pandemia foi exatamente a surpresa e o caráter repentino do alastramento da infecção e das medidas restritivas para tentar conter mais infecção entre a população: “nós não entendemos o que Covid era e enquanto assistíamos TV, nós vimos pessoas ficando doentes e morrendo que nos assustaram

a todos e, embora algumas pessoas realmente não acreditassem que Covid era uma ameaça, nós estávamos todos com medo da Covid entrando no Centro” (Agnes Makaringe – Mãe Social – 28.02.2021).

Ao adotar imediatamente todas as medidas emanadas pelas autoridades governamentais, a maior dificuldade passou a ser o fato de que a equipe precisou ficar em *home office*, ou precisarem faltar ao trabalho por terem sido contagiadas; ou ainda, precisarem ficar em quarentena:

havia muitas pessoas para cuidar sozinha e era difícil controlá-las, e a seus movimentos, sem saber o que elas estavam fazendo enquanto eu estava ocupada em outro lugar (e.g. cozinhando). [...] Não é fácil trabalhar com as pessoas por um período de tempo tão longo e ininterrupto. Rezei a Deus, perguntando-lhe o que fazer, como agir e reagir. Eu falei com minha filha, muitas vezes, como a família é muito importante e ela me encorajou a continuar e a ser forte, na fé, bem como emocionalmente e mentalmente (Agnes Makaringe – Mãe Social – 28.02.2021).

Depois de um início de escalada rápida, nos meses de março e abril, a partir de maio de 2020 o país começou a experimentar uma descida gradual do estado de alerta, chegando, no mês de setembro, a baixar para o nível 1. As dificuldades seguiram sendo desafiadoras para a Equipe, com outros impactos e preocupações impostos pela pandemia, para além do ritmo de trabalho, como o medo de infecções, preocupação com familiares, o próprio isolamento na casa com mulheres e crianças residentes e dúvidas sobre como lidar com as necessidades e emergências, entre outras.

No entanto, em dezembro de 2020 a África do Sul estaria diante de uma segunda onda de infecções e iniciaria o ano de 2021 com os níveis de alerta em aumento, com números altos de infecções e mortes.

Segundo dados disponíveis no site [Worldometers.info](https://www.worldometers.info/)⁴, a África do Sul registrou 1.057.161 casos de Covid-19 até a data do dia

⁴ Informações disponíveis em: <<https://www.worldometers.info/coronavirus/country/south-africa/>>. Acesso em 17.03.2021.

31 de dezembro de 2020, com 28.921 mortos no mesmo período, registrando uma tendência em alta de casos ativos, tendo chegado ao máximo número de 239.799 casos ativos em 11 de janeiro de 2021; no seguinte dia 19 de janeiro a África do Sul chegou ao maior número diário de mortos por Covid-19, com 839 mortos.

7.1 O Centro de Acolhida Bienvenu durante a pandemia de Covid-19

Na reta final para chegar aos 20 anos do Centro Bienvenu a pandemia representou muitos desafios para a instituição, para as residentes e para todos os atores que participam da vida do Centro: funcionários, gerência, voluntários/as, doadores e comunidade ao redor. A partir de março de 2020, com as medidas restritivas emanadas pelas autoridades nacionais e locais, o Centro imediatamente buscou se adaptar às regras estabelecidas, zelando com o máximo cuidado pela vida de todas as pessoas envolvidas, especialmente das residentes e da Equipe.

Em períodos de *lockdown* nos níveis 4 e 5, a direção e os funcionários ficaram impedidos de estar presencialmente no prédio, mas a Mãe Social Agnes Makaringe, que permaneceu na casa em período integral, a serviço e como referência para as residentes, fez do Centro Bienvenu o lar que não abandona. Ela marcou presença junto às mulheres e crianças, cuidando mais diretamente das necessidades das pessoas abrigadas, sem se ausentar e sempre em comunicação e articulação com a direção do Centro.

Eu tentei manter as moradoras ocupadas sempre que possível com várias tarefas domésticas e embalagens de legumes para serem doados para o Programa de Apoio Comunitário. As residentes queriam sair e procurar trabalho, por isso tive de lhes explicar – mais de uma vez – por que razão não o podiam fazer e encorajá-las a ouvir atentamente os discursos do presidente.

Não foi fácil checar todas, em todos os momentos, especialmente aquelas que desejavam visitar os amigos.

Bienvenu Shelter é a minha casa e eu trabalho com meu coração. A administração e equipe me incentivam e me

ajudam e eu gosto de trabalhar com todos eles... mesmo com as residentes, embora possa ser desafiador às vezes (Agnes Makaringe – 28.02.2021).

Com muito diálogo, a direção do Centro foi estabelecendo regras e adequando espaços e procedimentos, inclusive formalmente, para todo o fluxo de trabalho do Centro Bienvenu, assim como do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta. Foram criados novos procedimentos e estabelecido uma Reestruturação Operacional; um documento contendo a política para lidar com Covid-19 no Centro Bienvenu foi promulgado. Em nenhum momento as atividades foram paralisadas totalmente, pois o Centro de Acolhida nunca fechou. Precisou se adequar, mas apesar das dificuldades que o momento multiplicava, as necessidades das mulheres e crianças que podiam ser recém acolhidas, ou das que continuavam acolhidas, falaram mais alto.

Oferecemos acolhida no Centro Bienvenu às mulheres para que elas tenham a liberdade de serem elas mesmas; e de um momento para o outro, com a pandemia, elas eram prisioneiras dentro do Centro. O contato humano, a falta de contato, a falta de estar mais próximo... acho que tudo isto foi uma aprendizagem, sim, mas que foi com muito custo, porque a elas, quando chegam ao Centro, nós ensinamos, nós fazemos todo o possível para que partilhem, para que estejam juntas, pra que elas aceitem que às vezes vêm do mesmo país, mas de diferente cultura, de diferente tribo e de um momento ao outro temos que pedir: fiquem longe uma da outra, não se aproximem, enfim... (Adília Pestana de Sousa, LMS – 02.02.2021).

Mesmo nos períodos de restrição em nível 4 ou 5, a Direção mantinha contatos telefônicos regulares com as residentes. Entre as necessidades mais urgentes estava a de manter a atitude positiva e os espíritos animados frente à difícil situação de se encontrar em quarentena rigorosa, fechadas no mesmo prédio, muitas pessoas de nacionalidades, costumes e matrizes culturais diversas.

Com as Equipes trabalhando de casa, os desafios na casa aumentaram ainda mais, especialmente porque a convivência entre pessoas de diferentes nacionalidades e culturas, além de ser normalmente exigente e desafiadora, foi-se intensificando pela impossibilidade de sair da casa. A saúde mental piorou, muitas tiveram crises emocionais e foi necessário buscar ajuda para gerenciar essas situações. Pois a causa das restrições de aglomeração algumas atividades como sessões de terapia comunitária não eram possíveis. Fazia-se on-line, via zoom, individual ou em grupo, mas os resultados não eram os mesmos.

Fomos muito, muito rigorosas na obediência às restrições governamentais para proteger as residentes e não tivemos nenhum caso de COVID-19 em 2020 entre as mulheres e crianças acolhidas. Só tivemos pessoas infectadas entre os membros da direção e equipe do Centro. Reestruturamos a casa para ter espaço reservado em caso de necessidade. As novas na casa ficavam por 14 dias em isolamento, sem contato com as demais pessoas residentes (Ir. Marivane Chiesa – 30.01.2021).

Várias residentes que recebiam atenção relativa à saúde mental apresentaram sinais de agravamento de seus quadros psicológicos durante o período do *lockdown*. Um fator de especial tensão eram muitos soldados que passaram a ocupar as ruas, o que despertava associações traumáticas em muitas pessoas em situações de pós-trauma. A equipe do Centro precisava garantir que fosse prestado apoio nesse sentido. O suporte psicossocial obviamente não podia ser feito fisicamente, então era feito pelo Zoom, o que, na percepção das profissionais do Centro não se mostrava tão efetivo quanto as sessões presenciais “face a face”, mas era o que era possível fazer, dadas as restrições.

Em relatório apresentado em 22 de fevereiro de 2021 por Lisa de Sousa (C.O.) do Centro Bienvenu, em Sessão de Diálogo da ONU apresentado ao Conselho de Genebra, sobre o impacto da pandemia junto a pessoas sobreviventes de torturas, é possível ter uma visão geral do que foi a atuação do Centro Bienvenu durante os 10 meses de pandemia em 2020:

Quando o governo declarou o bloqueio em março de 2020, as movimentações foram reprimidas e nenhuma atividade diária poderia ocorrer. Empresas fechadas, emprego para muitos foi encerrado e esperanças e sonhos de autossustentabilidade parados.

As mães e seus filhos residentes no Centro não foram capazes de sair devido às diretrizes do governo, embora as atividades internas estivessem sendo desenvolvidas regularmente, o tédio começou a se instalar e os conflitos entre as moradoras eram inevitáveis.

Nossas mães que sofreram tortura extrema, novamente se sentiram presas e seus sintomas de trauma aumentaram. As memórias de seus traumas também foram revisitadas pelo fluxo de policiais e soldados armados patrulhando. Mulheres frequentemente revisitam suas torturas através de pesadelos. Isto foi também agravado pelo encerramento dos escritórios da *Homme Affairs* e não foi possível solicitar a renovação de documentos.

Para residentes no Centro que passaram por tortura e que precisam de saúde mental a longo prazo, o apoio psicossocial se tornou impossível. Muitas foram ameaçadas de despejo, pois não podiam mais pagar aluguéis por não serem capazes de vender suas habilidades aprendidas através de programas de subsistência. Muitos passaram fome, pois também não podiam acessar o Centro para receber apoio, pois tinham medo de estar nas ruas (Lisa de Sousa – Report apresentado no Online Dialogue 53rd Policy Session – Review of the funds COVID-19 Response Estrategy, por convite do Humanitarian Funds Torture and Contemporary Forms of Slavery – Human Rights Council and Treaties Division – Office of the United Nations High Commissioner for Human Rights – de 22.02.2021).

Quando o nível de alerta relativo às restrições para conter a disseminação do vírus COVID-19 baixou do nível 4 para o nível 3, e passou a ser possível um certo grau de movimentação, mesmo que ainda restrito, as coordenadoras voltaram a ir presencialmente ao Centro, em um regime ainda cauteloso, indo e voltando algumas vezes na semana, como aconteceu, por exemplo, entre maio e junho de 2020. Para os funcionários cujo serviço permitia, foram mantidas

as dinâmicas de trabalho em casa. Durante os períodos de *lockdown*, após as primeiras semanas de emergência, o Centro de Acolhida solicitou e obteve uma autorização governamental, que permitiu à Direção e a alguns profissionais, em caso de justificada necessidade, um certo movimento, em favor das pessoas atendidas pelo Centro, o que ajudou no serviço e, também, na gestão emocional para todos os atores envolvidos nos programas do Centro Bienvenu e do Centro de Capacitação Profissional.

Em observância às regras emitidas pelas autoridades do país, foi necessário reduzir o número de residentes. Acolhendo um número menor, de quarenta e cinco para trinta e quatro, devido ao distanciamento social obrigatório e à estrutura dos quartos, uma vez que muitas habitações são compartilhadas e era necessário reservar espaço para o isolamento de 14 dias para novas residentes, além do quarto para eventuais casos de infecção, que não foi necessário utilizar, como ressalta Lisa de Sousa: “Fomos abençoadas, uma vez que não tivemos nenhuma residente, mãe ou criança que tenha contraído o vírus, e eu acredito que o motivo é porque fomos muito rigorosos com os protocolos” (01.02.2021).

Quando, a partir do mês de setembro de 2020, o nível de emergência caiu do nível 3 para o nível 2, foi possível começar a retomar o trabalho presencial da Equipe no Centro, gradualmente. Houve novos treinamentos para os funcionários a respeito das restrições e dos níveis de alerta, inclusive sobre os procedimentos em caso de apresentarem sintomas. A princípio as residentes estavam em *lockdown*, mas à medida que os níveis de alerta iam permitindo a mobilidade, passaram a sair de casa. Quando as residentes saíam e voltavam, adotando os cuidados e procedimentos necessários para não colocar em risco as outras residentes.

Com a pandemia não foi mais possível admitir crianças da comunidade no Maternal, que passou a servir apenas às crianças que moravam na casa. Também foram adotadas novas formas de ensinar as crianças, obedecendo as restrições impostas pela pandemia. No que se refere à creche para bebês de 0 a 3 anos, optou-se por fechá-la temporariamente, uma vez que as restrições para o retorno das crianças se mostraram muito desafiadoras e custosas e não havia espaço suficiente para atender às determinações do governo em termos de distanciamento.

As admissões de novas residentes foram suspensas em um primeiro momento, e quando foi possível retomar, as novas admitidas precisavam fazer um teste de Covid, sempre que possível, além do período de isolamento, antes que pudessem ser integradas à casa com as outras mães.

7.2 Impactos sociais da pandemia no Centro e à sua volta

Muitos foram os impactos da pandemia no Centro, em seus profissionais, seu modo de atuar e, especialmente, nas pessoas atendidas dentro do Centro de Acolhida e ao seu redor. O impacto maior, decididamente, foi o sofrimento causado às pessoas que não tinham o que comer, perderam emprego, renda e até moradia, por impossibilidade de pagar aluguel. O desespero das pessoas nos arredores do Centro de Acolhida, e a esperança delas de poder contar com o Centro Bienvenu para sobreviver, foi impactante e determinou a busca por ajuda junto a doadores, assim como a constituição de redes de colaboração eficazes e efetivas para responder aos desafios que a população, especialmente de migrantes e refugiados, estava atravessando.

O relato da Diretora do Centro de Acolhida Bienvenu é esclarecedor:

Para mim o ponto mais importante com relação à nossa resposta aos desafios da Pandemia foi a colaboração que fizemos juntos, que foi o Departamento de Atenção Pastoral para Refugiados e Migrantes da Arquidiocese de Joanesburgo e o Centro de Acolhida Bienvenu. Essa colaboração se deu de fato quando a Pandemia teve início, era março de 2020, e no final de março tudo fechou de repente... E agora, vamos fazer o quê? E o povo batendo na porta pedindo ajuda. O ‘povo’ significa as mulheres, as ex-residentes sobretudo, porque aí estavam dentro de casa, não podiam andar na rua, a polícia não deixava, não podiam trabalhar, e no final do mês, como pagar o aluguel? As crianças também não podiam ir pra escola. Elas começavam a ter muitos problemas, e nós estávamos preocupadas com

elas pois sabíamos que comida elas não tinham. Foi aí que nós nos sentamos, a Adília e eu pelo Centro Bienvenu; a Ir. Marizete Garbin e o Pe. Jean-Marie Did’Ho Kuzituka, pelo Departamento de Atenção Pastoral pelos Refugiados da Arquidiocese. Nos sentamos e dissemos: aqui vamos ter que nos ajudar uns aos outros. Não vamos conseguir sozinhos. Então, o que fazíamos? Nós fizemos um plano de como trabalhar em colaboração na captação de recursos e implementação durante o período de emergência.

Foi aí que começamos contactar os amigos e doadores, apresentando a situação que viviam os migrantes e refugiados à nossa volta e solicitar apoio financeiro ou material. E foi aí que tivemos uma força muito grande e teve uma resposta fantástica... as mãos generosas começaram a se multiplicar. Nós conseguimos mobilizar bastante recursos financeiros e materiais em pouco tempo, só para ajudas no programa de Apoio Comunitário. E o primeiro projeto que implementamos juntos foi em maio de 2020, com recursos vindos da CAF SA (*Charities Aid Foundation Southern Africa*). Aí juntos, Ir. Marizete e a sua Equipe e nós com a nossa Equipe trabalhávamos de mãos dadas. E foi assim que até hoje estamos trabalhando juntas no programa de *Outreach* [Programa de Apoio Comunitário] (Ir. Marivane Chiesa – 27.02.2021).

Aparceria entre o Centro de Acolhida Bienvenu e o Departamento de Atenção Pastoral para Migrantes e Refugiados da Arquidiocese de Joanesburgo durante a Pandemia ampliou e consolidou uma colaboração que vem desde os anos da fundação do Serviço pastoral arquidiocesano junto a migrantes e refugiados. De fato, de acordo com a Ir. Marizete Garbin – Coordenadora do Departamento de Atenção Pastoral, o apoio recíproco entre as duas organizações tem potencializado a atuação da Pastoral com a possibilidade de mais respostas efetivas aos desafios de dezenas de mulheres migrantes e refugiadas e, ao mesmo tempo, fortaleceu o Centro Bienvenu, através do apoio interinstitucional, que inclui doadores e a colaboração com outras instâncias da igreja local. “O Shelter nasceu como uma necessidade identificada pelo serviço pastoral junto a refugiados/as da Arquidiocese: Agora partilhamos o que podemos, o que temos” (Ir. Marivane Chiesa – 22.02.2021).

Desde o início da pandemia, temos 30 mulheres, por curso, que a Pastoral para os Migrantes e Refugiados envia para participar em cada um dos 4 cursos profissionalizantes oferecidos pelo Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta: Corte e Costura, Confeitaria, Beleza e Cabelereira/o. O Departamento de Atenção Pastoral tem vagas reservadas para mulheres refugiadas atendidas pelo serviço de atuação direta. A Pastoral para os Migrantes e Refugiados contribui com os custos dos cursos, apoiando assim também o Centro Bienvenu. No Centro de Capacitação Profissional os professores são muito qualificados e as alunas saem dos cursos muito bem-preparadas, conseguindo emprego com maior probabilidade. Mulheres atendidas pela Pastoral, quando não conhecem o idioma local, primeiro aprendem inglês e depois que sabem o idioma, podem ser encaminhadas para os cursos.

E mulheres que, eventualmente, encontram-se em situações de alta vulnerabilidade podem, ser encaminhadas pela Pastoral para serem acolhidas no Centro de Acolhida Bienvenu (Ir. Marizete Garbin – 22.02.2021).

Foi importante para a equipe do Centro de Acolhida perceber que a crise da Covid afeta os ânimos das pessoas atendidas também pelas limitações que impõe a aspectos rituais e culturais. Em muitas matrizes culturais do continente africano, o momento do luto implica em rituais nos quais as pessoas próximas da família se juntam, dividem o mesmo espaço, conversam, partilham sentimentos. Assim, na pandemia, com a impossibilidade de estar junto dos familiares para vivenciar o luto pela morte dos parentes e amigos, mais uma camada pesava sobre as pessoas, e mais difícil ficava a vida.

O luto, tradicionalmente, é celebrado em conjunto. Eles falam sobre o que aconteceu, eles compartilham, eles trazem alguma doação, eles se apoiam, você sabe... Eles são muito solidários entre si. Quando se trata de seus mortos eles estão realmente juntos! Mas durante essa Covid, não havia tempo! Sem tempo e maneira de estar juntos! E isso é muito difícil (Ir. Marivane – 21.02.2021).

Apesar das dificuldades específicas de continuidade dos serviços e programas do Centro, com a Pandemia alguns serviços e perfis novos de usuárias foram emergindo e exigindo da Direção e Equipe do Centro respostas adequadas, entre elas as vítimas de violência doméstica, a discriminação contra migrantes e refugiados na sociedade local, especialmente no que se refere ao acesso à saúde, e o aumento de casos de tráfico de seres humanos.

O Centro de Acolhida, pensado para migrantes e refugiadas recém-chegadas ao país, configurado em base às particularidades em termos de serviços oferecidos a essa população específica, durante a Pandemia precisou flexibilizar em parte o perfil de pessoas atendidas, considerando a extrema necessidade de atendimento a mulheres sul-africanas, vítimas de violência doméstica, pela falta de vagas nos centros destinados a esse perfil de usuárias e pela proteção a vida, que sempre emerge em primeiro lugar. Trabalhar com tipos de públicos tão diferentes no centro requer muito cuidado e não faltou atenção e acompanhamento de cada um dos casos atendidos. Na avaliação de Ir. Marivane, o grande número de mulheres sul-africanas que passaram a recorrer ao Centro Bienvenu em tempos de pandemia se deve também ao fato das estruturas nacionais voltadas a esse apoio estarem lotadas, incapazes de atender à demanda, sobretudo com o aumento de casos que o *lockdown* gerou. Mesmo assim, o Centro, além de acolher algumas, encaminhou outras de modo a que fossem acolhidas em centros da rede de articulação de serviços da qual faz parte.

Um dos impactos sociais mais penosos da pandemia sobre os públicos atendidos pelo Centro de Acolhida Bienvenu foi em relação ao acesso à saúde. As mulheres migrantes e refugiadas passaram a encontrar mais dificuldade do que antes, quando o acesso já era difícil. A equipe do Centro Bienvenu notou um acúmulo preocupante de casos em que os estabelecimentos de saúde recusaram pessoas com documentação de asilo ou refúgio sem outra razão que a xenofobia contra essa população, e houve, inclusive, casos de instituições que cobraram dessas mulheres pelas consultas e remédios e por partos, ainda que os serviços sejam gratuitos nos hospitais públicos.

Por fim, a equipe do Centro de Acolhida também identificou um aumento nos casos de tráfico humano, possivelmente relacionados com o impacto da pandemia sobre a economia local. Com a dinâmica

e a complexidade da situação durante a pandemia da Covid, a Equipe do Centro de Acolhida registrou, ao mesmo tempo, um aumento da complexificação e burocratização dos processos envolvendo pessoas vítimas de tráfico de seres humanos, tornando mais difícil e penoso o processo com depoimentos, relatórios à polícia, atendimentos, entrevistas. Isso tudo demanda grande esforço em tempo e em energias por parte dos profissionais e da direção do centro.

7.3 Programa de apoio comunitário

Durante os primeiros meses de pandemia, ao longo do ano de 2020, grande parte do trabalho do Centro de Acolhida foi dedicado à comunidade, especialmente no apoio a ex-residentes, que estavam sofrendo muito por não poder trabalhar, devido ao *lockdown*, e não conseguiam se sustentar.

Como estudante de confeitaria, tem sido muito difícil para mim, pois antes do COVID eu era capaz de fazer *scones* e bolos grandes para vender todos os dias. Este dinheiro me deu o suficiente para pagar o aluguel e alimentar a mim e a 3 crianças. Quando entramos em *lockdown* eu estava chorando pensando em como agora poderia sobreviver. Quando eu recebi meu pacote de comida, foi um dia tão feliz para mim. Minhas orações tinham sido atendidas. Eu decidi que com os itens farinha e açúcar, eu seria capaz de cozinhar novamente e depois vender. Isso me deu esperança de que eu poderia então fornecer, com o meu pouco dinheiro, comida para os meus filhos. Obrigada (Elizabeth – do Zimbábue – 16.09.220).

Mesmo as que haviam se formado nos programas oferecidos pelo Centro de Capacitação Profissional não podiam aplicar suas habilidades para botar pão em suas mesas, o que representou um outro grande desafio. Muitas famílias estavam ameaçadas de despejo por não conseguirem pagar o aluguel e a sobrevivência diária já representava uma luta para a maior parte das ex-residentes, muitas delas pacientes de acompanhamento a longo prazo em saúde mental, sobreviventes de traumas ou tortura.

Durante a pandemia fizemos um grande trabalho através do Programa de Apoio à Comunidade. Esse programa [de apoio comunitário] foi, na verdade, uma experiência pra vida. Havia pessoas que por causa da pandemia não podiam trabalhar, não tinham um ordenado, não tinham nem dinheiro para comprar o básico pra comer e quando vinham receber a cesta da comida elas ajoelhavam-se, elas rezavam, elas davam benção em nós, elas... as lágrimas caíam pela cara abaixo, outras cantavam, outras ficavam só emocionadas, foi na verdade uma experiência difícil, mas bonita e também outro, quanto a mim foi aprender mais uma vez a necessidade do outro, porque cada um passou diferentes necessidades (Adília Pestana de Sousa, LMS – 02.02.2021).

Desde que vim para a África do Sul, eu realmente tenho lutado para sobreviver. Ter 6 filhos não é fácil e agora minha mais velha está prestes a dar à luz. Durante o confinamento eu não era mesmo capaz de vender roupas, que era o meu meio de alimentar a minha família. Deus estava olhando para mim naquele dia e respondeu minhas orações. Sem pão em casa, todos os meus filhos passariam fome. Eu os agradeço do fundo do coração por terem me salvado. Eu poderia comprar pão e molho e todos nós pudemos ir para a cama felizes e abençoados (Rose – do Congo DRC).

Muitos novos doadores apareceram na hora da necessidade, o que comoveu muito a equipe do Centro de Acolhida Bienvenu, além das doações que o Centro recebeu de seus doadores tradicionais. Frente à urgência provocada pela pandemia, o Centro conseguiu ajudar com cestas básicas, sanitizantes e artigos de higiene, com ajuda para pagar alugueis, com vouchers de comida e de roupas, entre outros itens.

Nos primeiros meses da emergência, todos estiveram prontos a ajudar, era algo novo, diferente de tudo que conheciam. Não era possível saber quanto tempo duraria a situação, e muitos projetos de curta duração para socorrer quem precisava de ajuda para sobreviver foram financiados e executados, todos com duração de três, quatro meses. A execução de tais projetos, juntamente com campanhas locais de arrecadação, especialmente de alimentos por parte da comunidade portuguesa de Joanesburgo, permitiu ajudar mais de 18 mil pessoas

que receberam as doações, atingindo mais de 72 mil beneficiários indiretos. Ir. Marivane descreve a experiência:

Fomos abençoados com novos doadores, ajudas muito úteis, pois os pedidos e necessidades das pessoas continuaram a crescer. Tínhamos que prover às necessidades básicas, pensar na casa, mulheres e crianças residentes, e, também, nas pessoas da comunidade local que contavam conosco. Com o passar do tempo, o stress emocional foi aumentando pela permanência da situação de pandemia, de isolamento social... e agora, depois de um ano, muitas organizações locais reduziram as ajudas, outras pararam de dar suporte. A situação para a população só piorou e o apoio social foi diminuindo, inclusive as possibilidades de apoio psicológico e psiquiátrico através do sistema de saúde pública (15.01.20201).

O Centro de Acolhida Bienvenu e a Pastoral para refugiados da Arquidiocese conhecem a população com a qual atuam nas diferentes atividades e iniciativas e uniram esforços para conseguir recursos e financiar ações para mitigar os efeitos da pandemia e prestar auxílios emergenciais de combate a fome. Essa necessidade foi fundamental para migrantes e refugiados, que contam raramente com recursos provindos de políticas públicas locais. Quando houve o primeiro *lockdown*, ainda em março de 2020, as determinações governamentais exigiram que tudo fosse fechado, por 15 dias. Nessas duas semanas, “o povo deu o alarme, pedindo e implorando por ajuda. Após o *lockdown* o que emergiu foi a falta de alimentação por muitos terem perdido o emprego, sendo que devido à xenofobia, os primeiros que perderam emprego foram os refugiados” (Ir. Marizete Garbin – 13.02.2021).

Inicialmente, através das articulações da Pastoral para os Migrantes e Refugiados, foi possível contar com os empresários da produção agrícola, especialmente portugueses, aos quais depois se uniram organizações internacionais e locais, que apoiaram com recursos para responder a outros desafios. Foram recebidos 13 caminhões com verduras e legumes, que foram distribuídos às famílias da comunidade ao redor do Centro Bienvenu e a pessoas em situação de vulnerabilidade, incluindo migrantes e refugiados,

de 17 paróquias espalhadas por toda a Arquidiocese de Joanesburgo. Tais doações alcançaram um total de **8.966 famílias assistidas, atingindo** 37.128 beneficiários indiretos. Todas as doações foram registradas com nome, contato, assinatura e número de pessoas que moravam com quem recebia a doação. Passado o pico do *lockdown*, conforme testemunha Ir. Marizete, “retomamos os cursos de inglês, de alfabetização e os cursos profissionalizantes, para dar a vara para que se organizem para pescar” (13.02.2021).

Além da distribuição de verduras e legumes, outros tipos de necessidade assistidas foram: necessidades materiais, comida, vale alimentação, cestas básicas; assistência com aluguel/ alojamento; capacitação profissional – quando os níveis de restrição são permitidos; suporte educacional para crianças – assistência para uniforme (vale roupas) e transporte; sanitizantes/itens de higiene; assistência médica e ajuda no acesso aos serviços médicos; cuidados psicossocial e de saúde mental – suporte emocional, terapia comunitária, terapia, tratamento psiquiátrico. Toda essa abrangência na assistência só foi possível graças à colaboração de ampla rede de organizações e pessoas que apoiaram e se solidarizaram, mobilizando recursos e ajudando no desenvolvimento das ações. Foram envolvidas nas ações de solidariedade também as comunidades migrantes, especialmente as comunidades provenientes do Congo, Burundi, Somália, Moçambique e Malawi.

Eu estava orando, orando todos os dias por um milagre, só para que eu pudesse alimentar meus 6 filhos. Eles estavam indo para a cama com fome e tudo que eu podia fazer era dar a eles água quente com açúcar. Este vírus tirou tudo de mim e da minha família. Quando recebi o telefonema para vir buscar os vales, as minhas preces foram atendidas. Eu fui direto para a loja e pude obter a comida que eu precisava. Naquela noite eu sabia que, como uma família, poderíamos todos comer juntos novamente por termos sido abençoados. Meus filhos não iriam para a cama com fome, o que me fez sentir orgulhosa como mãe (Judite – de Angola).

O total de pessoas atendidas pessoalmente pelos projetos emergenciais de assistência entre março e dezembro de 2020 foram 18.008, sendo que através dessas pessoas foram alcançados 72.974 beneficiários indiretos, segundo arquivos da Pastoral.

Tabela 7.1 – Número de doações e de beneficiários de vouchers e itens de primeira necessidade

Itens distribuídos	Beneficiários	Apoiado por
Cestas de Alimentos	2.438 pessoas assistidas	Chubby Chums; Woolworths; Parishes of Our Lady of Lourdes – Rivonia; Our Lady of Fatima Parish – Benoni; Comunidade Burundiana; Comunidade Portuguesa; Missionários Combonianos; Dominican Sisters of Oakford; Magdalene e amigos; Irmãs da Sagrada Família; Ir. Justina Priess e amigos
Vale alimentação	2.350 pessoas assistidas	CAF SA; Cáritas SA; Misan Cara; Weltkirche; FinMark Trust and UNVFVT; Misereor
Vale Roupas	1.166 pessoas assistidas	Caritas SA, UNVFVT and Weltkirche
Sanitizantes e kits de higiene	2.690 pessoas assistidas	Caritas SA; CRS; UNVFVT; UNHCR; Misereor; Weltkirche & Misan Cara
Auxílio aluguel	40 mães receberam assistência (algumas mães receberam aluguel de até 3 meses, totalizando 68 meses de assistência)	Heutink Family; Irmãs da Sagrada Família
Apoio às pequenas empresas	12 mães	Magdalene e amigos

Elaboração própria com dados dos relatórios de prestação de contas dos projetos emergenciais de apoio à população na pandemia do Departamento de Atenção Pastoral para Migrantes e Refugiados e do Centro de Acolhida Bienvenu.

O envio de relatórios regulares sobre a situação e sobre o que a parceria entre a Pastoral para os Migrantes e Refugiados e o Centro Bienvenu conseguiram realizar para o Arcebispo da Arquidiocese e para o Núncio Apostólico, favoreceu amplo conhecimento e reconhecimento da atuação em favor de pessoas em situação de grave necessidade para sua sobrevivência. Eram Irmãs Missionárias Scalabrinianas e colaboradores/as mobilizadas, representando, e ao mesmo tempo sensibilizando, a igreja local pela causa da mobilidade humana, especialmente seus atores que atravessam situações de vulnerabilidade.

Isso teve um impacto muito grande pelo trabalho de colaboração, entreadjuada e pela presença nas comunidades, nas paróquias, junto aos grupos de migrantes. Foi possível “chegar até quem mais precisava, com uma resposta bem concreta levando alimentação, entre outros itens, além da presença de fé com participação na celebração com os migrantes, uma ajuda para eles num momento em que eles mais precisavam” (Ir. Marivane Chiesa – 22.02.2021).

7.4 Impactos da pandemia sobre a equipe do Centro

Por parte da Equipe, a situação específica de uma Pandemia com evolução imprevisível foi um aspecto importante.

A Pandemia evoluía dia após dia, e não era possível programar nada, pois de um momento para outro o nível de restrição poderia passar de 3 a 4 ou a 5 e tudo teria que fechar novamente. Algo que ninguém poderia controlar e então tivemos que ir nos adaptando. E nosso foco de manter as pessoas seguras foi mantido, sempre (Lisa de Sousa – 16.02.2021).

A gerência do Centro de Acolhida Bienvenu, assim como seus funcionários/as e voluntários/as, trabalham sempre com amor e empenho no sentido de oferecer condições dignas e humanas às mulheres refugiadas e seus filhos. Mas sua dinâmica de trabalho também foi impactada pelas restrições impostas pela Covid-19 e pelo desespero das pessoas ao redor do Centro, que precisavam de ajuda, o que, por vezes, acarretou preocupações.

Durante os dias de *lockdown*, nós tínhamos as mães a telefonar, a dizer que estavam fechadas em casa, que não tinham comida pra dar aos filhos, que não sabiam o que iriam fazer, pois cada uma delas deixou de vender no mercado informal nas estradas, já que não podiam mais fazê-lo, as crianças não podiam ir pra escola nem pra creche. Isso dificultou a vida das crianças, das mães e de nós, porque também estávamos de mãos amarradas sem poder ajudá-las. Isso foi um desafio bem grande, a gente pensar que o nosso trabalho começava a mudar, mas tinha que continuar, e sentir aquele amor, aquele amor pelo trabalho, aquela vontade de ir lá fora e ajudar... então a distribuição da comida... muitas não tinham nem como pagar o aluguel no final do mês, tinham que sair das casas, tentar ajudar nessas coisas foi... acho que foi um desafio bem grande e conseguimos, conseguimos. E as mulheres, sempre com aquela cara de... o amanhã será melhor! Mas o amanhã vinha e continuava na mesma e não sabemos até quando essa pandemia... acho que foi um desafio não só para o Centro Bienvenu, mas pra todo mundo, né! (Adília Pestana de Sousa, LMS – 17.01.2021).

Grandes desafios se impuseram também por causa do isolamento social durante o período pandêmico. A noção de tempo alterada é um aspecto relevante nesse cenário, sobretudo nos períodos de *lockdown* mais intenso, que tranca as pessoas em suas residências, confinadas em uma bolha, atordoados pelo noticiário e as incertezas.

Acho que uma das coisas fortes que vivi na pandemia foi o medo que senti, que nunca tinha sentido, era medo de que alguma das mães pudessem ficar mal, ou perder a mãe e ficar os filhos conosco, ou vice-versa. Acho que isso foi a parte que mais medo provocou em mim (Adília Pestana de Sousa – 22.02.2021).

Outra dificuldade destacada, diz respeito justamente à necessidade de trabalhar em meio à incerteza que o tempo de pandemia gera, inviabilizando o planejamento e exigindo o ajuste forçado das dinâmicas de trabalho para se entender que é preciso trabalhar dia a dia, que não se está no controle e as coisas podem mudar repentinamente. Em uma pandemia, portanto global, como

essa, não há controle e planejamento possíveis. Lisa (C.O do Centro Bienvenu) faz considerações sobre si mesma e sobre a equipe:

Eu acho que no ano passado [2020], nós conseguimos lidar melhor com a situação. Nós tínhamos a esperança de que a situação durasse apenas um período curto de tempo. E mesmo que não conseguíssemos nos planejar, nós fizemos o que foi possível.

[...] Este ano [2021], as coisas se apresentam mais difíceis, porque nós não temos mais o apoio de emergência, e todo mundo está um tanto mais estressado. Nós estamos em um momento de alta nos números de contágio no país, as pessoas estão agora lidando com familiares morrendo. Isso é muito pesado, a realidade está realmente nos atingindo (Lisa de Sousa – 07.01.2021).

Por fim, outra preocupação para a gerência do Centro é em relação ao financiamento dos seus Programas. As necessidades dos públicos continuam muito grandes, sobretudo no caso das famílias que já não são mais residentes do Centro de Acolhida, mas que precisam de apoio para manter o teto, o atendimento de saúde e os cuidados com as crianças, entre tantos outros desafios. Outra necessidade emergente é a de apoio com recursos financeiros para projetos que vão além de ações emergenciais, e que a previsão é que se intensifiquem no período pós-pandemia, para enfrentar os desafios que as mulheres residentes e ex-residentes precisam administrar em sua jornada e na de seus entes queridos.

Em julho de 2020, quando a Equipe iniciava a se situar no mar dos desafios que a pandemia estava apresentando, foi elaborado um texto para colocar no site institucional, no qual ficou registrada a situação do momento e a esperança que tentava olhar para frente. A seguir, o texto completo, como um testemunho de resistência e resiliência:

Onde o amor e a solidariedade falam mais alto que a pandemia

Centro de Acolhida Bienvenu, um santuário para migrantes e mulheres deslocadas e seus filhos; um ambiente seguro para curar e reiniciar

vidas. Durante estes últimos meses, os desafios da COVID-19, com a crise global e as diretrizes do governo para o isolamento, tivemos, para dizer o mínimo, preocupações extremas com a sustentabilidade da Missão. Mais uma vez o Centro Bienvenu foi desafiado pela grande quantidade de pessoas precisando de assistência, todas elas sabendo o quanto nós realmente cuidamos daqueles em grande necessidade.

Com oração, esperança, amor e o apoio de queridos doadores e amigos, estas preocupações foram logo sanadas e nós fomos muito abençoados por várias doações essenciais durante estes meses, que nos permitiram continuar e permanecer seguros no serviço ao nosso povo.

Também tivemos tantos novos doadores nos contatando diretamente, perguntando como poderiam ajudar as mães e as crianças, obtendo informações sobre nossos serviços a partir de amigos, Facebook e do nosso site.

Fomos verdadeiramente atingidos pela generosidade dos outros e, com isso, também fomos capazes de servir não apenas às nossas mães e crianças, mas à comunidade circundante, fornecendo-lhes cestas de alimentos, vale alimentação, legumes em uma base regular, cobertores, roupas quentes e kits sanitários.

Em parceria com a Pastoral para Migrantes e Refugiados, a Arquidiocese de Joanesburgo nestes últimos meses forneceu cestas de alimentos para os mais necessitados em nossa comunidade local, composta em grande parte de ex-moradores e das crianças de nossa creche.

Somos muito gratos por servir às mães mais vulneráveis e a seus filhos, com o amor e a dignidade que eles merecem.

Não podemos prever o que os próximos meses reservam para todos nós e precisamos nos preparar para um novo e diferente tipo de normal, que também trará seus próprios desafios – espirituais, emocionais, logísticos e financeiros, para citar apenas alguns –, mas, como os amáveis doadores têm mostrado ao longo destes meses, estamos unidos e permanecemos positivos ao servir aos mais vulneráveis que estão em grande necessidade.

Agradecemos a cada um e rezamos por vocês e por suas famílias. Todas as bênçãos a vós e àqueles que estão convosco! (Palavras publicadas no site do Centro de Acolhida Bienvenu – Julho de 2020).

Mais uma vez, a palavra da Mãe Social é eloquente sobre como a Equipe viveu e serviu na Missão do Centro Bienvenu no primeiro longo ano de pandemia:

Gostaria de agradecer especialmente à Ir. Marivane que esteve no Centro na maioria dos dias, o que foi uma bênção para mim, e também à Lisa, a nossa Coordenadora de Operações, que mantinha contato diário através de chamadas telefônicas e mensagens, e à Adília, a Coordenadora de Projetos que me chamou e ajudou com várias questões, em tudo que ela podia.

Além disso, durante o confinamento, agradeço ao Bienvenu Shelter que continuou a fornecer alimentos para ex-moradores e àqueles na comunidade local (Agnes Makaringe – 28.02.2021).

7.5 O Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta durante a pandemia

Em comparação com o trabalho desenvolvido no Centro de Acolhida Bienvenu, os impactos da pandemia sobre a dinâmica do Centro de Capacitação Profissional Madre Assunta foram, talvez, menos complicados de assimilar. Este fato se deve em parte ao público atendido pelo Centro de Capacitação Profissional, que é composto por adultos da comunidade, o que torna mais fácil a orientação a respeito das restrições, do distanciamento social e demais regramentos que o cuidado em relação ao vírus exigidas pelas diretrizes do Governo local.

A dinâmica das regras de convivência se assemelha muito à de uma escola, o que permitiu que o programa caminhasse bem, mesmo em tempos de pandemia, seguindo rigorosamente as restrições e orientações sanitárias das autoridades locais e as boas práticas que a experiência e a ciência foram ensinando no decorrer dos meses convivendo com a pandemia.

O Centro de Capacitação Profissional só fechou as portas durante os períodos em que o *lockdown* foi estabelecido, nos níveis 4 e 5, que foram períodos pouco prolongados. Foi possível seguir com os cursos apesar da COVID-19, adequando-se rigorosamente às orientações estabelecidas, reduzindo o número de inscrições pela metade, observando o distanciamento social, aumentando os intervalos entre as aulas, adotando o uso de álcool gel e tomando

cuidado com o contato e proximidade física, reforçando a prática de lavar as mãos, verificando os sintomas e, em caso de necessidade, fazendo os encaminhamentos para clínicas para atendimento⁵.

Quando aconteceu o *lockdown* de junho de 2020, 98 alunas participavam de cursos, que foram imediatamente retomados assim que as restrições permitiram. A dificuldade é que, terminando os cursos, ainda não podem ter certeza de conseguir um emprego, mesmo estando aptas a buscar uma colocação no mercado do trabalho ou empreender a partir das habilidades e conhecimentos que adquiriram.

Quando eu deixei o Bienvenu Shelter, eu estava feliz que eu tinha aprendido habilidades durante a minha estadia. Eu me formei na Capacitação e estava indo muito bem vendendo *scones* de manhã cedo para as pessoas que vão trabalhar. O dinheiro disto ajudou a mim e aos meus dois filhos a sobreviver. Durante estes meses, tem sido tão difícil como quando eu não tinha dinheiro. Ambos os meus filhos estão doentes e eles precisam comer para tomar remédio. Fomos salvos pela família do Bienvenu, quando viemos buscar os vales para comprar comida. Meus filhos agora podem ter força para comer bem e tomar seus remédios (Katharine – do Zimbábue).

Como conclusão dessas páginas que tentaram recolher um pouco do que foi a vivência do período de Pandemia de COVID-19 em 2020 e parte de 2021 para os atores que dão vida ao Centro de Acolhida Bienvenu e para as pessoas que contam com o Centro em sua jornada, fica o testemunho da gratidão e do reconhecimento registrado por Lisa de Sousa – C.O. do Centro:

Fizemos isso, e estamos muito, muito gratos a todos os nossos doadores e acho que no ano passado [2020] nossos doadores se tornaram nossa família, como uma família de verdade. Eles olharam também para mim, eu estou aqui no trabalho e eles olharam por mim, sou um ser humano,

⁵ Até as vésperas da publicação deste livro, muitas turmas de mães migrantes e refugiadas seguem se qualificando.

tenho sentimentos... isso nos deu mais motivação e encorajamento, *you know*, para continuarmos em frente, entende... Inclusive, eu recebia chamadas telefônicas ou até mensagens no telefone: “Lisa, você está bem? Está tudo bem com o Centro? As residentes estão bem? Eu só quero te desejar um belo dia, você sabe...” Isso é muito importante, isso realmente, realmente importa... Sabendo que todos nós estamos juntos, ajuda. Coisas muito boas acontecem! (22.02.2021).

E sobre como viveu nesse período, na direção e a serviço do Centro e de sua Missão, a Irmã Diretora – Marivane Chiesa, sublinha a preocupação sempre presente com as mulheres e crianças residentes no Centro, com os/as funcionários/as... para que todos estivessem bem. O dia que recebi a mensagem de um dos funcionários dizendo, “desculpe, fiz o teste da Covid e o resultado deu positivo”, aí começou a aflição e o sentimento de que a pandemia de fato estava cada dia mais perto de nós. Mas Deus protegeu-nos e nos sustentou nesse caminho.

Recebemos apoio humano dos doadores, e-mails e telefonemas dizendo: “Mantenham-se seguros! Cuidem de si! Continuem fortes!” Recebemos muitos... unidos em oração. Gratidão por parte dos/as beneficiários/as, manifestada através de tantos gestos, o trabalho assumido pela Equipe... tudo foi força! A Providência de Deus realmente nos protegeu e guiou durante toda esta pandemia da covid-19. Gratidão pelo testemunho de vida doada, através da acolhida, do serviço, do trabalho incansável de tantos que continua a edificar a missão scalabriniana junto aos migrantes e refugiados. Por tudo o que recebemos do Senhor Deus, nosso muito obrigada (12.02.2021).

Our sincere gratitude to All
for the unwavering support
during these difficult times.

May the Lord, Giver of all good things, shower
rich blessings and wellbeing on All.

Thank you!

*Pastoral Care for Migrants and Refugees Team
Bienvenu Shelter Team*

Cara Diretora e funcionários do Centro Bienvenu

Escrevo esta carta em meu nome e no de minha família, para agradecer-lhes por toda a ajuda que temos recebido nos últimos 12 (doze) anos. A partir do ano de 2008.

Vimos para a África do Sul desabrigados e com fome, mas recebemos uma recepção calorosa de vocês. Obrigada, Bienvenu Shelter, pelo alojamento de 6 meses que recebemos no ano 2000. Desde então, vocês estão nos ajudando e sua mão estendida não cessou de apoiar a minha família em nossos dias mais sombrios. Somos muito gratos por, mesmo depois de sair do Centro de Acolhida, vocês ainda continuarem a nos ajudar com roupas, cestas de alimentos e vales até os dias de hoje.

Agradecemos a vocês pelo seu trabalho árduo e pelo amor e carinho que sempre demonstraram ter por nossa família. Obrigada por sempre se lembrarem de nós, em cada pequena coisa.

Por toda a bondade, amor, paciência, fé em nossa família; generosidade, humildade, trabalho duro, apoio, alojamento e conselhos; nós dizemos obrigado e que Deus os abençoe e guarde, que o rosto do Senhor brilhe sobre vocês e seja gracioso com vocês; que ele levante o seu rosto sobre todos vós e vos dê paz. Rezamos para que continuem tendo sucesso.

A todos os funcionários, associados, professores, etc ... que seus corações carinhosos possam continuar a ajudar aqueles lá fora que estão em maior necessidade, assim como vocês nos ajudaram.

Que a mão protetora de Deus esteja sobre vocês até seus últimos dias e que Ele lhes conceda uma vida longa. Oramos para que o amor sem fim de Deus e a paz continuem habitando em suas casas. Que Deus seja o centro de suas vidas e de tudo que fazem. Eu e minha família sempre seremos gratos e manteremos vocês em nossas orações.

Atenciosamente.

(Ester – do Congo RDC – 17.07.2020)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

UM OLHAR DE ESPERANÇA PARA O FUTURO

As histórias de solidariedade e superação mesclam trajetórias de vida das Irmãs MSCS, de uma infinidade de colaboradores/as e voluntários/as e de mulheres e crianças refugiadas e sul-africanas que foram acolhidas e que, no processo de superação das vulnerabilidades que enfrentavam, foram construindo junto com o Centro de Acolhida Bienvenu uma história de protagonismo sobre suas vidas e seu futuro. São cerca de 3.600 pessoas, entre mulheres e crianças, que a instituição acolheu diretamente ao longo de seus 20 anos de existência.

A trajetória do Centro de Acolhida Bienvenu é uma história, sobretudo, da capacidade de agência dessas mulheres refugiadas que, ao serem acolhidas, desabrocham e em seguida abraçam a causa do Centro alcançando o poder de desencadear processos de transformação em suas vidas e nas de suas famílias. Muitas delas voltam para o Centro, doando-se e contribuindo para que outras possam ser acolhidas, protegidas, empoderadas e apoiadas em suas novas trajetórias, nas quais vão reconstruir suas vidas e relançar seus sonhos e projetos.

A realização da missão do Centro Bienvenu, que visa um atendimento integral, por um lado oferece e busca atender às necessidades prioritárias, por vezes básicas, tais como comida, casa, roupa, remédios, documentação, entre outras, e, por outro lado, cuida da recomposição psicoemocional, da formação e da autonomia econômica-profissional, da educação das crianças e assim por diante.

Pela ampla gama de aspectos e dimensões do ser humano, que a acolhida e o cuidado compreendem, acontece um processo bem maior, que é a integração humano-espiritual do ser humano e, contemporaneamente, a integração intercultural na sociedade local em geral, e por vezes também no contexto eclesial. Nessas articulações há uma ampla rede de Instituições civis e de estado, assim como de solidariedade entre a comunidade local e as mulheres migrantes e refugiadas, e vice-versa; mas, também, entre as próprias famílias migrantes e refugiadas e destas com as famílias sul-africanas que também vivem a mesma vulnerabilidade ou que passaram por situações similares.

A todo esse dinamismo de vida cabe ressaltar que na ampla rede de voluntariado e de doadores de bens e serviços estão incluídas gerações de migrantes/refugiados já estabelecidos há muitos anos na África do Sul e que conseguiram, ao longo destes anos, uma condição favorável pela qual hoje podem construir pontes de solidariedade para com os/as migrantes/refugiados recentes, que se encontram em condição de grande vulnerabilidade, com o apoio e a articulação do Centro de Acolhida Bienvenu.

Depois de 20 anos de árduo trabalho na estruturação da entidade, dos imóveis, inclusive da organização de meios materiais e de espaços, o olhar da gratidão se mistura com o olhar do coração que define prioridades. Olhando para frente, o que nos anima e convoca é o Carisma Scalabriniano, que é ao mesmo tempo um chamado e um mandato pelo qual iniciamos esta obra, pelo qual damos a vida e no qual nos nutrimos para seguir amando, servindo e avançando sem temor na caminhada.

A celebração dos 20 anos acontece em um momento de convergência de esforços para avançar na capacidade de sustentabilidade financeira. Como passo expressivo, já em 2021 está sendo organizado um *Bazar*, que começa pequeno, mas nasce carregado de sonhos e com a previsão de ampliação, conforme as possibilidades e resultados o permitirem. A atividade de organização, preparação e venda de roupas usadas e outros itens envolve também as próprias mulheres acolhidas no Centro, como uma das atividades positivas, de cuidado e de cura. Ao mesmo tempo, o *Bazar* visa ampliar o alcance das ações do Centro de Capacitação Profissional e a otimização de seus resultados.

Nas palavras da Ir. Marivane Chiesa, Diretora que está à frente da instituição em sua comemoração de 20 anos, há um olhar confiante tanto sobre a trajetória até aqui quanto para o futuro:

Acho que nesses 20 anos chegamos até aqui com a graça de Deus e a ajuda de muitas pessoas generosas. O projeto cresceu bastante, ele tá num nível bonito, reconhecido a nível do município, a nível das organizações parceiras, a nível da cidade também, chegou num nível que daquilo que nós queríamos já tá muito bom. Agora é manter, cuidar, cuidar da infraestrutura, cuidar da manutenção. Cuidar da formação, sempre mais a questão de qualificar, ajudar a qualificar os/as funcionários/as, atender bem as mulheres que chegam na casa, no Centro de Capacitação, as estudantes... acho que é este o diferencial nosso! (Ir. Marivane Chiesa – 01.02.2021).

Referências bibliográficas

AFRICAN CENTER FOR STRATEGIC STUDIES. 32 Million Africans Forcibly Displaced by Conflict and Repression. 2021. Disponível em: <<https://africacenter.org/spotlight/32-million-africans-forcibly-displaced-by-conflict-and-repression/>>. Acesso em 28.12.2021.

INGLÊS, Paulo. Uma fronteira com fronteiras: notas de trabalho de campo na fronteira de Ressano Garcia, Moçambique. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 25, n. 51, p. 199-204, 2017.

INGLÊS, Paulo. Globalização, mobilidade humana e criatividade: desafiando categorias a partir de três casos de migração forçada em Angola. In: Vasconcelos, Ana Maria Nogales; Botega, Tuila (Orgs.). *Política migratória e o paradoxo da globalização*. Brasília: CSEM; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015, p. 169-188.

INTERNATIONAL ORGANISATION FOR MIGRATION (IOM). *World Migration Report 2020*. Geneva: IOM, 2020. Disponível em: <https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2020.pdf>. Acesso em 19.09.2021.

MUANAMOHA, R. Cardoso. *Dynamics of Undocumented Mozambican Labour Migration to South Africa*. Germany: VDM, Verlag Dr. Müller GmbH & co. KG, 2008.

PATRÍCIO, Gonçalves; PEIXOTO, João. Migração forçada na África subsaariana: alguns subsídios sobre os refugiados em Moçambique. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 26, n. 54, p. 11-30, 2018.

HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES (UNHCR). *UNHCR Global Report 2020*. Disponível em: <https://reporting.unhcr.org/sites/default/files/gr2020/pdf/GR2020_English_Full_lowres.pdf#_ga=2.219260697.1867796377.1632097967-17168032.1632097967>. Acesso em 19.09.2021.

SAADEH, Cyro; MAYUMI EGUCHI, Mônica. Convenção relativa ao estatuto dos refugiados - protocolo sobre o estatuto dos refugiados. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/tratado12.htm>>. Acesso em 19.09.2021.

SCHIERUP, Carl-Ulrik. Sob o Arco-Íris: Migração, Precariedade e Poder Popular na África do Sul Pós-Apartheid. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, v. 26, n. 54, p. 115-150, 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-85852018000300115&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28.08.2020.

SIGNOR, Lice Maria. *Irmãs Missionárias de São Carlos, Scalabrinianas 1971-2001*. Brasília: CSEM, 2015.

WFP *Southern Africa Regional Refugee*, Issue No.1 - July 2021. Disponível em: <<https://reliefweb.int/report/democratic-republic-congo/wfp-southern-africa-regional-refugee-issue-no1-july-2021>>. Acesso em 28.12.2021.

WILDNER, E. Marlene (Org.). *Reconstruindo vidas nas fronteiras. Desafios no atendimento junto a migrantes e refugiados*. Brasília: CSEM, 2019.

PARCEIROS, DOADORES E APOIADORES DURANTE ESSES 20 ANOS

O Centro de Acolhida Bienvenu trabalha contando com a colaboração de muitas organizações, locais, regionais e internacionais. Muitas dessas organizações são do meio eclesial, especialmente paróquias, mas também escolas de diferentes inspirações apoiam com articulações, serviços e também doações: **Parceiros e Doadores: Paróquias Católicas, especialmente:** Cathedral Christ The King – Joanesburgo; Our Lady of Lourdes – Rivonia; St. Therese – Alberton; St. Patrick – La Rochelle; Holy Angels – Bez Valley; St Therese – Rosebank; St. Dominique – Welkom. **Serviços Públicos e Escolas:** St Augustine of Canterbury, St. Helens, UK; St. Dominicks School; Marist Brothers School, Linmayer; Lusito School; Jeppe girls School; Three2Six School; St Benedicts College; Bertrams Primary School; Observatory Primary School; Eastgate High school; Troyeville Primary School; Dominican Convent School, Troyeville.

Na impossibilidade de assegurar uma lista completa das ORGANIZAÇÕES PARCEIRAS, optou-se por listar as organizações que colaboraram ajudando o Centro de Acolhida Bienvenu realizar sua missão nos últimos anos:

- Apostolic Nunciature to South Africa
- Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR)
- Alto Comissariado de Direitos Humanos
- Arquidiocese de Joanesburgo
- Cidade de Joanesburgo
- Directors Circle
- Centre for the Study of Violence and Reconciliation (CSV-R-Clinic)
- Comboni Lay Missionaries

- Department of Social Development – Human Trafficking Section
- Department of Home Affairs – DHA
- Médicos Sem Fronteiras
- Denis Institute, Pretoria
- Embassies & Consulates
- Focolare Community
- Future Families – NPO
- Hand in Hand Southern Africa
- Hawks
- **Hospitais:** Baragwanath; Charlotte Maxeke Johannesburg Academic Hospital; Coronation Hospital; Tara Centre; Helen Joseph Hospital; St. Johns Ambulance
- Jeppe Police Station “Adopt a Cop”
- Serviço Jesuíta para Refugiados (JRS)
- Lawyer for Human Rights – LHR
- Lar St. Isabelle, Old Age Home
- Clínicas Locais: Hilbrow Clinic; Bez Valley Clinic;
- OIM (Organização Internacional para as Migrações)
- Departamento de Atenção Pastoral para Migrantes e Refugiados da Arquidiocese de Joanesburgo
- Psychosocial Rights Forum
- Portugues Forum
- Remar South Africa
- RED CROSS
- Southern African Bishops Conference – SACBC
- SACBC Migrants and Refugees Office
- SACBC Trafficking in Persons Office
- Sophiatown Community Psychological Services (Sophiatown)
- Scalabrini Institute of Human Mobility in Africa (SIHMA)
- **Abrigos:** Mother Theresa Home - Missionaries of Charity Mother Teresa; Bethany Home; Nazareth House, Mercy House, Future Families, Ykaya Le Themba
- University of the Witwatersrand, Johannesburg – (Wits University)
- Witz Centre for Reproductive Health
- **Mídias Sociais:** Radios: 94.7, Veritas, 702; Newspaper: Seculo of Johannesburg, The STAR, A voz Portuguesa, AD News – Archdiocese of Johannesburg; TV: RTP; SABC.

Como sinal de reconhecimento pelos dons e todo apoio recebidos ao longo dos 20 anos de sua história, o Centro de Acolhida Bienvenu registra, a seguir, **as organizações que fizeram doações de bens materiais ou de recursos financeiros** para apoiar projetos e iniciativas em favor das pessoas acolhidas ou assistidas.

Além das Organizações locais, nacionais e internacionais que pontualmente, periodicamente ou sistematicamente apoiaram o Centro de Acolhida Bienvenu e seus projetos, centenas de pessoas, talvez milhares, individualmente ou com famílias e grupos de amigos, fizeram essa realidade acontecer, crescer e se consolidar. A ajuda financeira e material, assim como a infinidade de horas e esforços voluntários somados em escuta, diálogos, serviços e presença, são incontáveis e impagáveis. Através de todo apoio recebido, não só foi possível assegurar a sustentabilidade durante esses 20 anos, mas ampliar os espaços, qualificar os serviços oferecidos, aumentar a capacidade de respostas às demandas das mulheres refugiadas e demais pessoas acolhidas e a abrangência da incidência no contexto em que está situado.

No decorrer dos anos, o Centro de Acolhida foi-se dotando de procedimentos internos para assegurar-se de que todas as doações fossem bem recebidas, bem valorizadas, e as pessoas e instituições que as fazem sejam igualmente reconhecidas e valorizadas. Assim, toda doação é registrada formalmente, todo doador recebe uma carta de agradecimento pelo apoio realizado, e todo ano, também fisicamente ou virtualmente, recebe um Certificado de Doador. De alguma maneira pessoas acolhidas, Equipe do Centro e apoiadores externos formam uma grande família, que cresce, se transforma, mas não perde os laços de amor que o encontro solidário fez acontecer.

A lista a seguir apresenta, em ordem alfabética, os nomes das Organizações das quais a Direção à frente do Centro de Acolhida Bienvenu em 2021 tem registro, como reconhecimento e gratidão da importância desses atores e suas contribuições para a história do Centro Bienvenu. Os dados coletados em 2021 indicam os nomes de apoiadores a seguir, que simbolicamente também registram a gratidão e o reconhecimento a todas às pessoas, instituições e doações anônimas, que estão no coração de Deus:

- Academia da Ferrugem
- Academia do Bacalhau
- Academia dos Mafiosos da Caridade, South Africa
- Antonio Braz Trust
- Ann Wigley
- Armona Electrical
- Bembom Bakeries
- Buzzy Buzz
- Charities Aid Foundation Southern Africa (CAF SA)
- CARITAS SA
- Caixa Bank
- Catholic Chinese Welfare Association
- CEI - Italian Bishops Conference
- Comunidade Portuguesa, com especial gratidão: Sr. Antonio Braz (in memoria); Dra. Luisa Fragoso; Sr. Edward Braz; Sr. Ernesto Pinheiro & Família; Dna Paula Savio; Sra. Sandra De Pontes; DE Sousa Family; Marques, Dr. Carlos & Dna Susana; Sr. Nelson Reis; Dna Matilde de Abreu; Sr. Tony Marques; Sra. Vera Nazareth; Sra. Ester & Sr. Tony; Sr. Fernando Vicente e Família; Sr. Emidio e Dna Maria; Sr. Garcia e Família; Sr. Coelho e Família; Ir. Simões e Dna Helena, Dna Irene e Dna Ana.
- Conrad Hilton Fund for Sisters
- Chubby Chums
- CWL (Catholic Womens League)
- CWL (Catholic Womens League Adoptions)
- Congregações: Comboni Missionary Priests; Holy Family Sisters; Dominican Sisters of Oakford; Franciscan Missionaries of Mary - FMM Sisters; Mercy Sisters and Assumption Sisters
- David – nappies, Alberton
- Foods Forward
- FINMARK TRUST
- Furtak Tiling
- Garcia Shopfitters
- Gavin Johnson
- HEUTINK FAMILY, Holland
- Hells Angels Motorbikes
- H R B Security
- JHB East Rottary Club
- JR Meat Wholesalers

- Kindermissionwek, Germany
- Knights of Da Gama Various Councils
- Kirche in Not - Germany
- Katerina Hellene Antoniadis
- Lesego Mosele
- Limegreen Sourcing Solutions
- Luso cycling Primrose
- Magdalena & Friends, Germany
- Manson Plumbing
- MISEAN CARA, Ireland
- MISEREOR
- Mapei South Africa
- Morning Fresh Bakery
- MVR Services
- National Lottery – LOTTO
- Nando and Elsa Foundation
- New Generation
- Papal Foundation
- Pyrotech
- Pick'n Pay Malbarton
- Pick'n Pay Darras Centre
- Portuguese Forum
- Comunidade Portuguesa, com especial gratidão: Sr. Antonio Braz (in memoria); Dra. Luisa Fragoso; Sr. Edward Braz; Sr. Ernesto Pinheiro & Família; Dna Paula Savio; Sra. Sandra De Pontes; DE Sousa Family; Marques, Dr. Carlos & Dna Susana; Sr. Nelson Reis; Dna Matilde de Abreu; Sr. Tony Marques; Sra. Vera Nazareth; Sra. Ester & Sr. Tony; Sr. Fernando Vicente e Família; Sr. Emidio e Dna Maria; Sr. Garcia e Família; Sr. Coelho e Família; Ir. Simões e Dna Helena, Dna Irene e Dna Ana.
- Pioneer Foods
- Pinheiro Construction
- Priess Family
- Princessa Bakery & Coffee Shop
- Congregações: Comboni Missionary Priests; Holy Family Sisters; Dominican Sisters of Oakford; Franciscan Missionaries of Mary - FMM Sisters; Mercy Sisters and Assumption Sisters
- Redskins Golf
- R F. Monitoring
- Rovirod Development

- Round Table Edenvale 63#
- Santais Shoe Box
- St Francis of Assisi – Organisation
- Sunshine Centre, Craighall
- Soule2Soule Foods
- Silo
- Sophia Relief Services
- The 100% Foundation
- Tulisa Meat Market
- Tiber Construction
- Timbuktu in the Valley
- UN Voluntary Fund for Victims of Torture (UNVFVT)
- WELTKIRCHE – Diocese de Rottenburg/Stuttgart, Germany
- Western Union
- Wits Reproductive Health and HIV Institute
- Woolworths, Mayersdel, Alberton
- Wrap n' bag

Temos a humildade de reconhecer, de antemão, que seguramente outras organizações, talvez até no anonimato, somaram e integraram essa grande rede de apoio. As centenas, ou até milhares, de pessoas físicas que sustentam o Centro de Acolhida Bienvenu com suas doações e seus serviços, muitas das quais presentes e apoiando desde o início, desde antes até de março de 2001, por motivos de respeito ao direito de privacidade de cada um e por unidade com os muitos doadores e doadoras anônimos/as, têm seus nomes escritos no coração de Deus e no livro da vida, têm todo reconhecimento e gratidão e as bênçãos de todas as pessoas que foram beneficiadas pelos dons recebidos – mulheres, crianças, famílias. Um agradecimento especial à Comunidade Portuguesa de Joanesburgo, pela presença, apoio, carinho, dedicação e solidariedade ímpar.



CSEM - Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios

 csembrasil

 CSEM Brasília

 www.csem.org.br



Bienvenu Shelter

For Refugee Women and their Children

 Bienvenu Shelter

 www.bienvenuchelter.org

